

**EQUIPES DE NOSSA SENHORA – ENS**

**EQUIPE RESPONSÁVEL INTERNACIONAL – ERI**

**Equipe Satélite sobre Formação Cristã**

**CURSO/ALBERGUE SOBRE  
ANTIGO TESTAMENTO**

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO GERAL.....</b>	<b>3</b>
<b>MESA 1</b>	<b>INTRODUÇÃO AO ANTIGO TESTAMENTO.....</b>	<b>5</b>
<b>MESA 2</b>	<b>O PENTATEUCO: GÊNESIS E ÊXODO.....</b>	<b>24</b>
<b>MESA 3</b>	<b>O PENTATEUCO: LEVÍTICO, NÚMEROS E DEUTERONÔMIO.....</b>	<b>45</b>
<b>MESA 4</b>	<b>JOSUÉ, LIVRO DOS JUÍZES, E OS LIVROS DE SAMUEL.....</b>	<b>54</b>
<b>MESA 5</b>	<b>LIVRO DOS REIS, O REINO DO NORTE E O REINO DO SUL.....</b>	<b>65</b>
<b>MESA 6</b>	<b>O EXÍLIO E A DOMINAÇÃO PERSA.....</b>	<b>83</b>
<b>MESA 7</b>	<b>ESCRITOS SAPIENCIAIS.....</b>	<b>100</b>
<b>MESA 8</b>	<b>LIVROS DEUTEROCANÔNICOS.....</b>	<b>119</b>
	<b>BIBLIOGRAFIA UTILIZADA, CITADA E RECOMENDADA.....</b>	<b>129</b>

## INTRODUÇÃO GERAL

A proposição de um curso para casais das Equipes de Nossa Senhora sobre o Antigo Testamento representa uma tarefa complexa por, pelo menos, duas razões: o próprio tema e o desconhecimento sobre o grau de conhecimento de cada casal que será participante deste curso.

Neste sentido, optamos por escrever um documento que contivesse os elementos que julgamos importantes para delimitar a apresentação do tema, bem como buscar um nível básico que trouxesse esses elementos de maneira ordenada ou sistematizada, sempre que possível.

Para esta obra efetuamos uma extensa pesquisa sobre outros cursos já existentes, bem como sobre o próprio Antigo Testamento e como os exegetas e estudiosos valorizam as passagens nele contidas.

O Antigo Testamento trata basicamente das relações entre Deus e o povo Israelita. O Antigo Testamento ou as Escrituras Hebraicas constituem a primeira grande parte da Bíblia Cristã, e a totalidade da Bíblia Hebraica, e foram compostos em hebraico ou aramaico.

A revelação de Deus à humanidade transmitiu-se, durante muitos séculos, através da tradição oral. A Escritura só começa a ganhar corpo a partir de David.

O Antigo Testamento é a parte mais longa da Bíblia. Constitui a lista oficial ou o cânon de livros aceitos como inspirados e referentes ao tempo da religião hebraica anterior ao cristianismo. Mas esta lista ou cânon da Sagrada Escritura conheceu algumas divergências, já desde os tempos antigos. Tais divergências nascem das próprias vicissitudes da formação da Bíblia entre os antigos hebreus.

A Bíblia que tem a lista mais longa de livros, chamada dos Setenta, é, na verdade, a mais antiga e provém do judaísmo de Alexandria. Apresenta uma tradução dos textos bíblicos para o grego, feita nos três séculos imediatamente anteriores ao cristianismo.

Por várias circunstâncias, nomeadamente pelo fato de estar na língua grega de uso internacional no Mediterrâneo oriental, depressa o cristianismo fez sua a Bíblia

Grega da Tradução dos Setenta e sempre aceitou o cânon do Antigo Testamento por ela apresentado.

O Catecismo da Igreja Católica (CIC) afirma que **Deus é o Autor da Sagrada Escritura**. Citando a Dei Verbum, assim nos fala:

“A verdade divinamente revelada, que os livros da Sagrada Escritura contêm e apresentam, foi registrada neles sob a inspiração do Espírito Santo”.

“Com efeito, a santa Mãe Igreja, segundo a fé apostólica, considera como sagrados e canônicos os livros completos do Antigo e do Novo Testamento com todas as suas partes, porque, escritos por inspiração do Espírito Santo, têm Deus por autor, e como tais foram confiados à própria Igreja” (DV, 11; CIC, 105).

**E continua:**

“Na Sagrada Escritura, Deus fala ao homem à maneira dos homens. Portanto, para bem interpretar a Escritura, é necessário prestar atenção ao que os autores humanos realmente quiseram dizer, e àquilo que aprova a Deus manifestar-nos pelas palavras deles” (DV, 12, § 1; CIC, 109).

“Para descobrir a intenção dos autores sagrados, é preciso ter em conta as condições do seu tempo e da sua cultura, os ‘gêneros literários’ em uso na respectiva época, os modos de sentir, falar e narrar correntes naquele tempo. Porque a verdade é proposta e expressa de modos diversos, em textos históricos de vária índole, ou proféticos, ou poéticos ou de outros gêneros de expressão” (DV, 12, § 2; CIC, 110).

Portanto, encontramos no CIC que “Deus escolheu Abraão e concluiu uma aliança com ele e os seus descendentes. Fez deles o seu povo, ao qual revelou a sua Lei por meio de Moisés. E preparou-o, pelos profetas, a acolher a salvação destinada a toda a humanidade” e que “Deus revelou-Se plenamente enviando o seu próprio Filho, no qual estabeleceu a sua aliança para sempre. O Filho é a Palavra definitiva do Pai, de modo que, depois d'Ele, não haverá outra Revelação” (CIC, 72 e 73).

Assim, conhecer o Antigo Testamento é conhecer a revelação de Deus aos homens, que definitivamente vamos encontrar no envio do Filho preparado pelos profetas.

**BOM ESTUDO!**

## MESA 1 – INTRODUÇÃO AO ANTIGO TESTAMENTO

Esta primeira Mesa busca estabelecer o contexto onde se produz o Antigo Testamento como instrumento de comunicação de Deus para com a humanidade, especificamente com o Seu povo escolhido. Neste sentido devemos adotar algumas premissas básicas:

- a) Entender a Bíblia como a comunicação de Deus com os homens. Deus quer salvar os homens e se comunica com eles.
- b) Entender a Bíblia como uma manifestação de Deus. Deus forma um povo santo, que escolhe e se manifesta de uma maneira especial. Mais tarde, nos envia seu Filho, que nos dá a sua mensagem. Ele morre e ressuscita para nos salvar. Os primeiros cristãos, guiados pelo Espírito Santo, espalham a mensagem de Jesus.
- c) Todas estas manifestações de Deus é o que está escrito na Bíblia.
- d) Entender a Bíblia como a Sagrada Escritura. A Bíblia é o nosso livro sagrado, que contém a Palavra de Deus como revelação divina, comunicada primeiro na religião judaica, ampliada mais tarde por Jesus e guardada pela Igreja.
- e) Entender os "Livros" da Bíblia como rolos de papiro e pergaminho que eram utilizados para receber a palavra escrita. Não é um livro, mas uma série de livros que foram escritos ao longo de muitos anos e por vários autores. Somam um total de 73 livros.

Esta Mesa está organizada da seguinte maneira: se inicia com uma apresentação da Bíblia e seus livros. A seguir, é importante conhecer o contexto onde se desenrola o Antigo Testamento, especialmente a Palestina e o Oriente Médio, bem como os grandes impérios que atacaram e dispersaram o povo de Israel. A seguir são apresentados usos e costumes do povo de Israel e os diferentes estilos literários que foram usados na composição dos livros do Antigo Testamento. Finalmente, se chega à apresentação da Bíblia como Palavra de Deus para a humanidade.

### 1.1- Apresentação da Bíblia

Os cristãos dividem a Bíblia em duas partes principais: o **Antigo Testamento**, que contém livros escritos até a vinda de Jesus. Contém 46 livros.

E o **Novo Testamento**, que compreende os livros escritos a partir de Jesus Cristo, e contém 27 livros.

**Os livros do Antigo Testamento são divididos em quatro seções:**

- a) **Pentateuco** - os cinco primeiros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.
- b) **Livros históricos:** Josué, Juízes, Rute, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias, Tobias, Judite, Ester, 1 e 2 Macabeus.
- c) **Literatura poética e sabedoria:** Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria, Eclesiástico.
- d) **Livros proféticos:** Isaías, Jeremias, Lamentações, Baruc, Ezequias, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias.

**Os livros do Novo Testamento incluem:**

- a) Os quatro Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João.
- b) Os Atos dos Apóstolos.
- c) As cartas de São Paulo e outros apóstolos.
- d) O livro do Apocalipse.

## **1.2- Algumas características**

### **a) Idiomas**

A maioria dos livros do Antigo Testamento foi escrito em hebraico. Seis, dos últimos, estão escritos em grego. O Novo Testamento é inteiramente escrito em grego.

### **b) Um Testamento para outro**

Testamento significa "aliança". O Antigo Testamento refere-se à aliança que tinha Moisés como o mediador no Monte Sinai. O Novo Testamento é a aliança que tem Jesus como mediador.

### **c) Capítulo e versículo**

Cada livro é dividido em capítulos numerados e, por sua vez, cada uma das frases neste capítulo tem um número. É a divisão em versículos. Exemplo: Gn 2,1-6 representa: Livro do Gênesis, capítulo 2, versículos de 1-6.

#### **d) Palavra de Deus escrita por homens**

A Bíblia foi escrita por pessoas reais, por vezes desconhecidas, com base em sua própria cultura e experiência com Deus. Mas Deus inspirou-os a comunicar a sua mensagem e a responder às grandes questões da vida: Quem somos nós? De onde viemos? Quem é Deus? Porque existe o mal e a morte?

#### **e) Escrito depois de um longo processo**

O povo de Israel descobriu a presença e ação de Deus ao longo da história. Estes fatos foram transmitidos oralmente, e mais tarde foram colocados por escrito.

#### **f) Diferentes estilos de escrita**

Na Bíblia se encontram diferentes estilos, como relatos históricos, histórias de aventuras, contos, poemas de amor, provérbios, cantos, orações, discursos, cartas, etc., que foram escritos de forma diferente e que necessitam de aprendizado para serem interpretadas.

#### **g) Um mundo de símbolos**

Os semitas usavam muitos símbolos para expressar-se. Exemplo: "Este homem leão", significa que é valente. Outros: "Deus é a minha rocha, a minha fortaleza". "Meu Senhor tinha uma vinha".

Foi por meio deste estilo de falar que foram transmitidas de geração em geração as crenças religiosas do povo de Israel, e que depois foram escritas.

#### **h) Não é um livro científico**

A ciência oferece informações. A linguagem comunicativa usa símbolos. Os autores dos livros sagrados não são cientistas. Escreveram influenciados pela cultura de seu tempo. Buscam expressar verdades da fé, e não conhecimentos científicos.

#### **i) Crescer para comprometer-se**

Para compreender os escritos bíblicos é necessário crer. A Bíblia nos conta a história interpretada a partir da fé. Os crentes que compuseram a Bíblia viam nos acontecimentos a Palavra e a intervenção de Deus.

#### **j) Deus continua falando e atuando em nós**

Que interesse eu posso ter pela Bíblia? Deus fala a Abraão, a Moisés, aos profetas. Deus faz milagres para libertar os oprimidos, para curar os doentes.

O que isso tem a ver com a minha vida? A experiência da nossa própria vida está refletida na Bíblia. Deus continua a falar conosco, como ele falou com os profetas, e continua atuando em nós.

### **1.3- Palestina**

#### **a) O nome**

Em grego, Palestina significa "terra dos filisteus", povo que ocupava aquelas terras até que foi derrotado pelos exércitos de Davi. Ao longo da história recebeu outros nomes: Canaã, ou a terra dos cananeus; Israel, o nome que Deus deu a Jacó (Gn 32,29). Os cristãos deram o nome de Terra Santa, porque Jesus a santificou com a sua presença e sua palavra.

#### **b) Geografia física**

Palestina é um território da Ásia Ocidental entre o Mediterrâneo, Líbano, Jordânia e o deserto do Sinai. Sua área total é estimada em cerca de 27.000 km<sup>2</sup>. A geografia da Palestina consiste em três faixas paralelas que cortam o território de norte ao sul:

##### ➤ A Região Costeira

É uma faixa de terra plana e arenosa, onde se cultiva a laranja, e onde se concentram as cidades, e a maioria da população.

##### ➤ A Região Montanhosa

Começa no norte da Galileia no Monte Hermon. É cortado pela planície fértil de Jezreel ou Esdrelon, e continua para o sul, para as montanhas de Samaria e Judéia. Termina na cidade de Hebron, na orla do deserto de Negev.

##### ➤ O Vale do Rio Jordão

O vale, através do qual o leito do rio corre, é a mais profunda depressão da terra. Nela se encontra o Lago de Genesaré (também chamado de Tiberíades ou Mar da Galileia), que se encontra a 212 metros abaixo do nível do mar; e o Mar Morto, onde desemboca o Rio Jordão, que se encontra a 408 metros abaixo do Mar Mediterrâneo, tendo uma salinidade elevada (26%). Por esta razão, a Bíblia chama-o de Mar de Sal.

##### ➤ Em uma encruzilhada de civilizações

A Palestina, situada entre o Egito e a Mesopotâmia, era lugar de passagem de caravanas, e também de exércitos, resultando num grande intercâmbio cultural com a



mistura de raças e povos, entre os quais estão os semitas, descendentes de Sem, filho de Noé. Um grupo deles constitui o povo de Israel ou o povo judeu.

Estrategicamente localizado no centro de uma vasta região, a Palestina vive alternativamente submetida às pressões dos grandes impérios: Babilônia e Assíria, ao norte, e do Egito, ao sul.

➤ Uma terra cheia de contrastes

Neve eterna cobre o Monte Hermon. Montanhas áridas atravessam a Palestina. Ao Norte são encontradas as planícies férteis, e ao sul dois desertos: o de Judá e de Negev. O Lago de Genesaré tem suas orlas onduladas e suaves. Próximo do Mar Morto, a paisagem parece uma paisagem lunar.

#### **1.4- Diferentes culturas do Oriente Médio**

A mentalidade egípcia é moldada pelo país. O egípcio vive numa região luminosa. Ele acreditava que o Sol vencida o poder da noite. Assim, o Sol foi deificado sob vários nomes, sendo o primeiro dos deuses, que gera os outros deuses e homens. O rio Nilo é a fonte de vida pela água e pelo vale fértil devido às inundações periódicas.

Portanto, o temperamento egípcio é naturalmente otimista no que tange a cada pessoa individualmente. Seus deuses são bons e zelam pelos homens. Após a morte acreditavam numa vida nova e radiante.

Porém, quando os povos da região são tomados em seu conjunto, o que se encontra é um pessimismo generalizado. Vivem em vales onde as inundações são imprevisíveis e, muitas vezes, provocaram "inundações" reais, dos quais muitos vestígios foram encontrados em escavações.

As invasões de nômades do Deserto da Arábia ou do planalto do Irã também eram frequentes.

Por sua vez, os deuses da Mesopotâmia, como um todo, são caprichosos e estavam continuamente lutando entre si. O homem se apresenta como um mortal e tinha medo das iras dos deuses. O reino dos mortos é triste, onde as sombras dos mortos estão reunidas para um destino sem nenhuma felicidade. Na chamada Epopéia de Atrahasis (poema épico da Mitologia suméria, sobre a criação e o dilúvio universal) está descrito como os deuses criaram o homem para fazer o seu trabalho. O homem foi modelado com um pouco de argila misturada com sangue.

O deus principal é chamado El, muitas vezes apresentado sob a forma de um touro. (Um dos nomes de Deus na Bíblia é Elohim, plural majestoso de El). Nesta religião, as forças da natureza eram endeusadas. Baal é o deus da tempestade e da chuva, às vezes chamado de "cavaleiro das nuvens". Sua irmã Anat, mais tarde chamado de Astarte, é a deusa da guerra, do amor e da fertilidade.

Israel, especialmente o reino de Samaria, foi atraído pela religião Cananéia, cujos cultos sexuais oferecidos à deusa nua em "lugares altos" e seus ritos eram considerados responsáveis pela obtenção da fertilidade do solo e dos rebanhos.

Deve-se notar uma característica fundamental do povo de Israel e que o distingue das outras mentalidades acima indicadas. "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor". Esta é a fé essencial do povo como formula o Deuteronômio (6,4). Israel tem consciência de que é o seu Deus que o chama, que o escolhe, que o constitui como um povo, que tem cuidado por ele e que o protege. O povo responde com o seu amor por Ele. O culto é um sinal de gratidão, uma ação de graças e um reconhecimento da ação salvadora de Deus.

Por outro lado, nas outras religiões, o homem projeta nele mesmo uma divindade e, assim, se esforça para dela se apoderar e colocá-la a seu serviço.

## **1.5- Os Grandes Impérios**

### **a) Egito**

No Sul, no vale do Nilo, a partir do ano 3.000 a. C., o Egito tornou-se um povo importante, governado por dinastias de reis e faraós. A história do Egito é normalmente dividida por dinastias. O êxodo ocorreu provavelmente em torno da 19ª dinastia (cerca de 1.250 a. C.).

O Egito dominou Canaã muito antes de Israel se instalar como povo. Seguindo seu apogeu sob os Ramsés (19ª Dinastia), o Egito perde gradualmente seu poder, mas não deixa de ameaçar Israel.

### **b) Na Mesopotâmia (significa entre rios)**

Civilizações magníficas coexistiram ou se sucederam. No Sul se localizava Sumer, Akkad e Babilônia. Ao Norte, no território que hoje é o Iraque, se localizava a Assíria. Mais a leste, no Irã moderno, eram os medos e, em seguida, os persas.

### **c) Assíria**

Sua expansão se dá durante o século IX a. C. A Samaria é tomada em 721 a. C. É o fim do Reino do Norte ou Israel. Parte dos habitantes foi deportado para a Assíria. Em 701 a. C., Senaqueribe, rei da Assíria de 705 a 681 a. C., iniciou uma campanha contra Judá e sitiou Jerusalém. Derrotado no Egito em 660 a. C., levou os assírios a um rápido declínio. Nínive é tomada pelos babilônios em 612 a. C.

### **d) Babilônia**

Tem sua hegemonia no século XVIII a. C. com Hamurabi. Ela é então submetida pela Assíria. Depois de 625 a. C. seu poder aumenta. Nabucodonosor derrotou os assírios e em 597 a. C. toma Jerusalém, deportando o rei e parte de seus habitantes. Em 587 a. C. toma novamente Jerusalém e a destrói, incendiando o templo e a arca da aliança. Deporta os habitantes para a Babilônia. É o fim do reino de Judá.

### **e) Pérsia**

Ganha um enorme poder a partir do reinado de Ciro. Em 539 a. C. toma a Babilônia. Em 538 a. C. firma um decreto permitindo que os judeus regressem ao seu país. O Império Persa se estende do Egito para a Macedônia, mas não consegue dominar a Grécia.

### **f) Grécia**

Filipe da Macedônia consegue unir toda a Grécia sob seu comando. Com a chegada ao poder de seu filho, Alexandre Magno, em 336 a. C., começa uma nova era de sua história. Alexandre conquista o Egito, a Babilônia, Susa e Persépolis (cidades importantes da Pérsia). A Palestina cai sob o seu domínio em 333 a. C. Um seu sucessor, o rei Antíoco IV Epifânio, proibiu a religião judaica no ano de 168 a. C, e impõe pela força práticas religiosas gregas. É um tempo de martírio e luta.

### **g) Roma**

Pompeu derrota os Seleucidas (63 a. C.). A partir de então, a Palestina está sob o domínio romano. O ano de 37 a. C, Herodes, o Grande, foi nomeado pelo senado romano, rei da Judéia.

## **1.6- Mil anos de História ou os grandes momentos de Israel**

### **a) Reino de Davi - Salomão**

Por volta do ano 1.000 a. C., Davi toma Jerusalém e a converte na capital de um reino que reúne as tribos do Sul e do Norte. Seu filho Salomão é responsável pela organização do reino. Há, portanto, uma terra, um rei e um templo onde Deus está presente com o seu povo.

Também, por essa época, começam a ser escritas as memórias do passado: Êxodo, ou a libertação do Egito, torna-se a experiência fundamental em que se descobre que Deus é libertador, salvador. A história dos patriarcas é escrita, observando como a promessa de Deus a Abraão foi realizada em Davi. Também se remonta ao início do mundo: Deus não só quer salvar o seu povo, mas toda a humanidade.

### **b) Os dois reinos: Judá e Israel**

Quando Salomão morreu no ano de 933 a. C., o reino foi dividido em dois: no Sul: Judá, com sua capital em Jerusalém, e no Norte: Israel, com sua capital em Samaria. Judá permaneceu fiel à dinastia de Davi. O rei dava unidade à nação e a representava diante de Deus, aquele Deus que habitava em seu templo.

As tradições que começaram sob o reino de Davi-Salomão definem uma história judaica sagrada (ou de Judá). Nela pregam os profetas Isaías e Miquéias.

Israel rompe com a dinastia de Davi. O rei não tem a mesma importância religiosa. Pelo contrário, o profeta é que une as pessoas e mantém sua fé, ameaçada pelo contato com a religião dos cananeus que homenageia o Baal (imagem de um deus em forma de um touro).

As tradições que começaram sob David-Salomão se manifestam numa história sagrada do Norte, onde pregam os profetas Elias, Amós e Oséias. No Norte são formadas algumas coleções de leis que, recolhidas em Judá, tornou-se o Deuteronômio. Os livros de Josué, Juízes, 1 e 2 de Samuel, e 1 e 2 de Reis foram escritos no reino de Judá.

Em 721 a. C., Israel é destruído pelos assírios. Em 587 a. C., o povo de Judá é deportado para a Babilônia.

### **c) Exílio babilônico**

Por meio século as pessoas vivem no exílio. Perderam tudo: sua terra, seu rei, seu templo. Será que também perderam a sua fé em Deus?

Alguns profetas, como Ezequiel e um discípulo de Isaías, reavivam a sua esperança. Sacerdotes fazem o povo reler suas tradições para nelas encontrar um sentido para os seus sofrimentos. Isto virá a concretizar a história sacerdotal sagrada.

### **d) Sob o domínio dos persas**

Em 538 a. C., Ciro, rei da Pérsia, libertou os judeus que então retornaram para a Palestina. Aqueles que retornam, restauraram as tradições religiosas. A comunidade, purificada pelo sofrimento do exílio, viveu na pobreza. Neemias reconstruiu os muros de Jerusalém. Esdras, sacerdote e escriba, fomentou na comunidade o interesse pela Palavra de Deus.

Ao longo dos cinco séculos anteriores, o povo revisou várias vezes sua história para nela encontrar, em cada ocasião, um sentido para sua vida e uma esperança.

Estas histórias sagradas, juntamente com o Deuteronômio, são recolhidas por Esdras para formar um único livro: a Lei. De outra parte, a reflexão dos Sábios, que havia começado já antes de Salomão, levou à produção de algumas obras mestres como Jó, Jonas, Provérbios, Rute, Salmos, Cântico dos Cânticos.

### **e) Sob o governo da Grécia: helenização**

Em 333 a. C., Alexandre Magno conquistou o Oriente Médio e estendeu por toda a região a cultura e a língua gregas. Com a morte de Alexandre, a Palestina ficou sob a jurisdição dos Lágidas, dinastia grega que governou o Egito. Muitos judeus se estabeleceram em Alexandria (Egito). Eventualmente, eles esqueceram o hebraico, passando a usar o grego. Por essa razão, foi feita a tradução da Bíblia ao grego. Esta tradução é chamada de Versão dos Setenta ou Septuaginta, traduzida em etapas entre o terceiro e o primeiro século a. C. em Alexandria, e que foi utilizada pelas primeiras comunidades cristãs.

Foi na Palestina que foram escritos os livros das Crônicas 1 e 2, Esdras e Neemias, Eclesiastes, Eclesiástico, Tobias.

Ao impor-se a Síria ao Egito, se iniciou uma fase difícil para os judeus sob o domínio dos Selêucidas. Em 167 a. C., o rei de Antioquia tenta obrigar, sob o risco de

pena de morte, os judeus a renunciar à sua fé e impõe pela força as práticas gregas. Os judeus que permanecem fiéis à lei de Moisés foram perseguidos.

Judas Macabeu começou então uma luta armada e conseguiu a vitória. A memória literária dessa atitude religiosa e nacionalista foi recolhida nos livros dos Macabeus, de Esther e de Judite. O povo se liberta em 164 a. C. Então, se desenvolve nos autores a reflexão sobre o apocalipse, onde esperam a intervenção de Deus no fim dos tempos, conforme salientado no Livro de Daniel.

Desta luta com os pagãos surgem vários grupos judaicos que zelam pelo cumprimento fiel à letra da lei e contrários aos judeus que contempORIZARAM com os pagãos. Assim nasceram as seitas dos fariseus e dos essênios.

O Livro da Sabedoria foi o último livro escrito do Antigo Testamento.

#### **f) A Dominação Romana**

Graças aos esforços dos Macabeus, os judeus puderam desfrutar de alguns anos de paz. Porém, no primeiro século a. C., divididos entre si, sem concordar na sua luta pelo poder, eles pactuaram com os romanos. Tropas de Pompeu entraram em Jerusalém no ano 63 a. C. Assim, a Palestina torna-se uma província romana. O Rei Herodes, o Grande, reina sob a proteção de Roma a partir de 40 a. C. Durante o seu reinado Jesus nasceu em Belém.

### **1.7- O povo**

#### **a) O nome**

Vários nomes são utilizados para designar o antigo povo de Deus:

- Hebreus, significa "passagem". Eram os hebreus no tempo dos patriarcas: homens da passagem, sempre em movimento, verdadeiros "nômades do deserto".
- Israelitas, ou os filhos de Israel, que é o segundo nome do patriarca Jacó; significa: o homem que tem lutado junto a Deus e estado com Ele.
- Judeus, ou filhos de Judá: são sobreviventes do reino de Judá após o exílio babilônico; o significado da palavra é louvar, celebrar, exaltar.

Os nomes distintos lembram três disposições importantes: "estar de passagem", "estar junto a Deus" e "louvor".

## **b) Pastores**

A vida em toda a história de Israel mostra grandes transformações. A princípio, os judeus são pastores. Eles levam uma vida nômade ou pobre, vagando em busca de pasto para os seus rebanhos. Existe certa igualdade econômica entre as famílias. Respeitam a hospitalidade como uma lei sagrada. Às vezes têm conflitos com tribos vizinhas devido ao controle de poços de água e cisternas.

## **c) Agricultores**

Lentamente, os judeus abandonam suas tendas para habitar em casas de barro, com tijolos ou pedras. Mudam seu ofício de pastor para agricultor. A sociedade hebraica se torna agrícola. Semeiam trigo e cevada. Cultivam vinhedos e hortas. Recolhem as olivas e os frutos das árvores.

## **d) Artesãos**

Com o estabelecimento da monarquia, aparecem em segundo plano os artesãos ou pequenos industriais, tais como oleiros, carpinteiros, tecelões, comerciantes ou lojistas.

## **e) A cidade**

A vida social, econômica e política se encontrava na cidade. Sua missão principal é defender os seus cidadãos de ataques inimigos. Por isso, tem muralhas e portas bem fortificadas. As ruas são estreitas e as casas são modestas e baixas. Ao seu redor se agrupam as casas de artesãos e lojistas.

De noite, as lamparinas de azeite eram acesas. Cada casa tinha geralmente um moinho de pedra e um forno de pão.

## **f) Desigualdades sociais**

O surgimento de um Estado centralizado passa a destacar gradualmente classes sociais e distintas funções dentro da sociedade. As diferenças sociais passam a ser reconhecidas. Cria-se um fosso crescente entre ricos e pobres. São eles que sofrem a maioria dos desastres: seca, epidemias e devastação de inimigos invasores.

Assim, os profetas passam a fazer denúncias vigorosas e leis são escritas para proteger os fracos: pobres, órfãos e viúvas.

## **1.8- As festas**

### **a) Um povo em festa**

A festa é o eixo espiritual de Israel. Quando o povo celebra uma festa, revive as obras realizadas por Deus em seu favor ao longo da história.

O ano litúrgico hebreu tem três tipos de comemorações: Sábado, luas novas (celebrações na lua nova) e festas.

São cinco as principais festas: Páscoa, Pentecostes, Tendras ou Tabernáculos, Ano Novo e o grande Dia da Expição. A característica comum de todas as festas de Israel é a alegria e esperança.

### **b) Sábado**

Sábado ou Shabat logo adquire um significado religioso. Os fiéis entram no descanso de Deus, celebrando a alegria de estar em aliança com Deus. Neste dia os sacerdotes e os doutores oferecem sacrifícios ou educam as pessoas ensinando a Lei.

### **c) Páscoa**

Páscoa significa "passagem" e é quando os israelitas lembram que Deus passou pela porta de suas casas enquanto castigava as casas dos egípcios. É comemorada na primavera.

A partir do Rei Salomão, o povo peregrinava a Jerusalém para celebrar com sacrifícios a alegria da libertação da escravidão no Egito. A ceia do cordeiro lembra aos membros de cada família a façanha de Javé que salva e faz triunfar seu povo.

### **d) Pentecostes**

Originalmente, era a festa da colheita. Era um dia de alegria e ação de graças. Nesse dia se oferecia as primícias que tinham sido produzidas. Logo, este dia se converteu na festa do aniversário da Aliança. O povo celebrava com alegria o dom da Lei promulgada no Monte Sinai e a renovação da Aliança.

### **e) Tendras ou Tabernáculos**

Era realizada no final do verão com grande solenidade para dar graças a Deus pelos frutos da terra e pedir chuva para o próximo plantio. Além disso, as pessoas celebravam por sete dias as recordações da dura marcha pelo deserto.

### **f) Ano Novo e Expição**

A alegria da criação e do perdão estava presente nessas festas.



## **1.9- A Bíblia, Palavra de Deus**

### **a) Palavra de Deus**

A Bíblia é a Palavra de Deus, porque, através dos acontecimentos e da vida cotidiana do povo de Israel, Deus se comunica e revela o que quer dos homens. Mais diretamente nos falou por meio dos profetas e do seu Filho.

Antes de escrever, os autores da Bíblia refletiram sobre o que tinha acontecido aos seus antepassados ao longo de muitos anos. Nesta reflexão, eles descobriram a mensagem de Deus nos acontecimentos de cada dia.

Assim, a Bíblia contém a verdade inspirada por Deus para alguns homens que, como verdadeiros autores, escreveram sob a ação divina acerca da salvação.

### **b) Palavra humana**

Os homens que compuseram os livros da Bíblia devem ser considerados, de acordo com o Concílio Vaticano II, como verdadeiros autores. Isso significa que eles aportaram à sua obra, embora estando sob a ação de Deus, tudo o que um autor humano traz para a composição de seu livro: o seu próprio estilo, suas ideias, sua psicologia, sua história pessoal, seu baixo conhecimento científico, as concepções vigentes em seu ambiente social. Eles apresentam a revelação divina no molde de sua mentalidade humana.

A consequência disto é que os livros sagrados são também livros humanos, no sentido pleno da palavra. Portanto, não é de estranhar que apresentem erros históricos ou científicos que são frutos da forma de pensar na época em que foram escritos.

### **c) A verdade religiosa**

A Bíblia não é um livro de história no sentido dado a este assunto hoje, embora forneça alguns dados históricos. Também não é um livro de ciência, embora assim tenha sido reconhecido por séculos, o que levou a graves erros.

O fato de que a Bíblia contém a verdade inspirada implica que não contém erros a respeito dela. O objetivo dos autores bíblicos foi transmitir uma verdade religiosa, e não um dado científico ou histórico.

Esta mensagem ou verdade religiosa foi exposta usando a linguagem, mentalidade, costumes e crenças de uma determinada época. O que é importante,

mais do que o evento ou o fato que se conta, é o sentido que nele se descobre à luz das relações do ser humano com Deus.

Busquemos, pois, na Bíblia a mensagem religiosa que ela deseja transmitir.

#### **d) A inspiração divina**

Escritores cristãos do século II já comparavam o profeta e, respectivamente, o autor sagrado, como um instrumento musical tocado ou pulsado por Deus. Esta imagem implica que a Palavra de Deus não pode ser percebida se não for traduzida em mensagem humana pelo homem.

A inspiração das Escrituras supõe um influxo positivo do Espírito Santo nas faculdades do escritor, que percebe o que Deus quer transmitir através da oração, reflexão sobre a sua história, fatos da vida, etc. A inspiração de Deus é uma revelação interior no coração do homem, o que não anula a originalidade do autor.

### **1.10- Gêneros literários**

Existem diferentes maneiras de dizer a mesma coisa. Estas diferentes formas são chamadas de gêneros literários. Toda sociedade precisa de uma literatura. A nação tem suas leis, seus discursos, suas festas, suas histórias do passado, seus poemas e suas canções.

A existência de Israel como povo resultou numa literatura nascente, e como em toda literatura nascente, com diferentes gêneros. Cada forma de expressão, cada gênero tem sua verdade. Não é necessário ler o relato da criação (Ge 1) como um ensino de ciências: é um gênero mítico; nem a passagem do Mar Vermelho como uma "reportagem ao vivo" (Ex 14): é um gênero épico.

Vamos rever alguns desses gêneros presentes no Antigo Testamento.

#### **a) Gênero mítico**

Os escritores bíblicos são inspirados por grandes mitos da antiguidade e os reestruturam em função de sua fé em Deus que intervém na história. Assim, eles respondem às questões fundamentais que o homem pergunta sobre suas origens.

Exemplos do uso deste gênero são os relatos da criação do universo e do homem, do pecado original, de Caim e Abel, do Dilúvio, da Torre de Babel.

### **b) Gênero histórico**

Uma grande parte da literatura bíblica se inclui dentro do gênero histórico. A história que os escritores sagrados usam tem pouca semelhança com a história moderna. Muitos detalhes são omitidos, enquanto outros são destacados. Mais que dados ou datas, se reconhece uma significação religiosa. O que é importante é a relação com Deus. Exemplos são: Livro dos Reis, Neemias, Esdras.

### **c) Gênero épico**

O passado é narrado com o desejo de especialmente despertar o entusiasmo e celebrar os heróis. Os fatos históricos são exagerados, embelezados e exaltam a Deus.

A realidade do que foi narrado era muito mais simples, mas a importância dos eventos faz com que sejam destacados de uma forma extraordinária. São obras de Deus. Exemplos do uso deste gênero são: a travessia do Mar Vermelho, a conquista da Terra Prometida, o livro de Josué, os Juízes.

### **d) Gênero novela**

É uma narrativa livre. A construção literária, que pode ter um fundo histórico ou ser simplesmente inventada, a fim de deduzir uma educação religiosa. Exemplo do uso desta narrativa é encontrado em: Ester (o valor da oração diante de Deus), Judite (Deus salva o seu povo se ele é fiel à Aliança), Tobias (Deus está presente em nossas vidas), Jonas (gentios também recebem o perdão de Deus), Jó (sempre tem que acreditar e esperar em Deus).

### **e) Gênero litúrgico**

É típico da liturgia: celebrações e ritos (sacrifícios, por exemplo). Os atos religiosos manifestam a relação que temos com Deus. O rigor dos ritos era uma forma de expressar o sentimento que eles tinham em viver na presença de Deus. Muitos dos títulos e as regras de comportamento são próprios da cultura do autor, que separa estritamente o sagrado do profano. Exemplo deste gênero é o Levítico.

### **f) Gênero Lírico**

A Bíblia contém muitos poemas. Por meio do gênero lírico o poeta expressa lindamente os sentimentos de seu espírito. As imagens poéticas são típicas de seu tempo. Evocam o ambiente social, familiar, cultural, político, rural e religioso de sua época. Devemos tomar o espírito profundo que expressam. Exemplos: os salmos são

orações que o povo fazia ao Senhor; o Cântico dos Cânticos celebra a beleza do amor humano; as Lamentações são gritos penosos devido à destruição de Jerusalém.

#### **g) Gênero sapiencial**

Sábio é aquele que busca descobrir em sua vida e no mundo aquilo que favorece a vida e não a morte. O mestre ensina seus discípulos com reflexões sobre as grandes questões humanas, e assim como conduzir sua vida com sabedoria, amando ao próximo, evitando maus hábitos, exercitando a virtude da prudência e as habilidades necessárias para saber comportar-se diante de diversas situações da vida. Exemplos deste gênero são os Provérbios, o livro da Sabedoria, Jó, Eclesiástico, Eclesiastes.

#### **h) Gênero profético**

O profeta fala em nome de Deus. As palavras não são dele, mas algo dentro dele que o leva a falar, apesar do perigo a que estão expostos. O gênero profético usa:

- Oráculos, que são declarações solenes por meio das quais se anuncia algo que vai acontecer, como em Jr 19,3-9;
- Ações simbólicas, por meio das quais os profetas querem reeducar o povo sobre sua situação e os perigos que se aproximam, como em Jr 24,1-10;
- Visões, por meio das quais os profetas expressam suas experiências íntimas, seu relacionamento com Deus, como em Jr 35,1-13.

#### **i) Gênero apocalíptico**

Entre o ano 150 a. C. e 70 d. C., esta corrente influenciou profundamente a mentalidade dos crentes, fazendo-os viver na esperança do fim. Busca encorajar um povo ou uma Igreja perseguida.

O gênero contém visões apocalípticas e anúncios de catástrofes que têm caráter prévio à paz completa final. São livros cheios de simbolismo, como distúrbios cósmicos, ou simbolismo dos animais que representam as forças misteriosas que estão acima de homem, mas submetidas a Deus, ou o simbolismo dos números, especialmente o sete e seus múltiplos, indicando a totalidade, ou o simbolismo das cores, etc. Exemplos são o Livro de Daniel e o Apocalipse de São João.

## **1.11- A Bíblia na Vida da Igreja**

### **a) O Magistério da Igreja**

A interpretação da Bíblia não fica a critério individual de cada crente, mesmo dos sábios. O Magistério da Igreja tem o direito e o dever de dar a última palavra. Mas, antes de se pronunciar, a Igreja necessita interrogar a Bíblia à luz da ciência e da vida da Igreja, e escutar humildemente a fé do povo de Deus.

### **b) A Bíblia, elemento integrador da Igreja**

A Igreja de Jesus Cristo é inconcebível sem a Escritura. A Igreja é comunidade de fé que proclama a Palavra de Deus para celebrá-la e vive-la. A Escritura Sagrada está presente nas assembleias litúrgicas, especialmente na celebração dos sacramentos, na homilia, na oração e meditação individual, na reflexão teológica e pastoral, no diálogo entre os cristãos, na literatura e manifestações artísticas.

Não pode haver renovação da vida da fé na Igreja sem o contato da fé eclesial com a Sagrada Escritura.

### **c) Escutar o Deus vivo**

O cristão, quando lê a Sagrada Escritura, tem de saber ir mais além das palavras que lê e pôr sua atenção no Deus Pai que está falando por meio de seu filho e no Espírito Santo. Esta atitude de fé faz a leitura cristã da Bíblia um autêntico diálogo espiritual. No momento da leitura dos livros Santos temos de nos colocar como escutando o Deus vivo.

### **d) Ler a Bíblia**

A leitura da Bíblia alimenta nossa fé. Esta leitura deve ser frequente, “porque o desconhecimento das Escrituras é o desconhecimento de Cristo” (São Jerônimo).

Temos de ter um espírito acolhedor, disponível e aberto. Esta atitude de abertura à Palavra de Deus exige também de nossa parte uma resposta consequente em nossas ações.

### **e) Orar com a Bíblia**

“Não nos esqueçamos de que devemos acompanhar a oração com a leitura da Sagrada Escritura para que se estabeleça o diálogo entre Deus e o homem; porque a Ele falamos quando oramos e a Ele ouvimos quando lemos as palavras divinas” (Santo Ambrósio).

Assim, a Igreja ora com os salmos, hinos e cânticos bíblicos; proclama a Palavra de Deus na Eucaristia e demais celebrações litúrgicas; convida-nos a orar com ela e fazê-la vida, e nos ensina a orar pessoalmente com esta Palavra de Deus.

## **1.12- O Cânone do Antigo Testamento**

### **a) Cânone**

Chamamos de “cânone” a lista ou coleção de livros inspirados, assim declarados pela Igreja. Estes livros contêm por escrito a revelação divina e, portanto, são para os crentes "norma" de sua fé e de conduta moral.

### **b) Livros protocanônicos**

Diz-se dos livros santos, reconhecidos como canônicos antes de se formarem os cânones das Escrituras pela Igreja. São os Livros que foram admitidos primeiro.

Um grupo de rabinos judeus, que conseguiu sobreviver ao cerco de Jerusalém pelos romanos no ano 70, definiu o texto hebraico da Bíblia e reconheceu como livros inspirados os livros que eram lidos na comunidade de Jerusalém antes do cerco, e que o povo tinha como dom de Deus.

### **c) Livros deutero-canônicos**

O termo deutero-canônico refere-se a alguns livros que estão presentes na Septuaginta (tradução grega da Bíblia feita na cidade de Alexandria do Egito, e que recebe tradicionalmente o nome de "Os Setenta").

É uma tradução corrigida, com algumas palavras em hebraico que não têm equivalente em grego, e aumentada com relação à Bíblia hebraica, e por isso tidos como inspirados pelos primeiros cristãos, e que foram reafirmados como inspirados por Deus no Concílio de Roma em 382, de Hipona em 393, no III Concílio de Cartago em 397, e no Concílio de Trento no ano de 1.546.

Significa os livros que foram adotados num segundo momento. Foram incluídos no cânone vários livros, escritos ou conhecidos em grego, que eram lidos nas sinagogas de Alexandria, mas que não eram usados na comunidade judaica em Jerusalém.

São eles: Baruc, Tobias, Eclesiástico, Judite, Sabedoria e 1 e 2 Macabeus, e alguns capítulos escritos em grego de Ester e Daniel. Esta Bíblia se tornou a Bíblia dos cristãos que adotaram sua lista de livros.

#### **d) Cânones judeu e protestante**

Judeus e protestantes aceitam como inspirados somente os livros protocanônicos. Por isso, as Bíblias protestantes omitem os livros deuterocanônicos.

Num famoso encontro de rabinos judeus, o chamado Concílio de Jâmnia, realizado nos finais do séc. I d. C, destinado a procurar um rumo para o judaísmo, após a destruição do Templo de Jerusalém, no ano 70 d. C, os participantes decidiram considerar como textos canônicos do judaísmo apenas os que existiam em língua hebraica e que remontassem ao tempo do profeta Esdras. Os critérios por eles adotados excluíram os livros deuterocanônicos do Cânon Hebraico (ou Judaico).

#### **Para refletir:**

- 1) Os livros do Antigo Testamento são divididos em 4 seções. Sabe quais são? Consegue citar alguns livros de cada uma das seções?
- 2) Por que é necessário crer – ou ter fé – para compreender os escritos bíblicos?
- 3) A história do Povo de Deus é muito rica de acontecimentos e de significados. Quais são as passagens bíblicas que mais te impressionam? Por quê?
- 4) Existem vários gêneros literários na Bíblia. De quais gêneros literários você mais gosta? Sabe em quais livros encontrar estes gêneros literários?
- 5) A Bíblia é um elemento integrador da Igreja. O que significa isto?
- 6) Como você costuma ler a Bíblia? Com qual periodicidade você lê algum trecho ou algum livro da Bíblia? Quantas vezes você já leu a Bíblia por inteiro?
- 7) Faça uma breve reflexão sobre a forma como você faz a leitura da Palavra de Deus, principalmente dos livros do Antigo Testamento.

## **MESA 2 - O PENTATEUCO: GENESIS E ÊXODO**

Nesta segunda Mesa iremos iniciar o estudo do Pentateuco. Para os judeus é o Torá ou a Lei. Iniciaremos por conhecer este conjunto de cinco livros e dedicaremos especial atenção em conhecer os dois primeiros livros: Genesis e Êxodo.

### **2.1- O Pentateuco**

Os cinco primeiros livros da Bíblia formam uma coleção que os judeus chamavam de "a lei", o Torá. Pentateuco significa "cinco rolos". A tradição cristã chama o Pentateuco aos primeiros cinco livros da Bíblia:

- Gênesis: livro das "origens".
- Êxodo: livro da "saída" do Egito.
- Levítico: livro dos "levitas", sacerdotes da tribo de Levi.
- Números: livro dos "censos" do povo de Israel.
- Deuteronômio: livro de "segunda lei", com as leis civis e religiosas, discursos de Moisés e acontecimentos anteriores à sua morte.

#### **a) A tradição oral do povo de Deus**

O Pentateuco, na sua forma atual, demorou muito para ser escrito. Naquela época o povo de Israel não tinha livros, mas contavam com sua memória para transmitir de pais para filhos suas experiências com Deus, com o mundo e com os homens.

Estas memórias e tradições remontam ao tempo de Abraão e, especialmente, ao tempo de Moisés, quando Israel se constituiu como um povo. A memória dos acontecimentos que ele dirigiu tornou-se o épico nacional. A religião de Moisés prescreveu para sempre a observância da fé e a prática pelo povo de Israel. A lei de Moisés se tornou uma norma. Estas memórias e tradições foram contadas por menestréis ou cantores populares nas peregrinações aos santuários. Os sacerdotes adotaram os costumes religiosos, as normas de culto e as leis.

#### **b) As tradições foram coletadas por escrito**

De acordo com os estudiosos bíblicos, o Pentateuco seria a compilação de quatro documentos ou tradições, diferentes por data e ambiente original, e muito



tempo depois de Moisés. Cada uma das tradições se aproxima ao mistério de Deus de diferentes maneiras:

- Tradição Javista (J);
- Tradição Eloísta (E);
- Tradição Deuteronomista (D);
- Tradição Sacerdotal (S) ou Presbiterial (P).

#### b.1- Tradição Javista (J)

O documento Javista foi escrito no final do Século X a. C. e narra toda a história do Rei Salomão e da Corte de Jerusalém. É a tradição dos menestréis da corte. Designa a Deus com o nome de Javé. Tem um estilo vivo e pitoresco. Dá resposta, de maneira figurativa, aos problemas profundos colocados pelo homem.

#### b.2- Tradição Eloísta (E)

O documento Eloísta provavelmente foi escrito no final do Século IX ou meados do Século VIII a. C., e narra os acontecimentos dos meios proféticos do Reino do Norte, onde encontramos Elias, Eliseu, Oséias, etc. Usa a palavra "Elohim" para Deus. Não contém o relato das origens. Apresenta a grandeza de Deus que fala ao homem desde as nuvens, no fogo ou por meio de sonhos ou de anjos. Tem um estilo sóbrio e uma moral exigente.

Estes dois documentos (Javista e Eloísta) são narrações de histórias paralelas, de modo que é possível fazer uma sinopse entre ambos. Estas duas tradições se fundiram em Jerusalém, por volta de 700 a. C., no reinado do Rei Ezequias.

#### b.3- Tradição Deuteronomista (D)

Esta tradição retrata a história de Moisés e a ligação do povo à Lei de Deus. Este documento foi composto no Reino do Norte e foi somente no reinado do Rei Ezequias que sua redação terminou. A edição final se deu no Exílio da Babilônia, entre os anos 587 e 538 a. C., portanto, no século VI.

Enfatiza que o povo foi eleito e libertado por Deus, e exige fidelidade de Israel à lei do seu Deus. Parece que os autores desta tradição estão preocupados em manter as características principais do povo de Israel: um povo, um Deus, uma terra, uma lei, um templo. É reconhecida no Deuteronomio.

#### b.4- Tradição Sacerdotal (S) ou Presbiterial (P)

Esta tradição Sacerdotal narra todos os acontecimentos e as preocupações dos meios sacerdotais saídos de Jerusalém. Foi composto também durante o Exílio da Babilônia, mas por volta do século VI a. C.

Escrita por sacerdotes para fortalecer a fé dos judeus no exílio na Babilônia e protegê-la do meio ambiente pagão. O estilo é seco, sem detalhes, e é recheado pelos números, pelas listas; já o vocabulário é preciso e técnico - alguns termos são próprios desta tradição. A preocupação com as genealogias é exacerbada para demonstrar quais são as raízes do povo.

Neste sentido dá para entender as proibições do casamento com estrangeiros, pois isto colocava o povo em perigo. Há uma inserção enorme de leis nas narrações. Estas leis ou instituições realçam os valores religiosos: lei da fecundidade (1,28), do sábado (2,3), circuncisão (17,9-14), lei sobre a Páscoa (Ex 12,1-13). Apresenta as genealogias, datas, leis e cerimônias litúrgicas. Cobra vigor a partir do exílio babilônico. Pode ser encontrada no final do Êxodo, em todo o Levítico e em grande parte dos Números.

Estas quatro tradições, e seus desenvolvimentos, são reunidos em um volume: o Pentateuco. Este trabalho parece ter sido concluído até o ano 400 a. C., após o exílio babilônico, e é atribuído ao sacerdote Esdras.

#### **c) Revelação progressiva**

Deus se revelou de forma gradual. Muito tempo se passou até o envio de Jesus Cristo, a revelação suprema de Deus. Mas, a Palavra contida no Pentateuco mostra o caminho seguido pelo povo de Israel para se aproximar do Senhor: um caminho feito de escapes, covardia e traição, mas também de esforço, lutas, arrependimentos e esperanças.

Hoje, Deus continua a chamar-nos à conversão e oferecendo sua amizade. Qual é a nossa resposta?

## **2.2- Gênesis**

### **a) Questões de todos os tempos**

Quem fez o universo? Por que a vida e por que a morte? Como é que surgiu o homem, de onde e por que surgiu? Por que os homens se odeiam e se amam?

Os homens continuam a fazer estas perguntas importantes. E a Bíblia registra desde o princípio a resposta de Deus.

### **b) Uma confissão de fé em Deus**

O Gênesis não é um livro de história, no sentido moderno, porque no princípio não havia ninguém para descrevê-la e fazer uma narração. Também não é um livro de ciências da natureza. É uma confissão de fé em Deus.

- Deus é a origem da criação, do bem, do homem. Ele mal aparece quando o homem escolhe o caminho do orgulho (pecado original).
- Daí derivam o ódio criminal (Caim), a degeneração total (Dilúvio) e a arrogância dos homens que querem prescindir de Deus (Torre de Babel).
- Assim, Deus intervém na vida concreta do crente (Abraão).
- Ele toma a iniciativa de eleger um povo (a partir dos Patriarcas).

### **c) A linguagem das imagens**

Os homens utilizam uma linguagem cheia de imagens em sua tradição oral. "Estou cansado". "Eu vi as estrelas". "Tal pai, tal filho". "Estou farto". Os primeiros capítulos do Gênesis são cheios de imagens. A partir deste modo de falar, os redatores da Bíblia nos aproximam do mistério de Deus e querem nos comunicar de uma forma poética que Deus está presente na vida dos homens, e que nos ama e espera por uma resposta. Aqui estão algumas delas:

- O princípio: Quando? Não importa, pois Deus já existia. "No princípio era o Verbo". Deus cria com absoluto poder. Ordenar o caos, criar a luz, as criaturas, dar vida é obra do Criador.
- Luz: Deus cria a luz e Ele mesmo é a luz eterna que vence as trevas da mentira e do ódio. A luz é verdade e amor. É a vida.
- Abóbada celeste: o autor sagrado, como os sábios de Babilônia, vê a Terra como uma plataforma plana apoiada sobre colunas, e que tem acima a abóbada celeste, que tem o sol, lua e estrelas como lâmpadas. Quando Deus abre a abóbada envia a água da chuva. Sob a terra acreditavam em um lugar escuro chamado Sheol ou infernos.
- Ele criou tudo em seis dias e descansou no sétimo dia: com mentalidade e linguagem dos homens de sua época, o autor sagrado resume e dirige o trabalho criativo de Deus em seis dias de trabalho e um dia de descanso.

Isso destaca a intenção do autor para incentivar o repouso sabático. Deus descansou. Isso também deveriam fazer os filhos de Israel.

- Ele formou o homem do barro: estas imagens mostram Deus como um oleiro do homem e nos ensina o cuidado que tem com a sua "imagem" e criatura predileta.
- Deus nos infundiu o sopro da vida: só Deus vive por si mesmo e o homem, chamado carinhosamente à vida por Ele, é produto de Deus em todo o seu ser: como ser material e como ser vivo e espiritual.
- Jardim: um jardim ou um oásis significa para os beduínos a felicidade do homem. O Paraíso é um dom de Deus e uma tarefa confiada ao homem. Ali existia harmonia e paz. É a casa de Deus. É a casa do Pai.
- Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal: significa dizer, por si mesmo, o que é bom e o que é mau. Isso só pertence a Deus. Por isso, desobedecer a ordem de Deus é querer ser como Ele.
- Colocar nomes: Adão colocou nomes em todas as outras criaturas como um sinal de que as domina. Deus as chama para a existência, e o homem as chama para estar a seu serviço.
- Costela: a imagem da costela faz-nos compreender a unidade da humanidade e, ao mesmo tempo, que o homem e a mulher eram no princípio um, e por isso buscam de novo em converter-se em um. O homem e a mulher têm a mesma carne, a mesma vida, a mesma dignidade e, unidos em casamento, o mesmo amor para um destino comum.
- Serpente: para os israelitas, a serpente era um símbolo do mal, porque eles tinham a experiência no deserto de serem picados por elas. Em seguida desapareciam, após semear a dor e a morte. A cobra foi também um ídolo frequente da religião dos cananeus: simbolizava a vida, fertilidade e sabedoria. Dela, o autor sagrado conta que é uma criatura e que não devia ser adorada, sendo suas palavras enganosas e falsas. Promete vida e dá a morte. Promete sabedoria e produz humilhação e ignorância. Neste relato, a serpente serve de máscara para Satanás, o inimigo de Deus e invejoso da felicidade do homem.

- Sereis como deuses: pretender "ser como Deus" é querer desfrutar de uma situação de vida em que todos os nossos desejos são preenchidos e todas as necessidades são cobertas e atendidas. Esta é a tentação de "onipotência". O homem tem dificuldade para enfrentar a realidade da vida.
- Nudez: é o fruto do pecado. O homem vê claramente a sua situação diante de Deus, diante de si mesmo e diante do resto da criação: ele está nu. Ele percebe que já não reflete a glória de Deus. Está sem dignidade e o medo entra na sua vida. Teme a Deus. Foge de seus olhos, mas Deus vai ao seu encontro.
- Sofrimento: as sanções impostas por Deus a Adão e Eva - dor, fadiga, morte - são o resultado desta situação de pecado em que caíram. Todos nascem com a inclinação para o mal.
- Adão: em hebraico significa homem. O seu nome indica que vem da terra (barro).
- Eva: significa vida. A mulher é portadora da vida. Ser mãe é próprio das mulheres. Eva é a mãe dos que nascem para a vida.
- Vestimenta: Deus castiga a rebelião do homem, mas também protege a sua pobreza e desamparo. A imagem de se vestir significa que Deus restaura a dignidade do homem. Ela sugere que Deus nos chama para uma nova vida.
- Querubins: esta imagem pertence aos gênios alados, cujas esculturas guardavam a entrada de templos e dos palácios da Mesopotâmia. O autor sagrado parece indicar que o homem, devido ao pecado, se coloca "fora do templo", ou seja, rompe com Deus e foge de sua presença.

### **2.2.1- Mensagem religiosa do Gênesis**

As histórias do Gênesis não tratam de ensinar verdades científicas sobre a origem do homem ou do universo. Isso corresponde à ciência. Os autores sagrados são de cultura hebraica, porém também usam tradições e elementos culturais de outros povos. Mas os israelitas experimentaram a proteção de Deus. Ele é o seu libertador e conduz o seu povo ao seu destino. Afirmam com fé que o Senhor da história também é o Senhor do céu e da terra. O autor sagrado nos deu o pensamento religioso de Israel. Esta é a revelação de Deus.

## **A história da criação: um poema litúrgico**

No relato da criação não temos que buscar uma educação histórica ou científica. É um poema que expressa a fé extraordinária de alguns sacerdotes em seu Deus. O mundo foi criado em seis dias para legitimar o sábado, que é celebrado pelo descanso, e assim santificar o tempo e render honras a Deus. É uma organização litúrgica (não científica) para apoiar a importância do sábado.

### **a) Épocas da redação**

O texto da criação (Gn 1) corresponde à tradição sacerdotal e foi escrito no exílio. Isto contribui para dar-lhe o sentido de ato de fé. À primeira vista parece poesia, uma evasão para fora da realidade: "Todo o mundo é bonito", mas o autor escreve no exílio, em um mundo ingrato. Acima do desprezo, do mal, do sofrimento, a fé é afirmada em um Deus que quer um mundo belo e justo.

### **b) Relato Javista da criação (Gn 2)**

Em Gênesis 2, a terra se apresenta como um oásis ou um jardim no meio do deserto. O homem é criado para primeiro cultivar a terra. Logo em seguida vem a mulher. A Humanidade (homem - mulher) é criada ao final. É uma maneira de mostrar a sua dignidade. É uma procissão litúrgica onde o mais digno vem por último.

### **c) Do Deus libertador ao Deus criador**

O Deus que Israel descobriu em primeiro lugar foi quem o libertou do Egito, um Deus que age na história. E, mais uma vez, é a esse Deus que se dirigem os exilados na Babilônia com a esperança de uma nova libertação. Mas, como apontou com energia o Segundo Isaías, esse Deus é capaz de agir na história porque criou a história. Aqui está o que os escritores sagrados quiseram dizer em cada um desses relatos:

- A criação (Gn 1,1-31e Gn 2,1-4)
  - Deus é o criador do mundo e Senhor da história.
  - Toda a criação é boa, porque Deus a fez e todos participamos da sua bondade.
  - O Senhor deu sua criação ao homem para aperfeiçoá-la.
  - O descanso é necessário para a saúde do corpo e dedicação ao culto divino.
- A criação do homem e da mulher (Gn 2,7-25)

- O homem é criado à imagem de Deus. Conhece, ama, é consciente de que Deus o chama e pode responder-lhe.
- O homem é criado criador. É responsável pelo universo.
- O homem e a mulher têm a mesma dignidade. Ambos têm uma origem comum e um propósito comum. A imagem de Deus não é um indivíduo, mas um casal.
- Por sua entrega e amor fecundo, a família humana reflete o amor de Deus, e assim se torna uma comunidade de pessoas unidas pelo amor.

➤ O pecado original (Gn 3)

- Todos nós fomos criados participando da bondade de Deus.
- Deus fez o homem livre para dirigir suas vidas.
- Mas dentro do homem há tendências que o levam ao mal, afastando-o de Deus e querendo fazer sua própria lei moral.
- O mal não é obra de Deus, mas sim do pecado do homem que o leva a ser egoísta e orgulhoso para prescindir de Deus e destruir a convivência entre os homens.
- Tudo se deteriora quando o homem rompe sua amizade com Deus.
- Deus revela ao homem a sua situação de pecado. Mas Ele não nos deixa sozinhos, procura o nosso bem, perdoa e salva.

➤ Caim e Abel (Gn 4,1-18)

O autor não tenta nos contar uma história. Não temos que tomar ao pé da letra que Caim e Abel eram filhos de Adão e Eva. Caim é descrito à imagem dos cananeus e outros pagãos que eram idólatras, egoístas, violentos. Abel é descrito como a própria imagem do autor: pastor, adorador de Deus, pacífico.

- Tenta explicar a origem da ruptura da irmandade entre os homens.
- A primeira consequência da ruptura com Deus é a ruptura das relações entre os homens, até chegar ao crime.
- A convivência entre os homens é sempre difícil por causa do pecado.
- Deus está com os justos, independentemente da sua raça ou status social.
- Deus nos pede para nos preocuparmos com o irmão.

- Não se admite nem o crime nem a vingança.

➤ O dilúvio (Gn 6-9)

A respeito deste fato existem várias versões na região da Mesopotâmia. Isto significa que, em tempos antigos, houve uma catástrofe no vale dos rios Tigre e Eufrates, que foram recordados por séculos. O autor sagrado usa essa história querendo destacar que:

- O fruto do pecado é a morte.
- A maldade do homem atrai o "juízo" de Deus.
- Mas Deus, que é paciente e misericordioso, sempre vê no meio do mal algo para salvar.
- A maldade do homem não detém os planos de Deus para a salvação.
- Tudo recomeça partir da aliança com Noé.

➤ A Torre de Babel (Gn 11,1-9)

É mais um exemplo de que a Bíblia não é um livro de ciência da natureza ou de linguagem. Apenas se preocupa em transmitir uma mensagem religiosa. Como esta torre havia muitas na Mesopotâmia, e assim, para o autor sagrado se torna símbolo do pecado fundamental: a soberba. Com este relato colorido aprendemos que:

- A realidade de um mundo orgulhoso onde os homens não se entendem, se odeiam e se separam porque não querem saber nada de Deus.
- Por adorar "falsos deuses" do progresso e da tecnologia, escravizam outros homens.
- O homem começa a governar a sua vida de acordo com interesses particulares. Assim, transforma o mundo em um lugar onde ninguém se entende, porque cada um fala a língua do seu próprio egoísmo.
- A Bíblia conclui dizendo que "o Senhor confundiu a língua de toda a terra". Isso significa que os homens se dividiram com base no ódio, inveja e discórdia interna.

### **2.2.2- Os patriarcas**

Trata-se de tradições lendárias, que se apoiam num fundo histórico, e que são interpretadas religiosamente com o intuito de levar a um ensinamento.



#### **a) Abraão, o homem que acredita**

- Abraão, "Pai dos crentes". Para a Bíblia, a história de Abraão é uma história religiosa. Deus o chama e ele responde com fé. Portanto, judeus, muçulmanos e cristãos o chamam de "Pai dos crentes".
- Um homem de fé (Gn 12). Quando Deus o chama é muito idoso, sem filhos e sem terras. É assombroso que se dispõe a dar um rumo novo à sua vida, guiado por Deus e confiando na Sua Palavra. Deixa suas crenças antigas, seu país, sua raça e casa de seu pai, obedecendo em tudo ao Deus que lhe promete um filho, descendentes e terras de sua propriedade.
- Um homem de esperança: tem que superar testes rigorosos. Abraão, esperando contra toda a esperança, descobre que Deus não falha. Só Deus basta.
- O Sacrifício de Isaac (Gn 22,1-18): ao passar no teste, Abraão compreendeu que Deus não queria, como os outros deuses de seu tempo, o sangue de seres humanos para saciar a sua sede, mas o seu amor e a sua vida para travar uma amizade eterna. Compreendeu também que a sua fé devia se apoiar mais em Deus do que em seus projetos pessoais.

#### **b) Isaac: um homem de Deus e para Deus**

- Isaac percebeu que, se ele era o filho de Abraão, era muito mais um dom de Deus, "filho" de Deus.
- De Isaac sempre teremos essa imagem dupla: a do adolescente prestes a ser sacrificado e a do idoso, amplamente testado pela vida, a ponto de beirar a extinção.
- Isaac é um dos grandes patriarcas do povo de Deus. Muitas vezes na Bíblia, Deus se apresenta como o Deus de "Abraão, Isaac e Jacó". O sacrifício de Isaac é lido na Vigília Pascal, porque, de alguma forma, é figura de Jesus. Seu silêncio e obediência lembram o silêncio e submissão de Cristo conduzido ao Calvário. Sua maravilhosa libertação anuncia a ressurreição de Jesus.

#### **c) Jacó: a herança foi para o menor**

- Escolhido por Deus: a Bíblia nos apresenta Jacó como um homem de uma astúcia refinada e como um escolhido por Deus para herdar as Promessas.

- Com isso aprendemos que, diante de Deus, não se tem direitos adquiridos, mas sim seu amor gratuito por nós. Deus nos escolhe e nos dá o tempo para encontrá-lo.
- Encontro e conversão (Gn 28,11-22 e Gn 32,22-31): Jacó O encontra. Deus fortalece sua fé com um sonho misterioso no qual Ele lhe faz herdeiro das Promessas e lhe anuncia a sua proteção.
- Jacó fez uma promessa de que, se Deus cumpre suas promessas, Ele será o seu Deus. Sua conversão é simbolizada pela mudança de nome. Passa a chamar-se "Israel", que significa "Deus luta", por ter lutado uma noite com Deus. A mudança de nome significa na Bíblia mudança de missão.
- Bênção e Morte (Gn 49): instalado em Canaã, a paz e alegria não duraram muito tempo. Sua última punição foi morrer no Egito, muito longe da Terra Prometida. Já em seu leito de morte, Jacó abençoa todos os seus filhos. Com respeito a Judá profetiza que sua tribo dominará sobre todas as demais, e que dela vai nascer o Salvador.

#### **d) José, o intérprete de Deus**

- Deus está com José: de acordo com os relatos da Bíblia, Deus não fala a José como fez com Abraão, Isaac e Jacó, mas está com José. Sua história é uma meditação densa sobre a vida.
- Um realismo otimista: José aceita a vida como ela vem, porque Deus está na vida por mais absurdo que possa parecer. Ele está pronto para a abundância e escassez; a honra e o desprestígio. Não se orgulha por alguém, nem se deprecia por outros. Não se deixa abater pelo desânimo.
- José é o homem de bom coração que todos confiam. Perdoando, em vez de criar divisões mais profundas, reconstrói sua família.
- Figura de Jesus: José é o filho favorito de Jacó, como Jesus é o Filho amado do Pai. Ele é a sabedoria de Deus e de sua Palavra que se fez carne.
- José é vendido por seus irmãos. Jesus foi vendido por um de seus amigos e abandonado por quase todos. José perdoou generosamente seus irmãos. Jesus na cruz perdoou aqueles que promoveram e executaram sua condenação.

## 2.3- Êxodo

### 2.3.1- Introdução

#### a) Fatos reais, mas magnificados: "épico da libertação"

O Livro de Êxodo é escrito com uma variedade de estilos: narrativas, leis, poemas heroicos e orações. Predominam as histórias religiosas. A narrativa é apoiada em fatos reais, mas aumentados, em torno dos quais é criada uma versão épica, expressando os autores sagrados a sua profunda fé na intervenção especial de Deus.

#### b) A revelação especial do Livro do Êxodo é Deus

- Deus é quem escolhe a Moisés e lhe revela o seu Nome.
- Deus é quem guia o seu povo através das dificuldades do deserto.
- Deus é quem estabelece uma Aliança ou pacto com seu povo.
- Deus é quem dá a sua Lei e permanece fiel à Aliança, mesmo que os homens O abandonem. A Páscoa e a Aliança fazem nascer a Israel como Povo Santo de Deus. Israel sabe que tudo o que é e tem são decorrências deste fato.

### 2.3.2- Milagres de Êxodo

Neste livro estão narrados fatos admiráveis que são "obras de Deus", e que manifestam seu poder e seu amor. Javé agiu de tal forma que o povo de Israel viu claramente a Sua intervenção.

No sentido bíblico, podemos dizer que milagre é "todo acontecimento que manifesta o poder e a proteção de Deus". Muitas vezes Deus usa fatos naturais para manifestar o seu amor. Estes fatos levam o povo a um melhor conhecimento de Deus, para louvar e dar-Lhe graças.

#### a) Prodígios e sinais

- Clamor (Ex 2,23): o poder de Deus, fiel às promessas, se coloca a serviço da justiça e da liberdade. Deus não é insensível às necessidades do homem. Deus não tolera que a sua "imagem" seja profanada pela opressão ou pecado.
- "Eu sou o que sou" (Ex 3,14-15): equivale a dizer: "Eu estou aqui intervindo. A história vai explicar o que significa o meu nome. O que o povo vai ver diz

claramente quem eu sou". É Ele quem luta pelo seu povo. Deus não pode ser confinado a um nome.

- As pragas do Egito (Ex 7,1-11,10): estas catástrofes fazem compreender que é o próprio Deus quem combate o Faraó para salvar o seu povo. Nesta história os deuses egípcios são ridicularizados. Deus se serve de fatos naturais: enchentes, contaminação da água, pragas e invasão de mosquitos e moscas, gafanhotos, sapos, nuvens de poeira, tempestade, granizo, etc., para mostrar o seu poder e proteger seu povo.
- A passagem do Mar (Ex 14,19-31): por muito tempo acreditou-se que era o Mar Vermelho. Parece que os israelitas estavam em zonas pantanosas que se encontravam mais ao norte onde eles poderiam passar com mais facilidade, enquanto os egípcios tiveram dificuldades em passar com seus carros. Ao criar o mundo, Deus separou as águas para fazer aparecer a terra. Agora cria o seu povo abrindo as águas e fazendo-o passar da escravidão à liberdade, da morte para a vida.
- A nuvem (Nm 9,15s): os israelitas foram capazes de ver e ouvir Deus nas manifestações da natureza. A nuvem sombreia a terra. É o símbolo de que Deus está presente servindo de cobertura e guia para o seu povo. Transfigurado, aparece em uma nuvem. Lucas faz alusão à nuvem quando ele diz que o poder do Altíssimo "cobrirá" Maria com a sua "sombra".
- As codornas (Ex 16,6-13): não é raro observar na Península do Sinai os bandos de codornas que voam na primavera em direção ao norte para passar o verão em regiões mais frias. Elas são aves migratórias. Seu longo voo sobre as águas as deixa extenuadas. Nestas circunstâncias é muito fácil capturá-las. O povo percebe, à luz da fé, que houve uma intervenção de Deus para salvá-los de fome.
- O maná (Ex 16, 13-36): existe na costa oeste da Península do Sinai um arbusto chamado tamarisco, que tem como uma de suas características exalar de seus ramos gotículas de seiva, também conhecida como "man hu", ou MANÁ, que na noite fria se solidifica e cai ao solo, e têm que ser colhidas ao amanhecer antes de serem derretidas pelo sol. O pão dos céus, difundido através dos tempos, é consumido ainda hoje pelos beduínos na

fabricação de pães. O livro do Êxodo vê no maná "o pão que chove do céu", que o Senhor dá para comer e saciar o seu povo. O pão chovido do céu que sacia de verdade e dá a vida é o mesmo Jesus na Eucaristia.

- Tábuas de pedra (Ex 24,12): a pedra era o material comumente utilizado para a gravação das leis. Era uma forma de torná-las públicas e permanentes. Sua permanência dependia de sua importância. O profeta Jeremias afirma que o próprio Deus infundiu a sua lei no interior do homem e a escreve em seu coração.
- Quarenta dias (Ex 24, 18): o número 40 aparece várias vezes na Sagrada Escritura. O profeta Elias viajou 40 dias para chegar ao monte Horeb (1Re 19,8). Cristo permanece quarenta dias no deserto (Mateus 4,2). Há um outro número que é frequente: sete: "No sétimo dia, ele chamou a Moisés desde uma nuvem" (Ex 24,16) e por associação traça um paralelo entre a Criação e a Aliança. Não são quantidades aritméticas. Eles são símbolos de tempos religiosos.
- Terra que emana leite e mel com fartura (Ex 33,3): a Terra Prometida é assemelhada a uma imagem exagerada de abundância e riqueza. Mas, acima de tudo, é o sinal do cuidado maternal (leite) e a doçura de viver com Deus e ser feliz (mel) que indicam o amor de Deus pelo seu povo.

### **2.3.3- Moisés**

#### **a) Escolhido por Deus**

Moisés, que viveu a mais de 3.000 anos, era pastor, profeta, líder e legislador, profundo conhecedor do homem e, acima de tudo, um amigo de Deus. Ele lhe salvou a vida quando criança e lhe incutiu um forte senso de justiça e de solidariedade.

#### **b) Revelação e missão**

Na luta contra o ódio e a inveja, em defesa dos oprimidos contra os opressores, Moisés confrontou tanto os egípcios como os seus irmãos de raça. Deus o chamou e lhe revelou o seu próprio nome, mostrando de uma vez por todas que Ele está próximo para redimir o homem e confiava em Moisés para liderar o seu povo para deixar a escravidão.

### **c) Chefe, Legislador, Mediador**

Moisés aceitou com humildade e fé inabalável a dolorosa tarefa de libertar o seu povo. Deus o fez forte para superar as dificuldades. Moisés chegou a amar os israelitas como filhos de seu ventre. Por eles arriscou a vida e insistentemente pediu perdão ao Senhor, comida, água e leis que iriam ajudá-los a conviver com amor e justiça. Sua paciência era tão grande quanto a sua força. Ele suportou insultos, rebeliões, mal-entendidos, mesmo daqueles para quem ele havia arriscado tudo.

### **d) Figura de Jesus**

Devido a todos estes aspectos de sua rica personalidade, Moisés se afigura a Jesus:

- Jesus, o profeta por excelência, que realiza os anúncios proféticos de Moisés.
- Jesus, o legislador da Nova Aliança, que recolhe e que leva à plenitude a herança espiritual de Moisés.
- Jesus exerce sua mediação de forma mais ampla e perfeita que Moisés.
- Jesus realiza em plenitude a libertação do povo de Deus, o redime do pecado e nos translada para a casa do Pai, a verdadeira Terra Prometida.

## **2.3.4- Páscoa: a passagem do Senhor (Êx 12,1-28)**

### **a) Uma festa de primavera**

A Páscoa era uma festa antiga de pastores na primavera. Os hebreus não quiseram parar de comemorar esta festa-peregrinação durante a sua estadia no Egito. Era celebrada todos os anos em honra de Javé, a leste do Delta do Nilo, fora da terra de Goshen, onde viviam, e que era um lugar afastado do centro cultural do Egito.

### **b) O sacrifício da Páscoa**

Houve uma ocasião em que os egípcios não deixaram os hebreus se reunir para a celebração. O Senhor, então, instrui o seu servo Moisés. Realizariam o sacrifício da Páscoa em suas casas, e marcariam com sangue as ombreiras de suas portas. À noite deveria ocorrer o jantar da libertação: jantar de cordeiro com pães ázimos, pães de pobreza, e que deveriam realizar às pressas para que terminasse a situação social desumana e injusta em que viviam.

Javé, o Deus que age na história defendendo constantemente os fracos, intervém e "passa" (que significa Páscoa) pelas habitações dos hebreus marcadas com o sangue do cordeiro. Esta passagem os liberta da morte. Salva a Israel e morrem os primogênitos egípcios. Israel pode finalmente sair do Egito.

#### **c) Festa de Deus que liberta**

Naquele ano, a festa em honra a Javé se uniu a um acontecimento grandioso: a libertação da escravidão. Foi a festa da libertação. Israel nunca se esquecerá deste acontecimento. Mas o sentido da festa mudou radicalmente. A Páscoa se torna agora a festa da fé de um povo em que Deus se manifestou pela libertação da escravidão.

#### **d) A ceia pascal**

Quando Israel se instala na terra de Canaã, a Páscoa se torna um jantar em família, calmo, religioso e alegre. Haverá canções e longos relatos sobre a libertação milagrosa. Todos louvam o Deus que os salvou. Saem da festa com a fé renovada. Eles viveram uma certeza: "Deus nos liberta da escravidão hoje, como fez um dia com os nossos pais".

#### **e) Jesus, o Cordeiro Pascal**

Jesus celebra sua Páscoa, sua passagem deste mundo para o Pai, com um jantar entre amigos. Nesta ceia de despedida se coloca como a vítima pascal. A Última Ceia é o cumprimento da Páscoa do Êxodo. Deus, que libertou o seu povo naquela Páscoa, agora liberta a todos da escravidão (a mais radical, a do pecado) pela morte e ressurreição de Cristo. Na Última Ceia, Cristo antecipa o oferecimento de si mesmo ao Pai na cruz por nossa salvação.

### **2.3.5- A Passagem do Mar Vermelho: passagem para a liberdade (Ex 12,31-15, 21)**

#### **a) Fé em Deus que salva**

"Não tenhais medo, estejam firmes e vereis a vitória que o Senhor hoje lhes concederá". Esta é a resposta de Moisés ante o medo dos israelitas; é um maravilhoso exemplo de pura fé em Deus. Moisés os convida a confiar plenamente no poder de Deus que não veem.

Deus é "aquele que salva". Desta vez, para um povo à beira da morte, sempre presente em todo homem que clama ao Senhor e que deixa o poder de Deus ser implantado em seu interior para ser salvo.

### **b) Um momento decisivo**

Os fatos foram talvez exagerados pelo autor sagrado já que, devido as suas lembranças, os aumenta, embeleza de alegria e por meio da fé dá-lhes seu verdadeiro significado: "são vistos como façanha admirável de Deus pelos pobres perseguidos".

A importância de este evento acontecer, como aconteceu, faz Israel ver "a mão forte do Senhor" agir contra os egípcios. Assim, o povo acreditava no Senhor.

### **c) Batizados em Cristo**

O batismo cristão é o sacramento da vida nova. Pelo batismo passamos a uma plena amizade com Deus e em comunhão de vida com o Pai, Filho e Espírito Santo. Os cristãos batizados, submergidos em Cristo, nascidos pela água e pelo Espírito, passam da morte para a vida, do pecado à graça, das trevas para a luz, da escravidão para a liberdade de filhos de Deus.

Nosso compromisso é ajudar os homens a "moverem-se" da escravidão para a liberdade que a fé, a esperança e o amor proporcionam junto com a cultura, o desenvolvimento, o respeito pelos direitos humanos, etc.

## **2.3.6. A Aliança no Sinai (Ex 19-24)**

### **a) Definição do Povo de Deus**

- Povo eleito e propriedade pessoal: o Senhor propõe a Davi para ser sua "propriedade pessoal". Com tal privilégio revela seu amor. Deus escolheu seu povo e o amava sem que houvesse nenhum mérito de sua parte. Israel é o povo que conhece a Deus e a quem Deus falou.
- Reino de sacerdotes: Deus oferece ao povo de Israel a vocação de ser manifestação e sinal da salvação de Deus diante das nações da terra. Israel realizará a sua missão através de culto litúrgico, o ensino transmitido de pais para filhos e o testemunho de uma vida de acordo com a Lei da Aliança.
- Nação santa: Deus quer que Israel seja um povo "Santo". Ou seja, um povo "consagrado" a servir a Deus, acolher Sua Palavra e cumprir a Sua vontade. Moisés transmite ao povo as palavras de Deus e o povo as aceita.



### **b) No Sinai, a grande manifestação de Deus**

O antigo mito pagão da montanha, reverenciado como a residência dos deuses, se converte na certeza histórica de que Deus verdadeiramente interveio no Monte Sinai e ali se realizou o encontro de Deus com o seu povo.

### **c) Os Dez Mandamentos, lei baseada no amor**

Os Dez Mandamentos são uma lei para a Comunidade. Falam sobre as relações com Deus e entre os membros do povo. Os Mandamentos são iluminados por uma fé que todos partilham e pelo amor que é a alma da Aliança. Não dizem tudo. Eles não são um catálogo completo ou um programa personalizado. São diretrizes profundas para o relacionamento com Deus e para o relacionamento entre os homens.

### **d) Uma carta de liberdade**

Israel é uma nação de homens que foram libertados para servir ao Senhor. Os Mandamentos, localizados no coração da Aliança, também representam mensagens de libertação:

- Libertação de adorar outros deuses que não os salvou. (1ª e 2ª)
- Liberdade de servir, louvar e santificar o nome de seu Deus, em vez servir-se dele. (3 e 4)
- Liberdade para realizar-se plenamente e não causar sérios danos a outros. (5-9)
- Libertação da ganância e inveja, capazes de matar o amor. (10)

### **e) Não venho para abolir, mas sim para cumprir**

Jesus levou a plenitude a Lei do Sinai, como mostra o Sermão da Montanha e resume a lei nesses dois mandamentos: "Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e ao próximo como a ti mesmo". Os Dez Mandamentos devem continuar hoje o trabalho de libertação que Israel recebeu na antiga Aliança.

### **f) Israel celebra o mistério da Aliança**

Deus toma a iniciativa de comunicar aos homens seu amor e sua vida. Ele quer fazer surgir neles uma nova maneira de ser e de viver. É um compromisso de vida em comum; de uma relação mantida com fidelidade de amor entre Deus e seu povo.

O povo é chamado a dar uma resposta afirmativa. O melhor sinal da Aliança é o sangue (para os hebreus o sangue é o princípio da vida). Quando Moisés, o Mediador,

polvilha o altar (representando Deus) e o povo reunido com o sangue da Aliança, Deus e o povo se unem em uma mesma vida.

**g) A Aliança chega ao coração**

A pregação dos profetas afirma que a aliança com Deus é atual; que está no início de toda conversão. Isso é uma graça, cuja origem é o amor com que Deus ama o seu povo.

**h) A Nova Aliança no sangue de Jesus**

O sangue de Jesus, sacramentalmente presente no altar, entregue para o perdão dos pecados e para a libertação dos homens, é "o sangue da Nova e Eterna Aliança". O sangue de Jesus é oferecido ao Pai como um sacrifício de ação de graças e de comunhão, para significar eficazmente que o amor une os homens com Deus e entre si. A Eucaristia é o sinal da Nova e Eterna Aliança.

**2.3.7- A idolatria do povo (Ex 32)**

**a) O bezerro de ouro**

O novilho era para os egípcios, com quem os judeus tinham vivido, o símbolo da fertilidade e força. Israel pede, então, "um deus para ir em frente". Eles se sentem mais seguros se eles têm uma imagem de seu deus. Assim, acreditavam que deus estava com eles. O bezerro representa um deus que dá vida e defende o povo com poder. Na verdade, representa uma traição ao Deus verdadeiro.

**b) "Este é teu Deus, Israel, ele que te tirou do Egito"**

Romper a Aliança é o primeiro ato do povo. A desobediência ao mandamento do Senhor de não adorar imagens leva o povo à idolatria.

**c) Proibição de fazer imagens**

A razão de não fabricar imagens de Deus se devia ao risco de os israelitas crerem que Deus estava verdadeiramente nela. E que as imagens possuíam o poder de Deus. Assim era como pensavam os povos vizinhos dos israelitas.

**d) Ídolos de hoje**

Hoje também existem ídolos. Não são os fetiches do passado. São aquelas realidades que capturam o coração do homem e o faz esquecer o seu destino: a luxúria desenfreada pelo poder, pela riqueza, pelo domínio, pelo bem-estar material, pelas ideologias políticas e sociais que apartam o homem de Deus.

### **e) Súplica de Moisés**

A súplica de Moisés é uma bela oração de intercessão para o povo culpado. Dirige-se a Deus com sinceridade e confiança. Moisés intercede. Deus "se arrepende" da ameaça que havia proferido. Aarão se desculpa e se desentende com o povo. Os levitas executam a ordem de Moisés.

### **f) Castigo e Perdão**

A afirmação de que Deus castiga os pecados dos pais sobre os filhos e netos até a terceira e quarta gerações pode ser entendido considerando o exílio babilônico. As pessoas permaneceram fora do seu país natal por várias gerações. E isso foi por causa de seus pais.

Mas, a fé do autor inspirado também afirma que o poder de Deus vai além e atinge profundamente o homem "até a milésima geração". Deus não quer o mal que destrói o homem. Além disso, não nos trata segundo os nossos pecados. Ele quer que o pecador se converta e viva, porque ele é misericordioso e fiel.

### **g) O encontro de Deus com os homens**

O Monte Sinai foi o ponto de encontro de Deus com os homens. Deus habita nas alturas, nos montes. Quando o povo de Israel adentra o deserto, a "tenda" substituirá o monte. A nuvem desce sobre ela. A tenda guardava a Arca da Aliança e o maná, e assim se torna o "lugar de encontro" de Deus com os homens.

### **Para refletir:**

- 1) O livro do Gênesis é uma confissão de fé do povo de Deus escolhido, e não um livro que ensina verdades científicas sobre a origem do homem ou do universo. Como você entende a história da criação a partir da Bíblia?
- 2) Leia novamente o trecho de Gênesis 2,7-25 sobre a criação do homem e da mulher. O que mais lhe chama a atenção neste trecho? Você compreende o significado da seguinte afirmação: "a imagem de Deus não é um indivíduo, mas um casal"?
- 3) O que mais lhe atrai sobre a vida e história de cada um dos patriarcas do Antigo Testamento: Abraão, Isaac, Jacó e José?
- 4) Como você compreende esta frase de Deus: "Eu sou o que sou"?

- 5) Existem muitos prodígios e sinais de Deus relatados no livro do Êxodo. Como você interpreta e acolhe os prodígios e sinais de Deus, que acontecem no seu cotidiano?
- 6) Moisés foi um escolhido de Deus. O que mais lhe chama a atenção na história de Moisés? Como você vive esta escolha de Deus por você?
- 7) Os livros do Gênesis e do Êxodo relatam a existência de muitos ídolos entre o povo escolhido por Deus. Quais são os ídolos de hoje entre o povo? Quais são seus ídolos? Eles lhe afastam de Deus?

## **MESA 3 - O PENTATEUCO: LEVÍTICO, NÚMEROS E DEUTERONÔMIO**

### **3.1- LEVÍTICO**

#### **3.1.1- Introdução**

No Antigo Testamento, o povo de Israel era formado por tribos. Essas tribos descendiam dos doze filhos de Jacó. Uma das tribos era a tribo de Levi, que era um dos doze filhos de Jacó. Todas as pessoas que faziam parte da tribo de Levi eram chamadas de levitas.

A tribo de Levi assume grande importância na história de Israel desde seu princípio. Em Êxodo, os personagens de Moisés e Arão são membros desta tribo, e lideraram todo o povo de Israel mantido em regime de servidão no Antigo Egito, rumo à terra de Canaã.

Moisés se tornou líder espiritual e legislador de toda a nação durante sua peregrinação no deserto, e recebeu de Deus as tábuas com os Dez Mandamentos, além de instruções acerca das leis e das normas de conduta que norteariam a nação israelita pelos séculos seguintes.

Quando da conquista de Canaã, a tribo de Levi foi a única a não receber parte da terra, um território específico e delimitado. Ao contrário, os levitas receberam cidades isoladas, situadas nas regiões de todas as outras tribos.

Os levitas tinham a função do sacerdócio dada por Deus a eles (para Arão e seus filhos). Executavam o louvor, sendo cantores e instrumentistas (isso foi no tempo do rei Davi). Faziam a arrumação e manutenção do tabernáculo e do templo. Atuavam como guardas, porteiros, padeiros, enfim, tudo o que era relacionado ao tabernáculo ou ao templo era de responsabilidade dos levitas. Era proibido que alguém de outra tribo fizesse este trabalho, pois era designado por Deus aos levitas.

Moisés também nomeou seu irmão Arão como sumo-sacerdote, e designou seus descendentes, e apenas seus descendentes, como aqueles que teriam a permissão de realizar sacrifícios e adentrar no tabernáculo, e entrar em presença da Arca da Aliança. Suas funções sacerdotais eram intransferíveis.

A Arca da Aliança esteve sob os cuidados dos levitas até que um ataque filisteu resultou em sua captura. Os filisteus, entretanto, permitiram que israelitas a levassem

de volta, e ficou sob os cuidados dos levitas no tabernáculo da cidade de Siló, até que Davi ordenou que a trouxessem para Jerusalém.

### **3.1.2- Ritual para sacerdotes**

O Código de Santidade (Lv 17-26) foi composto em Jerusalém antes do exílio. Os sacerdotes de Jerusalém quiseram codificar as tradições que aconteciam no templo, todas elas centradas no culto, para recordar que Deus é Santo, Totalmente outro. A Lei sobre os sacrifícios (Lv 1-7) e a Lei da pureza (Lv 11-16) foram elaboradas após o exílio, bem como a Lei sobre as festas (Nm 28-29). Assim, o Código dá regras para sacerdotes, famílias e vida social. Também indica como comemorar as festas durante o ano.

Os ritos são necessários: como nós somos temporários, nossos sentimentos são expressos através de gestos concretos. Quando alguém se prepara para encontrar a Deus, necessita de ritos. O encontro com Deus, para aqueles que acreditam em Israel, era uma grande questão. Portanto, para eles, o rigor dos ritos era uma maneira de expressar o sentimento que tinham em viver na presença do Deus Santo.

### **3.1.3- Como ler o Levítico hoje**

Nosso mundo é muito diferente do que se descreve no Levítico. Suas regras e ritos refletem uma cultura do passado. Como mostra a Carta aos Hebreus, muitas prescrições se tornam superadas. Mas, descobrimos que o homem vive em um mundo onde tudo fala de Deus, porque as coisas são um sinal de Deus. Damo-nos conta que acontecimentos da vida (nascimento, doença, amor, etc.) são ocasiões privilegiadas para o encontro e a comunhão com Deus para aqueles que nele acreditam.

#### **a) O sagrado**

O sagrado, em todas as religiões, é o Reino da divindade, completamente separado do profano (*pro fanum*: o que está na frente do lugar sagrado). Israel participa amplamente deste entendimento. Deus é Santo, ou seja, é Totalmente outro.

#### **b) O sacerdote**

O sacerdote é responsável por ocupar a distância entre Deus Santo e o homem. Por isso tem que entrar na esfera do sagrado, o que é feito pela consagração, que no

fundo é uma separação: separação do povo e do profano para se dedicar ao culto e às atividades do templo.

**c) O sacrifício**

Esta palavra não significa "privação", mas "transformação". Sacrifício é "tornar sagrado": o que se oferece passa para o domínio de Deus. E, em troca, o sacerdote pode transmitir ao povo os dons de Deus: perdão, instruções, bênçãos.

**d) Jesus Cristo é o mediador**

A concepção apresentada anteriormente foi completamente transformada com Jesus Cristo. Nele, o sagrado se faz profano. Já não ocorre distinção possível entre estas realidades: tudo é santificado por Ele. Jesus Cristo é o único sacerdote, o mediador perfeito. Seu sacrifício é o único sacrifício. (Ver carta aos Hebreus)

**e) Sede Santo, porque eu sou Santo**

Os capítulos 17-26 contêm o chamado "Código de Santidade". Deus, que é o Santo de Israel, comunica a sua santidade para o homem que deve, por sua vez, santificar o nome de Deus. Este Deus é o Santo; ou seja, o Totalmente outro, distinto de nós. Ele é o Deus vivo, é a Vida. E isso explica o respeito misterioso que provoca o sangue e a sexualidade.

**f) O sangue é a vida**

O sangue é sagrado porque é vida, a vida que vem de Deus e que corre em nossas veias. Portanto, não se pode derramar o sangue de um homem. Não se pode beber o sangue de um animal. Pelo contrário, a oferta de sangue nos sacrifícios é uma maneira de reconhecer esse dom da vida que Deus faz para nós. Nesses sacrifícios não é oferecida a vítima (que é nada mais do que um cadáver), mas o sangue quente; ou seja, o sangue da vítima. Sangue significa a vida oferecida.

**g) A sexualidade possui um carácter sagrado**

Acima de tabus (que existem), existe a sensação incrível de participar, através da sexualidade, na transmissão da vida que vem de Deus, o que explica seu carácter sagrado.

**h) Puro ou Impuro?**

O entendimento de puro/impuro é parte de nosso entendimento moral. Na Bíblia, e como se apresenta também em outras religiões, esse entendimento se aproxima da ideia do que é tabu ou sagrado. Uma pessoa se torna impura quando

entra em contato com forças misteriosas que podem lhe causar mal. Necessita, então, de algum rito que a “purifique”, que a faça livrar-se dessa força.

### **3.1.4- Sacrifício Expiatório (Lv 16, 2-22)**

No grande dia da festa da expiação ou perdão eram oferecidos dois cabritos: um era sacrificado no templo, e o outro era abandonado no deserto. A cerimônia judaica descreve o rito da confissão sincera que o povo fazia de seus pecados e como transmitiam simbolicamente ao cabrito vivo que era conduzido ao deserto.

Os cristãos sabem que somente Cristo realmente perdoa os pecados, e a oportunidade que nos dá pelo Sacramento da Reconciliação, pelo ministério da igreja.

#### **a) Dia da expiação ou Yom Kippur**

Uma vez por ano, o sumo sacerdote entrava por trás da cortina do templo para obter o perdão dos pecados (Lv 16,29-34). É o sábado solene em que se faz penitência. Assim se tornará livre perante o Senhor de todo pecado.

#### **b) Festividades (Lv 23,1-43)**

Israel não demorou em dar às suas festas um significado histórico-religioso. O Capítulo 23 oferece uma compilação do calendário litúrgico. As festividades, na Bíblia, lembram as maravilhas que Deus realizou em favor de seu povo. Elas são uma celebração dos "memoriais"; ou seja, memórias vívidas e eficazes da ação de Deus, sempre presente para salvar o povo e o homem.

#### **c) Ano de Jubileu (Lv 25,8-38)**

Israel o celebrava a cada 50 anos. Nesse ano se promulgava a libertação de todos os habitantes do país. As terras repousavam. Havia perdão das dívidas contraídas e a liberdade dos escravos. Assim se impedia que a escravidão ou a miséria se tornasse uma situação permanente de alguma família ou pessoa em Israel. Significava um esforço muito sério para corrigir as injustiças acumuladas num período de 50 anos.

## **3.2- NÚMEROS**

### **3.2.1- Introdução**

Na Tradição hebraica, esse livro é denominado Deserto, justamente porque narra a travessia do deserto pelos israelitas. Porém, na tradução grega, recebeu o



nome de Números, por causa dos recenseamentos apresentados, sobretudo nos capítulos 1-4 e 26.

O livro está intimamente unido aos livros do Êxodo e do Deuteronômio. A unidade do livro se deve ao quadro geográfico, isto é, o deserto entre o monte Sinai e as estepes da região de Moab começa com uma indicação cronológica.

Descreve os últimos vinte dias passados no monte Sinai (Nm 1-10,10), os trinta e oito anos no deserto perto de Cades Barnéa, entre o monte Sinai e a região de Moab (Nm 10,11-21), e os seis meses nas planícies de Moab (Nm 22-36).

#### **a) Preparação e dificuldades**

Os últimos acontecimentos no monte Sinai antes da partida são o recenseamento dos homens aptos para a guerra; a disposição das várias tribos no acampamento; uma série de prescrições sobre os levitas e outras leis; a celebração da Páscoa; a apresentação da nuvem que cobre o tabernáculo.

Logo depois, começa a marcha pelo deserto sob a direção do sogro de Moisés, que conhecia bem a região, pois era morador do Sinai.

A seguir, o livro apresenta as dificuldades surgidas na travessia do deserto, especialmente as murmurações e lamentações do povo pelas dificuldades da viagem, incluindo a falta de alimentos. Devido a isso, o livro apresenta uma série de prescrições sobre as ofertas de alimento em alguns sacrifícios e sobre a violação do Sábado.

#### **b) Descrição de várias histórias**

Em seguida, narra a história do adivinho Balaão que, ao invés de amaldiçoar, bendiz o povo de Israel; depois a idolatria dos israelitas provocada pelas mulheres de Moab e Madian, o castigo divino e o zelo de Finéias, neto de Aarão. É feito um novo recenseamento para dividir a terra prometida. Depois narra a história de Josué, a vitória sobre os madianitas, a divisão da Transjordânia, a retrospectiva das etapas do caminho pelo deserto, a divisão de Canaã, e termina dando disposições sobre as cidades-refúgio para os homicidas e sobre a herança das mulheres casadas.

#### **c) Israel ideal**

O livro apresenta o Israel do deserto como o Israel ideal. O silêncio e a solidão do deserto favorecem o encontro com Deus. Os profetas veem nele o tempo em que Israel e Deus, a sós, viveram a experiência inesquecível de amor.

Mas, o deserto é também o local de prova e tentação. Nele, Israel aprenderá a tornar-se pobre e tomar consciência de sua condição de humildade, experimentando que sua vida depende de Deus. Todos os homens precisam de silêncio e desprendimento para encontrar-se com Deus. O povo de Israel no deserto será o símbolo de todo homem que anda nesta vida buscando a Deus.

Mas, nem por isso deixa de narrar as revoltas sob as mais variadas formas: murmurações, desânimo, rejeição da mediação de Moisés, descrença, etc. Na teologia do autor, o deserto é o lugar em que Deus habita e caminha com seu povo, mas é também o lugar do pecado, da ingratidão, da revolta contra Deus.

### **3.3- DEUTERONÔMIO**

#### **3.3.1- Introdução**

Haviam passado quarenta anos desde que Jeová libertara os filhos de Israel da escravidão egípcia. Por terem vagueado todos aqueles anos no deserto, os israelitas continuavam uma nação sem território próprio. Finalmente, porém, estavam às portas da Terra Prometida. O que os aguardaria ao tomarem posse dela? Que problemas enfrentariam e como deviam lidar com eles?

Antes de Israel cruzar o Rio Jordão para a terra de Canã, Moisés preparou o seu povo para a grande tarefa à frente. De que modo? Por proferir uma série de discursos que animavam e exortavam, aconselhavam e advertiam. Ele lembrou aos israelitas que Deus merecia devoção exclusiva e que eles não deviam imitar as nações vizinhas. Esses discursos constituem a maior parte do livro bíblico do Deuteronômio.

Escrito por Moisés, exceto o último capítulo, o livro do Deuteronômio, nome de origem grega, quer dizer segunda lei ou repetição da lei (Dt 17,18).

Os discursos contidos nesse livro, em geral, reforçam a ideia de que servir a Deus não é apenas seguir sua lei. Moisés enfatiza a obediência em consequência do amor: "Amarás a Javé teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e com todo o teu entendimento". Também é enfatizado o "caminho da bênção e da maldição", no qual Deus previne o povo a seguir seus mandamentos, pelos quais o povo ou seria abençoado, ou receberia maldições. Porém, caso se arrependesse e voltasse a seguir de coração a Deus, Ele se arrependeria e perdoaria o povo, ou então exigiria um sacrifício de sangue, em geral a morte de quem "pecou" contra Ele ou Israel, e em

seguida, após tal sacrifício, o restante do povo seria perdoado. Conforme várias passagens da "ira de Deus" contra os "rebeldes", demonstradas no Levítico, Êxodo e Números.

O livro é a conclusão de uma longa história, cujas etapas principais podem ser assim resumidas:

- No reino do Norte, portanto antes da queda de Samaria em 721 a. C., se toma consciência de que a antiga lei dada por Moisés não se ajusta muito bem com a realidade que se apresenta. Torna-se uma nação organizada e não mais uma nação nômade. E assim, gradualmente, nasceram outras leis e costumes, que mais tarde iriam formar o coração do Deuteronômio ou da segunda lei.
- Após a queda da Samaria em 721 a. C., alguns levitas refugiam-se em Jerusalém onde reina Ezequias. Eles levam consigo aquelas leis, as organizam e as completam.
- O reinado do ímpio Manassés colocou o livro no esquecimento.
- Ao executar determinadas obras no templo por ordem do rei Josias, em 622 a. C., o sumo sacerdote descobre o "livro da lei," que é o núcleo central do que viria a ser o Deuteronômio. O rei Josias faz do livro o "livro da Aliança", e toma-o como base para a grande reforma que realiza na nação.
- Finalmente, depois de alguns ajustes, este livro vai ser parte da grande síntese realizada por volta de 400 a. C.: a LEI em cinco volumes ou Pentateuco.
- Como está consciente de ser fiel ao pensamento de Moisés, Josias dita as leis por seus próprios lábios como se fora um discurso pronunciado antes de morrer.

### **3.3.2- Primeiro discurso (Deuteronômio 1, 1-4; 4, 9)**

No primeiro discurso, Moisés lembrou algumas das experiências no deserto, especialmente as que ajudariam os israelitas nos preparativos para a posse da Terra Prometida.

Recordar as vitórias que Deus havia dado aos filhos de Israel antes de cruzarem o Jordão deve ter dado a eles coragem quando estavam prontos para começar a

conquista no outro lado do rio. A terra que iam ocupar estava cheia de idolatria. Portanto, foi muitíssimo apropriado o forte aviso de Moisés contra a adoração de ídolos.

### **3.3.3- Segundo discurso** (Deuteronômio 5,1-26; 19)

No seu segundo discurso, Moisés relembrou quando a Lei foi dada no monte Sinai e repetiu os Dez Mandamentos. Lembrou-se aos filhos de Israel uma lição importante que aprenderam no deserto: “O homem não vive somente de pão, mas de toda expressão que sai da boca de Deus”. Na sua nova situação, eles tinham de “guardar o mandamento inteiro”. (Deuteronômio 8,3; 11,8).

### **3.3.4- Terceiro e Quarto discursos** (Deuteronômio 27,1-26; 12)

No seu terceiro discurso, Moisés declarou que os israelitas, depois de cruzarem o Jordão, teriam de escrever a Lei em grandes pedras e também proclamar as maldições decorrentes da desobediência e as bênçãos resultantes da obediência.

O quarto discurso começa com a renovação do pacto entre Deus e Israel. Moisés advertiu de novo contra a desobediência e exortou o povo a “escolher a vida”. (Deuteronômio 30, 19).

#### **a) Discurso, leis e conselhos de Moisés**

À medida que os israelitas se estabelecessem na terra da promessa, eles precisariam de leis não só referentes à adoração, mas também referentes a julgamentos, governo, guerras, bem como à vida social e particular. Moisés recapitulou essas leis e enfatizou a necessidade de amarem a Deus e de obedecerem aos Seus Mandamentos.

#### **b) O livro de memórias e amor**

Além dos quatro discursos, Moisés falou sobre o líder que o sucederia, e ensinou aos israelitas um belo cântico de louvor a Deus e de alerta contra os prejuízos da infidelidade. Depois de abençoar as tribos, Moisés faleceu com a idade de 120 anos e foi sepultado.

Este livro é uma meditação fervorosa sobre o passado de Israel. "Lembre-se" e "Amarás" são as palavras-chave deste livro. Israel se lembra de seu passado incrível. Guarda no coração (isto é lembrar) a história das maravilhas que Deus fez para cada um, e assim ama ao Senhor com todo seu coração.

**c) Escuta Israel (Dt 6,4-19)**

O início do capítulo 6 tornou-se a oração de todos os judeus e o coração da sua fé. “Ouve, ó Israel: O Senhor, o seu Deus é um só!” É esta afirmação fundamental, que traz como consequência: “Amarás o Senhor de todo o teu coração, com toda tua alma e com todas as tuas forças”.

**d) Abra a sua mão ao pobre**

Se há entre vós um pobre, não endureça o vosso coração, nem feche a mão a teu irmão pobre. Abra a mão e o ajude na medida de suas necessidades (Dt 15,7-8).

A Bíblia afirma a relação entre pobreza e fraternidade. Além do mais, a presença do pobre deve aumentar a atividade do irmão crente para que o pobre saia de sua pobreza e viva com dignidade.

**e) Meu pai era um arameu errante**

O povo de Israel entrou na Terra Prometida. Era escravo e agora é livre. Antes, trabalhava para os outros; agora trabalha para ele próprio. Na festa anual de ação de graças pela colheita, o povo hebreu recitará um "credo" (Dt 26,5ss), que é a história da sua salvação, e oferecerá a Deus o primeiro grão produzido antes que o fruto de seu trabalho chegue à Mesa da família.

**Para refletir:**

- 1) Os livros do Levítico, Números e Deuteronômio apresentam uma grande quantidade de regras e leis para o povo escolhido por Deus. Você acha que estas regras e leis sufocavam a liberdade religiosa deste povo?
- 2) E hoje, como as pessoas percebem a existência de leis e normas? Elas conseguem regular o agir ético das pessoas em favor do bem comum?
- 3) Como você descreve o tempo de “deserto” vivido pelo povo de Israel? Você acha que falta ao homem moderno este tempo de deserto para favorecer o encontro com Deus?
- 4) Reveja o conteúdo dos discursos de Moisés. O que pode ser destacado de mais importante em cada um deles?
- 5) A Bíblia afirma a relação entre pobreza e fraternidade. Por que isto é tão difícil de acontecer em nossos dias? Qual é sua relação com os pobres?

## MESA 4 - LIVROS HISTÓRICOS: JOSUÉ, JUÍZES E SAMUEL

### 4.1 Introdução

Nesta Mesa iremos estudar os Livros Históricos, especialmente o Livro de Josué, o Livro dos Juízes e os Livros de Samuel.

A sequência dos livros da Bíblia tem vários traços de uma longa parábola histórica e o interesse pela História já estava bastante presente nos livros do Pentateuco. Mas, é costume chamar de Livros Históricos a um conjunto que vem depois do Pentateuco. Na verdade, só se consegue fazer uma História de Israel em sentido atual a partir da instalação do povo em Canaã.

Temos de conhecer como os israelitas contavam a sua história e, principalmente, com que propósito. Os escritores desses relatos não eram historiadores no sentido que hoje entendemos. Não quiseram satisfazer a nossa curiosidade histórica com detalhes e precisão. Pretenderam enfatizar que Deus intervém na História e salva Israel. Os autores tentam, mais do que narrar os acontecimentos, descobrir o que eles significam para nós, ou seja, descobrir a Palavra de Deus que esses acontecimentos são portadores.

Por exemplo: a arqueologia nos ensina que Jericó estava em ruínas quando Josué a conquistou, mas o autor sagrado não é um repórter fotografando uma batalha, mas um profeta que busca o significado do evento. Não busca reconstruir os fatos com precisão. Ao meditar sobre o passado, busca uma luz para o presente e esperança para o futuro.

Os livros históricos nos dizem de que maneira a promessa de salvação feita por Deus ao seu povo é realizada. Eles afirmam que Deus é fiel a ela, mas que muitas vezes o povo cai no pecado. Isto é o mais importante da história bíblica.

Os Livros Históricos incluem os seguintes livros:

- a) **Josué**, que apresenta a entrada dos hebreus na terra de Canaã, como quem vai tomar solenemente posse de uma herança que lhe fora atribuída. É uma construção simbólica, não representando inteiramente os acontecimentos históricos reais, como se pode ver no livro dos Juízes.
- b) **Juízes**, de fato, mostra-nos uma entrada bastante mais dispersa das tribos em Canaã e dominando muito mais lentamente o conjunto do território. Por outro

lado, descreve-nos as vicissitudes e a insegurança da vida levada por essas tribos, numa época ainda distante do tempo da monarquia.

- c) **Rute** é um romance histórico situado na época dos Juízes, mas, sobretudo, é um livro contra a xenofobia que marcou épocas mais tardias do judaísmo.
- d) **Samuel**: a mais representativa e formal sequência historiográfica deste período, que já começara com Josué e Juízes, integra ainda o grande conjunto de 1º e 2º de Samuel e 1º e 2º dos Reis. A sua redação final parece ter-se inspirado já claramente na mentalidade deuteronomista. Com ela pretendeu-se fazer o exame de consciência da História nacional após o desastre do fim da monarquia.

Mais tarde, os livros 1º e 2º das Crônicas retomam toda a História de Israel desde as origens, ou por meio de genealogias e sínteses históricas, ou relembrando alguns episódios coincidentes e outros complementares aos assuntos que tinham sido narrados na História deuteronomista.

#### **4.2- Josué**

##### **a) Promessa, realização**

Sair do Egito necessitava um complemento: entrar na Palestina. Ambas as ações são realizadas por iniciativa de Deus, que cumpre prodigiosamente suas promessas. Há um só exército: o povo de Deus. Um herói nacional: Josué (que, como Jesus, significa "Deus salva"). Uma fé e uma esperança: Deus é fiel às suas promessas. Assim se realiza uma conquista lenta.

O livro de Josué se relaciona diretamente com o Êxodo. O povo de Israel, peregrino no deserto, chega à Terra Prometida. É necessário conquistá-la e distribuí-la entre as tribos. Josué é escolhido por Deus para levar a cabo esta dupla tarefa. A penetração das tribos foi lenta, em ondas massivas e dispersas. A conquista, com base em escaramuças e guerrilha, foi trabalhosa e sangrenta. "Deus salva". A união faz a força.

Assim, o livro conserva uma atualidade plena. Descobrimos uma mensagem eterna: Deus é sempre fiel a um plano de salvação, nos conduz, na Igreja, à verdadeira terra de seu reino. Sua presença, no meio de nós, estimula a nossa coragem e nossa responsabilidade como cristãos para lutar por uma verdadeira liberdade e pela

autêntica dignidade do homem. A Igreja é esse povo unido pela fé em Cristo que, no meio do mundo, foi escolhido por Deus e avança em direção a Ele.

#### **b) A travessia do Jordão**

A travessia do Jordão está narrada enfatizando seu paralelismo com a travessia do Mar Vermelho: Javé interrompe o curso do rio Jordão, como havia secado o mar. A Arca de Javé guia a passagem como uma coluna de nuvem e fogo. Josué desempenha o mesmo papel que Moisés no Êxodo. Semelhante à libertação do Egito, a entrada na Terra Santa é um feito de Deus em cumprimento da sua promessa (Jos 3,14-17).

A circuncisão do deserto é renovada (Jos 5,2-5). O maná deixa de cair quando o povo entra em Canaã. A Páscoa é celebrada depois da segunda passagem e se renova a aliança do Sinai (Jos 5,9-11). Este acontecimento se afigura ao batismo, a verdadeira entrada no reino de Deus, sua Terra Prometida.

#### **c) A conquista de Jericó**

O autor sagrado reformula antigas tradições e resume longos anos de penetração e conquista em uma narrativa que mescla elementos do épico nacional e da comemoração religiosa. Assim, busca demonstrar que todo o povo de Israel participou e estava unido pela fé em Deus numa empreitada comum (Jos 6,1-20).

#### **d) Hino de fé e vitória**

O relato é um hino a Deus dos exércitos. O autor sagrado quer que seus ouvintes e leitores expressem e reforcem a sua fé em Deus. Jericó será sempre o símbolo da resistência inútil do mal e dos poderes do mundo ante a força conquistadora e transformadora do poder de Deus.

#### **e) O anátema**

O "povo do Sinai" não podia adorar os ídolos ou tolerá-los na terra que estavam conquistando. A maneira mais eficaz de exterminar os ídolos era exterminar quem os adorava. A maldição era para eles um ato de culto, de serviço ao rei verdadeiro (Jos 6,21).

Quando Jesus chega, Ele vai nos ensinar que o homem está acima de ídolos e ideologias, e que o método não é exterminar, mas converter e salvar. Para Deus não há judeus ou pagãos, mas homens que são seus filhos, chamados a uma convivência cristã.



#### **f) A assembleia de Siquém**

A assembleia de Siquém tem uma grande importância religiosa. Em Siquém o Senhor, que se manifestou no Sinai, é acolhido como o Deus de todas as tribos, que aceitam sua Lei e se tornam mais conscientes de serem o povo de Deus.

Deus mantém sua promessa: terra e liberdade. O povo se compromete a obedecer e servir somente a este Deus. O povo, e sua consciência, se torna testemunha da Aliança. E o testemunho é gravado numa grande pedra, por meio de palavras que devem estar no coração de cada membro do povo (Jos 24,1-28).

### **4.3- Livro dos Juízes**

O livro dos Juízes coleta, de maneira popular, incompleta e local, os acontecimentos que tinham sido conservados nas tradições de distintas tribos e que aconteceram depois da morte de Josué até o surgimento da monarquia. O autor deste livro usa esses antigos relatos sem a necessária ligação entre si, os organiza como uma história contínua. Com isso, ele quer explicar que Deus é dono da história. Samuel (1200-1040 a. C.), o mais excelso de todos os juízes, não faz parte deste livro.

#### **a) Os perigos de Israel**

Os grupos de israelitas dispersos pela terra de Canaã vivem expostos a um duplo perigo: os povos vizinhos que saqueiam seus campos agrícolas, tentando submetê-los (amalecitas e, sobretudo, os filisteus); e a atração sedutora de culto idólatra de Canaã, que comemoram, em festas campestres, as forças da vida e da fertilidade.

#### **b) Escolhidos por Deus**

Os juízes são chefes, heróis que o Senhor elegeu para salvar Israel da opressão de seus inimigos e restaurar a normalidade. São instrumentos da fidelidade de Deus à sua palavra.

#### **c) O Senhor nos liberta e salva**

O livro dos Juízes é um convite a descobrir o sentido da História, mais que saber detalhes do que aconteceu. Uma história onde se repete sete vezes a mesma coisa: "Israel peca e Deus julga; o povo se converte e o Senhor o liberta e salva".

A leitura hoje, deste livro, ajuda-nos a entender que o Senhor sempre socorre quem o invoca, por mais desesperadora que seja a sua situação.

#### **4.3.1- GIDEÃO: resistência e aceitação**

Gideão foi o juiz que libertou os filhos de Israel dos midianitas. Os midianitas eram povos nômades árabes dos desertos da Síria e da Arábia. Esse povo oprimia Israel, roubando suas colheitas e também seus animais. Eles tinham invadido a parte central da Palestina e, em um de seus ataques, eles mataram os irmãos de Gideão, em Tabor.

Foi então que Gideão teve uma experiência com Deus, onde o Anjo do Senhor o chamou para fazer dele o libertador de Israel. A vocação de Gideão segue o padrão encontrado também em outros personagens bíblicos: Moisés, Saul, Jeremias. Deus chama. Gideão recusa. Deus insiste. A empreitada parece humanamente impossível. Por isso, o Senhor promete a Sua presença e a Sua ajuda (Juízes 6,11-16).

##### **a) Não se pode servir a dois senhores**

A primeira missão que o Senhor confia a Gideão é remover os ídolos do coração de seu povo. Este é o verdadeiro mal que está destruindo a fé e a unidade de Israel; é presa fácil dos estrangeiros. Gideão se vê obrigado a destruir o lugar sagrado e o ídolo de sua família. Seu próprio pai se converte e descobre a impotência dos ídolos (Juízes 6,25-32).

##### **b) Um sinal e uma vitória do Senhor**

Gideão pede ao Senhor um sinal da bênção e do compromisso. Quando vê o sinal de Deus, já não tem mais dúvida. Mas Deus o faz confiar mais Nele que em seus próprios recursos (Juízes 6,36-39). A vitória sobre os midianitas é ensurdecadora. Trezentos homens armados com tochas e trombetas fez fugir um exército muito superior em armas e em número. A vitória é reconhecida por todos como do Senhor (Juízes 7,16-21).

#### **4.3.2- SANSÃO**

A ameaça dos filisteus: os filisteus eram homens do mar procedentes da ilha de Creta. Por volta do ano 1200 a. C. chegaram a Palestina. Sua cultura era mediterrânea e sabiam trabalhar o ferro. Armas e carros deram-lhes vantagem sobre os povos vizinhos. A tribo de Dan estava seriamente ameaçada.

Sansão era um Nazireu (do hebraico nazir נָזִיר ou "consagrado"), que designa uma pessoa que faz um voto de estar a serviço de Deus por um tempo determinado ou por toda a vida.

Segundo a Bíblia, a marca mais comum da separação desta pessoa - que podia ser um homem ou uma mulher - era o uso do cabelo não cortado e a abstinência do consumo de vinho ou qualquer outro alimento feito de uva.

A história de seu nascimento tem semelhanças com outros heróis bíblicos: Isaac, Jacó, Samuel, João Batista. Sua mãe, que era estéril, o recebe como um dom de Deus e a Ele o consagra como "nazir" (Juízes 13, 1-25). Sansão é, portanto, um servo de Deus, um herói nacional e religioso, um dom de Deus para o seu povo em perigo, e capaz de dar continuidade à história da salvação.

Ele era da tribo de Dan e foi o décimo terceiro juiz de Israel. A Bíblia relata que Sansão foi juiz do povo de Israel por vinte anos (Juízes 16,31), aproximadamente de 1177 a. C. a 1157 a. C.

Distingua-se por ser portador de uma força sobre-humana que, segundo a Bíblia, era-lhe fornecida pelo Espírito Santo de Deus enquanto se mantivesse obediente ao Deus dos Exércitos. Subjugava facilmente seus inimigos e produzia feitos inalcançáveis por homens comuns.

Mas, Sansão se comporta como um mau nazireu. Quebra todos os seus votos: bebe vinho nos banquetes, come alimento contaminado pelo contato com um cadáver, liga-se a mulheres estrangeiras e permitiu que lhe cortasse o cabelo.

De acordo com o texto bíblico, Sansão apaixonou-se por Dalila, uma mulher do povo filisteu, a qual o traiu entregando-o aos chefes de sua nação, depois de saber sobre os seus cabelos, os quais eram a fonte de sua força sobre-humana. Após ser cegado pelos filisteus, Sansão passou à condição de escravo.

Sansão demorou para perceber a sua importância. A descoberta total se faz, paradoxalmente, no final de sua vida, quando nem parece já ter forças. É então quando Sansão se converte. Sua conversão e sua fé realizam o milagre. A ponto de morrer, refaz o caminho, descobre quem ele é, e qual a sua missão. Assim, sua vida e sua morte estão inscritas na história da salvação (Juízes 16,23-31).

#### **4.4- Livros de Samuel**

O livro de Samuel é artificialmente desmembrado em duas partes: a primeira narra a instituição da realeza, e a segunda apresenta Davi, rei de Israel.

A história, extremamente humana, contada nestas páginas, abrange cerca de 100 anos (1070-970 a. C.). É uma história feita de carne e osso, de abraços e apunhaladas, de amigos, de servos fiéis e traidores, covardes, intrigantes. Nela aparecem casos de amores, fracassos e triunfos, lágrimas e alegrias, orações e celebrações, pecados e atitudes de fé profunda. É uma história humana próxima a cada um de nós.

##### **a) Sacerdote, juiz e profeta**

Samuel reúne em sua pessoa as funções de vários homens. Ele é um sacerdote. É juiz, no sentido de ser chefe, governador (1S 7,15-17). Mas, acima de tudo, ele é um profeta, o primeiro dos grandes profetas que marcarão o caminho da história bíblica.

Um cântico celebrou sua vinda ao mundo. Sua morte foi um luto nacional. Entre esses dois extremos, ele viveu uma vida austera e honesta de um homem forte e vigoroso que, enraizado na tradição, preparou uma nova era à custa de seu próprio sacrifício.

##### **b) Uma mãe consolada**

O livro de Samuel se inicia com uma peregrinação ao santuário de Siló e com a descrição de um drama familiar. Ana é estéril. Ela se sente rejeitada por Deus e desprezada pela segunda esposa de seu marido. Sofre e reza. Faz um voto: consagrar a Deus o fruto do seu ventre.

A fraqueza dessa mulher aflita serve para nos fazer entender que cada criança é um dom de Deus. A fecundidade de Ana – como de tantas mulheres da Bíblia - é fruto do poder de Deus e da oração. (1S 1,1-28)

##### **c) O chamado de Deus**

Embora Samuel tivesse sido consagrado ao serviço de Deus, ele não tinha recebido qualquer missão. Ele teria de ser chamado. Este chamado o credenciou como profeta (1S 3,1-20).

Lendo esta página da Sagrada Escritura, necessitamos entender que todo homem deve ouvir e decifrar em sua vida o chamado de Deus e segui-lo por mais difícil

que pareça. Não é importante sentir-se chamado para realizar algo na vida e saber que outros precisam e esperam sua ajuda?

#### **d) Desejo da monarquia**

As tribos israelitas começaram a sentir o risco de dispersão. É necessário agrupá-las. De pastores nômades passam a agricultores. Vivem alternativamente momentos de paz e guerra. Seus inimigos mais poderosos são os filisteus. Quando estes ameaçam a existência dos hebreus, surge o desejo da monarquia. O povo pede um rei. Parece preferir a solidez de uma instituição real à insegurança de viver a fé. Deus age com condescendência. Israel ganha um rei como as outras nações (1S 8,1-22). O primeiro foi Saul, depois Davi, e assim por diante, até o desterro (1050-586 a. C.)

#### **e) A realeza: sinal e promessa do verdadeiro Reino**

O reinado de Davi será o sinal e a promessa de que um dia o próprio Deus estabelecerá na terra e na pessoa do Messias o seu reino: um reino de verdade e de vida, de santidade e de graça, de justiça, amor e paz.

Os livros de Samuel não são apenas a biografia de um rei amado por Deus e pelos homens, mas, acima de tudo, uma mensagem "messiânica" e a promessa de que chegará verdadeiramente o reino de Deus.

#### **4.4.1- Saul: escolhido e rejeitado**

O profeta revela a Saul a vontade divina: embora seja de origem modesta, ele foi escolhido para uma missão de grande responsabilidade (1S 10,1). Depois de um período inicial de confiança, Deus "se arrepende" de tê-lo escolhido e o rejeita (1S 13,10-14).

É curioso observar como os profetas aparecem de repente nos tempos em que os reis se esquecem de Deus: Saul terá Samuel; Davi terá Natan; Salomão terá Aías; Ajab terá Elias; Jorán a Eliseu; Ezequias a Isaías; Sedecias a Jeremias. Nem o medo, nem a juventude seriam obstáculos para que intervissem e fizessem ouvir a voz de Deus.

#### **4.4.2- Davi**

Abraão, Moisés e Davi são os maiores responsáveis pelo povo de Israel: o germe de um povo (Abraão); seu nascimento (Moisés); a sua maioridade (Davi e seu reino).

A história de Davi começa com a sua eleição por Deus. O "ungido" por Samuel é o caçula de uma família de oito (1S 16,1-13). Assim, recordamos a história bíblica de que Deus ama os humildes, pequenos e simples.

##### **a) O pastor luta contra o guerreiro**

A luta de Davi contra Golias apresenta uma importante lição: a força do homem não tem valor diante de Deus. A intenção desta história bem conhecida é manifestar que Deus escolheu um novo libertador para ser líder do seu povo Israel (2S 17,1-57).

##### **b) Magnânimo perdão**

Davi teve a oportunidade de matar Saul no acampamento onde ele dormia. Este episódio revela Davi cavalheiresco e nobre de coração. Sabe que o rei é o ungido do Senhor. Rejeita colocar a sua mão sobre ele. O autor, com este gesto generoso de Davi, exalta a dignidade sagrada do rei, em cuja honra o livro é composto (1S 26,6-25).

##### **c) A morte de Saul e Jonatas**

Saul faz a sua última batalha contra os filisteus e morre com seu filho Jônatas, amigo de Davi (1S 31,1-13). A notícia logo chega a Davi. Do seu coração brota um canto em que manifesta um carinho intenso e uma sincera admiração (2S 1,19-27).

##### **d) Davi ungido rei**

Em Hebron, Davi foi eleito rei da casa de Judá. Todas as tribos de Israel vieram a Hebron para ver Davi. Davi fez com eles um pacto, perante o Senhor, e foi ungido rei de Israel. Ele tinha 30 anos quando começou a reinar, e reinou 40 anos (2S 5,1-5).

##### **e) Jerusalém: Cidade de Davi**

Davi e seus homens conquistaram Jerusalém em uma ação relâmpago e genial. Logo se transforma na capital do reino e seu símbolo. "Ali construí a sua casa" (2S 5,5-12). Daí em diante, o nome de Davi passa a ser unido a Jerusalém. Nela nasce Salomão. Dela Davi foge com lágrimas nos olhos perseguido por seu filho Absalão. Nela morre e nela tem sua sepultura.

#### **f) A transferência da arca**

Jerusalém sem o Senhor não é nada. Davi translada a Jerusalém a Arca da Aliança. A arca, símbolo da fé de Israel, será o símbolo eficaz da união dos israelitas em torno de Javé e de Davi, seu rei. Jerusalém, monte santo, irá substituir ao monte Sinai (2S 6,1-19).

#### **g) A profecia de Natan**

A voz do profeta responde à preocupação do rei em construir uma casa, ou seja, um templo para Deus. O profeta anuncia ao rei que, em vez de construir uma casa para o seu Senhor, será Deus quem vai construir uma "casa" para Davi. Ele acrescenta: o rei será "Filho de Deus" (2S 7,1-17). Ao anúncio do profeta, Davi responde com uma bela oração (2S 7,18-29).

Entende-se que o rei tem um papel essencial: responsável pela salvação da nação diante de Deus. Em torno dele deve ser construída a unidade política e religiosa.

#### **h) Pequei contra o Senhor!**

O pecado de Davi nos ensina que a história de um crime serve para nos posicionar adequadamente perante os homens e perante Deus (2S 11,1-27).

Davi ficou impressionado com a beleza de Bate-Seba ao vê-la banhar-se e a seduziu. Obteve sucesso na sua sedução, o que geralmente sucedia aos reis nas sociedades primitivas, embora o seu ato fosse considerado uma transgressão perante a lei mosaica e um pecado segundo os olhos do Deus de Israel.

Para tentar encobrir sua transgressão, Davi chegou a cometer outro pecado, expondo Urias, esposo de Bate-Seba, à morte em uma batalha, reduzindo suas chances de sobreviver (II Samuel 11). Bate-Seba estava grávida de Davi e, após a morte de seu marido Urias, ela tornou-se uma de suas esposas.

Devido a esta transgressão, Natan corajosamente acusa o rei de seu pecado contra Deus. Davi clama arrependido, com lucidez profunda: Pequei contra o Senhor! (2S 12,1-25). Deus perdoa (Salmo 51). Seu perdão anula a sentença de morte contra o rei. No entanto, o menino que nasceu dessa gravidez adulterina morreu por juízo divino (II Samuel 12,15-18), o que deixou Davi profundamente abatido, porém em grande estado de adoração ao Deus Eterno, pela sua justiça.

No entanto, Davi teve com Bate-Seba mais quatro filhos, incluindo Salomão, que sucedeu ao trono de Israel (I Crônicas 3,5).

### **i) Administrador e político**

Davi começa a organizar o reino. Diversas funções são definidas: chefes militares, sacerdotes, secretários, ministro da informação. Por meio de guerras vitoriosas, Davi traz ao seu reino algumas tribos e submete a outros povos. Por serem vassalos do rei podem também desfrutar da Aliança de Deus.

### **j) Uma lâmpada que não se apaga**

O reinado de Davi foi tão belo que o israelita sempre se recordará como o reinado ideal, símbolo e figura do reino messiânico que se espera. Deus não deixou sua luz se apagar. Ele decide quem é seu sucessor: seu filho Salomão.

Ao anunciar o nascimento de Jesus, lembramos que "reinará no trono de Davi, seu pai".

### **Para refletir:**

- 1) Você conseguiu perceber que, ao longo da história, Deus é fiel ao seu plano de salvação? Você percebe isto em sua vida e na vida de sua família? Quais são os fatos que lhe dão esta certeza?
- 2) Quais são os aspectos que mais se destacam no Livro de Josué? Por quê?
- 3) Leia e reflita sobre o seguinte trecho do Livro de Josué: 24,14-24. Qual é a sua escolha? Qual é a escolha de sua família?
- 4) Você conseguiu perceber que, ao longo da história, Deus elege ou escolhe pessoas para salvar seu povo? Você percebe isto em sua vida e na vida de sua família? Quais pessoas mais lhe têm ajudado a ser fiel a Deus?
- 5) Quais são os aspectos que mais se destacam no Livro dos Juízes? Por quê?



## MESA 5 - LIVRO DOS REIS: O REINO DO NORTE E O REINO DO SUL

### 5.1- Introdução

Nesta Mesa iremos rever os dois Livros de Reis, que continuam narrando a história de Israel interrompida no segundo livro de Samuel. É o mesmo trabalho em dois volumes. Ele foi escrito por um autor desconhecido entre os anos 561 e 539 a. C. Segundo o texto original e a antiga tradição hebraica, estes dois livros constituiriam uma só obra, que descreve a história da monarquia hebraica desde a subida de Salomão ao trono até à conquista e destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, em 586 a. C.

Podemos distinguir claramente três partes:

- Reinado de Salomão (970-931 a. C.);
- A história dos reinos do Norte (Israel) e do Sul (Judá) contadas desde a divisão do reino de Salomão até a queda de Samaria, a capital de Israel, conquistada pelos assírios (721 a. C.); e,
- História dos Reis desde o desaparecimento do reino de Israel até a queda de Jerusalém nas mãos de Nabucodonosor (587 a. C.).

Devido às desgraças que progressivamente se apresentam para o povo de Israel, este Livro descreve o comportamento dos reis de Israel e de Judá, pois nele se espelhava o destino de todo o povo. É que a maior parte dos seus reis fez “o que era mau aos olhos do Senhor”.

Podendo representar práticas variadas, parece referir-se, sobretudo, à tolerância e aceitação dos cultos prestados a deuses estrangeiros (1Rs 11,1-10; 14,22-24); mas também caracteriza os atos de culto a Javé, realizados em santuários fora de Jerusalém (1Rs 12,26-33). É sobretudo este o pecado de Jeroboão, frequentemente referido (1Rs 13,34; 14,16; 15,30; etc.).

A História Deuteronomista é adepta da centralização do culto em Jerusalém. Por isso, além de Davi, como “fundador” do templo de Jerusalém, e de Salomão, como seu construtor, somente Ezequias e Josias, reformadores do culto no sentido pretendido pelo deuteronomista, são objeto de elogios.

E assim, os livros dos Reis que, pelo seu tema histórico, poderiam parecer de pouca importância para o pensamento religioso de Israel, acabam por se encontrar no centro de uma das mais marcantes Teologias da História que dão conteúdo à Bíblia.

O segundo livro dos Reis narra a história do profeta Eliseu (sucessor do profeta Elias) e dos reis de Israel e Judá, dando prosseguimento aos acontecimentos narrados no primeiro livro dos Reis. Menciona a destruição do Reino de Israel, com sede na Samaria, que caiu em poder da Assíria em 722 a. C., e a milagrosa resistência do rei Ezequias ao cerco de Senaqueribe. Termina com a destruição da cidade de Jerusalém por Nabucodonosor, rei da Babilônia, em 586 a. C., o qual leva os judeus como escravos para a Mesopotâmia, conforme foi profetizado por Jeremias.

Mais do que uma relação pormenorizada de acontecimentos, estes livros fornecem uma reflexão crítica sobre a história do povo e dos reis que o governaram: a fidelidade a Deus leva à bênção; a infidelidade leva à maldição, à ruína e ao exílio (cf. 2Rs 17,7-23).

#### **a) O templo e os profetas têm um papel importante nessa história**

O Templo é o lugar da reunião de todo o povo para o encontro com Deus. A reforma de Josias procura reunir novamente todo o povo a partir do culto no Templo (2Rs 22 e 23).

Os profetas são aqueles que mantêm viva a consciência do povo, os vigias das relações sociais e os grandes críticos da ação política dos reis. Sua intenção de fazer respeitar a justiça e o direito está sempre em primeiro plano, e eles se ocupam tanto de religião como de moral e política, pois tudo deve estar submetido a Deus, o único rei sobre o povo (cf. Is 6,5; Is 44,6; Zc 14,16).

#### **b) Infidelidade, castigo e esperança**

Há momentos brilhantes, como a construção e dedicação do templo de Salomão. Há grandes figuras como Elias e Eliseu. Há reis reformadores e piedosos como Josafá, Josias e Ezequias. Aparecem os grandes profetas de Judá e Israel.

Mas, a linha fundamental é a descrição da decadência gradual da nação. No final do livro, o desastre é completo. Desaparecem o rei, o templo e a cidade santa. A dura realidade é o desterro para uma terra estrangeira. Embora Israel tenha sido infiel à Aliança, o castigo vivido é um chamado à conversão e à esperança.

Quando fracassa o sonho da realeza temporal, será possível espiritualizar nos pobres a ideia do reino de Deus. Um pobre salvará os homens do pecado. A esperança humana de um reino temporal é modificada pela esperança do Messias.

## **5.2- SALOMÃO: dois nomes significativos**

O segundo filho de Davi e Bate-Seba recebe dois nomes em seu nascimento. Sua mãe o chamou Salomão, ou seja, o "rico em paz." O profeta Natan coloca Yedidías, significando "favorito de Javé". Os fatos confirmaram o pensamento de Bate-Seba: seu filho se torna um rei mais pacífico e opulento que crente. "O favorito de Javé" será frequentemente infiel ao seu Senhor.

### **a) Algumas características de Salomão**

Sábio, começa como jovem prudente, que não aspira riquezas, mas sabedoria para governar. Aconselhado por Natan, o rei atua por sua sabedoria e senso de justiça.

Verdadeiramente, o Senhor está com ele. Sua fama de rei sábio se espalha amplamente entre os seus contemporâneos. Toda a sabedoria de Israel é bem-vinda sob seu prestígio e vários livros da Bíblia, embora escritos séculos depois, levam o seu nome. Promove a atividade literária e abre as portas para correntes estrangeiras.

Político, Salomão conserva os domínios conquistados por Davi, mas não os faz crescer. Salomão não é um guerreiro. Prefere uma política de coexistência pacífica e comercial. Para atingir os seus fins, o rei contrai matrimônio com princesas estrangeiras, aumentando seu harém para limites insuspeitáveis. A administração se desenvolve. O país é dividido em doze distritos responsáveis pelo fornecimento da mão de obra necessária a cada mês para grandes trabalhos.

Na economia estabelece uma frota de navios que navegam pelos mares. A riqueza procedente do comércio com o Egito e a Síria migra para Jerusalém. A economia floresce, mas o povo não a desfruta. Os gastos do palácio são enormes. O povo se vê oprimido e sobrecarregado com impostos que o empobrece gradualmente, enquanto aumentam os tesouros no palácio. Assim, a monarquia, recém-criada, em vez de unir o povo, provoca lentamente a sua divisão pelo abuso da corte e pelos costumes religiosos das mulheres do rei, contrárias à fé de Israel.

Como construtor, deu seguimento a um dos pedidos que Davi lhe deixou: construir o templo. Também como construtor é genial e excessivo. Não só se entrega

com entusiasmo na construção de um dos mais belos e famosos templos do mundo, mas que também constrói um deslumbrante palácio e fortificações para a cidade. O templo é concluído e é o orgulho da fé de Israel. Mas Salomão introduz um culto cortesão e os profetas têm de lutar por muitos anos contra esta religiosidade contrária à fé primitiva de Israel.

No campo literário, com a vida em tempos de paz, Salomão organizou sua corte no estilo do Faraó. Nela, os escribas ocupam um lugar importante. Treinados na arte da escrita, são também homens sábios que aprenderam a arte de orientar suas vidas retamente. Sua sabedoria é considerada um dom de Deus. A história sagrada judia ou a tradição javista é sem dúvida resultado de seu trabalho.

#### **b) Não se pode servir a dois senhores**

Salomão talvez não mereceu todo o prestígio e fama com que passou para a história. Ele sacrificou a fé ao esplendor da corte e a liberdade do povo de Deus à tirania de seus gostos pessoais. A conclusão pode ser esta: "Você não pode servir a dois senhores".

Pela divisão do reino, Salomão explorou o seu povo e conseguiu conter a rebelião, que começara a ser incubada, e que explode quando o rei morre. Seu filho, um político estúpido, provoca a divisão do reino em dois. As tribos do Norte se separam. O reino unido durou apenas 70 anos.

### **5.3- História Sagrada do Sul (Tradição Javista)**

#### **a) Origem**

Foi iniciada pelos escribas e sábios da corte do rei Salomão. Esta tradição continuou com os seus primeiros sucessores no reino de Judá. É chamada tradição Javista, uma vez que desde o início se designa Deus como Javé (o Senhor). O autor coleta tradições de diversas origens: atas do reino e também histórias sobre os chefes dos clãs que viveram anteriormente em Canaã.

De todas essas histórias consegue fazer uma história unificada em que seu olhar de crente percebe a intervenção de Deus. Além disso, mediante relatos teológicos e não históricos, apresenta as origens do mundo e do homem, querendo demonstrar a unidade do plano de Deus.

## **b) Apoio à realeza**

A tradição Javista está a serviço da realeza e isso mostra que é nela que se realiza a promessa de Deus aos patriarcas. O rei, filho de Davi e Filho de Deus, é o lugar-tenente de Deus e construtor da unidade política e religiosa da nação.

Mas, ao mesmo tempo, o Javista critica a realeza e a chama à ordem: o rei não é um monarca absoluto, mas está a serviço de Deus e do seu povo.

## **c) Algumas características javistas**

- Bom narrador: é um maravilhoso contador de histórias. Seus relatos são muito vivos, sempre concretos e cheios de imagens. Deus é representado muitas vezes como um homem (antropomorfismo). No relato da criação, Deus aparece alternadamente como um jardineiro, oleiro, cirurgião, alfaiate. É o seu modo de falar de Deus e do homem, e se revela profundo teólogo.
- Um Deus muito humano que caminha com Adão como um amigo (Gn 2). Que se convida para comer na casa de Abraão e comercializa com ele (Gn 18). O homem vive familiarmente com Ele e O encontra na vida cotidiana.
- Um Deus diferente que é o dono: manda ou proíbe (Gn 3,16). Tem um projeto sobre a história: a sua bênção deve fazer o seu povo feliz, e por meio dele, estender esta felicidade a todos os povos (este é um universalismo incrível para aquela época).
- Um Deus sempre pronto a perdoar. O homem deve responder a esse chamado de Deus, deve obedecer-Lo. O pecado do homem consiste em querer suplantar Deus. Este pecado irá atrair sobre o homem a maldição: Caim, o dilúvio, a torre de Babel. Mas Deus está sempre pronto a perdoar, principalmente ante a oração dos intercessores como Abraão (Gênesis 18) ou Moisés (Ex 32,11-14), e para renovar a sua bênção.

## **d) O Reino de Judá**

- A localização geográfica

Judá é um pequeno reino localizado entre Israel e os filisteus, ocupando as colinas ao redor de Jerusalém e do deserto de Negev. Vive da agricultura, do cultivo da vinha e da oliveira, da pecuária, e principalmente da criação de ovelhas, mas também do comércio com a Assíria e o Egito.

➤ Situação política

No terreno político sofre com as mudanças que ocorrem ao seu redor. Durante boa parte deste período, as grandes potências, Egito e Assíria, não estão muito fortes.

A ação política e militar se concentra no território de Canaã: lutas, alianças, derrotas, vitórias, entre os pequenos reinos de Judá, Israel e Damasco.

➤ Política Internacional

A partir de 745 a. C. a situação muda de direção com o retorno da Assíria para cena pública. Para resistir a ela, Damasco e Israel se aliam e querem forçar Judá a se juntar a eles. É a guerra siro-efraimita, ocasião dos oráculos do profeta Isaías. O jovem rei de Judá, Acaz, prefere pedir a ajuda ao rei da Assíria. Este entra e toma Damasco em 732 a. C. e a Samaria em 722-721 a. C.

**e) Judá entre 721 e 587 a. C.**

- Ezequías, filho de Acaz, apesar dos conselhos de Isaías, estabelece uma política complexa de alianças com o Egito e com um rei da Babilônia, que se rebelou durante um certo tempo contra a Assíria. No ano de 701 a. C., Senaqueribe, o novo rei assírio, lança uma campanha contra Judá. Ezequias fortalece sua capital e faz escavar um túnel para trazer água para a sua fortaleza. Senaqueribe cercou a cidade e, em seguida, levantou o cerco contentando-se com o pagamento de um pesado tributo.
- Manassés, rei violento e ímpio, reinou 45 anos, submetendo-se servilmente ao rei da Assíria, Assurbanipal. Mas, no fim do seu reinado, as coisas começam a mudar: na Babilônia uma nova dinastia aparece; os medos, no Irã de hoje, adquirem poder; o Egito volta a despertar.
- Josías reina em Jerusalém cerca de 30 anos. Durante o seu reinado, no ano de 622 a. C., se descobre no templo um rolo, contendo várias leis do antigo reino do Norte, que se converterá no Deuteronômio. Este documento servirá de base para a reforma que Josias empreende com um propósito político e religioso (2Reis 22-23). Uma nova geração de profetas - Sofonias, Naum, Habacuque e especialmente Jeremias – prega nesta época.

**f) Cai Nínive**

Em 612 a. C., Nínive, a capital assíria, é tomada. Todos os povos do Oriente Médio aplaudem a queda do inimigo. Eles não percebem que, na verdade, o poder

muda de dono. A primeira preocupação do general triunfante, Nabucodonosor, é partir em campanha contra o Egito.

#### **g) Conquista de Jerusalém**

No ano 597 a. C., Jerusalém é tomada, com a deportação do rei e parte de seus habitantes. Entre os deportados está um profeta sacerdote, Ezequiel. Nabucodonosor tinha instalado em Jerusalém um rei a seu soldo. Porém, logo após o monarca babilônico deixar Jerusalém, o novo rei se aliou com o Egito. Nabucodonosor fica furioso e volta a tomar posse da cidade para destruí-la, incendiando o templo e a arca da aliança, deportando os habitantes para a Babilônia. E assim terminou o reino de Judá.

#### **h) A atividade literária**

Os levitas do Norte se refugiaram em Jerusalém trazendo consigo a literatura escrita em seu reino entre as quais: a história sagrada do Norte (tradição Eloísta), o conjunto de leis, os oráculos dos profetas.

Porém, durante um século permanecem dormentes na biblioteca do templo, sendo somente encontradas na época de Josias, que faz dela a base de sua reforma.

Os escribas do Sul realizam a fusão das duas histórias: a história judaica (Javista) e a do Norte (Eloísta). Esta fusão, às vezes chamada Jeovista (JE), aparece como o patrimônio comum das tribos do Norte e do Sul.

A reforma de Josias se torna o Deuteronômio. À luz do ensinamento descoberto no Deuteronômio se inicia a organização das tradições sobre Josué, os Juízes, Samuel e Reis. Por fim, os oráculos dos profetas - Sofonías, Naum, Habacuque, Jeremias - são escritos. Muitos dos salmos são compostos e a reflexão dos sábios continua, especialmente após a morte do rei santo, Josías.

#### **i) Características do Deuteronomista**

O autor não se contenta em ensinar, mas quer convencer e levar à obediência. Faz numerosas repetições como, por exemplo: O Senhor teu Deus; Ouça, lembre-se Israel; Guarda os mandamentos, leis e costumes.

O “você” e o “nós”: é, sem dúvida, um sinal de duas etapas na sua redação. No livro atual, isto se converte na afirmação de que o povo é um (pode tratá-lo por você) e de que todo o povo conserva sua personalidade (sendo dito nós).

**j) Algumas ideias centrais:**

- O Senhor é o único Deus de Israel.
- Ele escolheu um povo. Em resposta à esta eleição, o povo deve amar a Deus e guardar os seus mandamentos.
- Deus lhe deu uma terra, mas com a condição de que o povo lhe seja fiel: "lembre hoje da sua aliança".
- É especialmente na liturgia onde o povo, a assembleia convocada por Deus como no Sinai, se recorda da Palavra de Deus, e a escuta.

**5.4- História Sagrada do Norte (Tradição Eloísta)**

**a) Origem**

As tribos do Norte se separaram de Jerusalém e seu rei, sucessor de Davi. Mas eles possuíam o mesmo passado, as mesmas tradições. Como no reino de Judá, mas dois séculos mais tarde, talvez por volta de 750 a. C., essas tradições foram escritas para compor a história sagrada do Norte. Ela é conhecida como tradição Eloísta, porque Deus é muitas vezes referido como Eloim. Ela se inicia com o relato da Aliança com Abraão.

**b) Contexto diferente**

Embora se trate da mesma história que foi escrita no Sul, ela se torna distinta devido ao contexto diferente:

- A divisão política logo assume o caráter de um cisma religioso. São tentados a adorar o Baal, ou pelo menos aceitar Deus e o Baal.
- Para manter a verdadeira fé, o Norte não conta com o rei, que não é um descendente de Davi e que não se preocupa com a degradação da fé nacional e o aumento progressivo do paganismo.
- São os profetas que energicamente lembram que há somente uma aliança possível: a que Deus fez com o seu povo.
- Os escritores que contaram esta história buscaram o pensamento dos profetas e sábios.

**c) Características da tradição Eloísta**

- Deus é distinto do homem: o Eloísta evita falar de Deus como se fala do homem. Este Deus inalcançável é revelado por meio de sonhos. Quando Ele



fala pessoalmente, o faz através de teofanias ou aparências esplêndidas: nuvem, chamas, monte. Não é possível fazer uma imagem da divindade.

- Senso moral: está muito interessado em questões de moralidade e o sentido do pecado está valorizado. Ele se preocupa com o cumprimento da Aliança. A lei dada por Moisés se preocupa menos com a forma de celebrar o culto e mais com a moral em relação aos deveres para com Deus e com o próximo.
- O culto verdadeiro consiste em obedecer a Deus e respeitar a Aliança, recusando toda aliança com falsos deuses. Deus é um só e não pode tolerar a concorrência dos ídolos. O "temor de Deus" deve manter as pessoas nesta aliança (temor não significa medo, mas respeito, misturado com confiança, cumprindo as normas morais ditadas por Deus).
- Corrente profética: os verdadeiros homens de Deus não são reis ou sacerdotes, mas os profetas. Moisés é o porta-voz (profeta) por excelência do Senhor. A memória de suas ações e ensinamentos está continuamente presente.

#### **d) O Reino do Norte-Israel (935-721 a. C.)**

##### ➤ Situação geográfica

O reino do Norte ocupava as colinas da Samaria, com vales verdes e algumas planícies. A capital é Samaria. As relações comerciais eram fáceis com os príncipes cananeus do Norte (Líbano e Síria hoje). Isso explica, em parte, a situação econômica e religiosa.

##### ➤ Situação econômica

A prosperidade do país pode ser tomada pela descrição das casas da Samaria com paredes adornadas com ébano e marfim segundo o profeta Amós (Am 3,12; 5,11; 6,4). Mas tudo isso à custa de uma injustiça social, onde alguns ficam ricos explorando os pobres.

##### ➤ Situação religiosa

Mais que Judá, Israel está em contato com os cananeus que vivem em seu território e com os príncipes de Tiro, Sidón e Damasco. Israel sofre a tentação de adorar a Javé, enquanto servia Baal. Para evitar que seu povo fosse ao templo de Jerusalém, Jeroboão construiu dois touros em Dan e Betel (1Reis 12,26s.),

provavelmente como um pedestal para que o verdadeiro Deus, o Senhor, se fizesse presente. Mas, como o touro era um símbolo de Baal, o perigo da idolatria era grande.

➤ Situação política

O sistema monárquico, estabelecido por Davi e Salomão continuou em Israel. Mas os reis não são mais legítimos descendentes de Davi. Dos 19 que reinaram, 8 foram assassinados. O rei não era, como em Judá, a garantia de unidade do povo e seu representante diante de Deus. Em Israel são os profetas - Elias, Eliseu, Amós e Oséias - que representam este papel, opondo-se frequentemente contra os reis.

➤ Política internacional

Israel se envolve de maneira intensa na política da época. O Egito então estava em decadência. A poderosa Assíria fazia incursões frequentes por Canaã. Damasco foi, por vezes, inimigo ou aliado. Em 732 a. C., a Assíria toma Damasco e em 721 a. C. ocupa a cidade de Samaria. Parte dos habitantes foi deportada para a Assíria. É o fim do reino do Norte.

➤ A atividade literária

A partir do século 9 a. C. foram escritas as tradições sobre Elias, encontradas nos livros dos Reis I e II, e cerca de 750 floretes de Eliseu (2Reis 3,9). Também foram colocadas por escrito as palavras de Amós e Oséias. Também por volta do ano 750 a. C. é escrita a história sagrada do Norte, que chamamos de "tradição Eloísta".

Finalmente, um conjunto de leis começa a se formar para adaptar a legislação antiga para a nova situação social. Fortemente influenciados pela mensagem dos profetas, especialmente Oséias, estes conjuntos de leis vão se tornar o núcleo do Deuteronômio.

## 5.5- Profetas

### a) Ser Profeta

Não se trata de alguém que anuncia o futuro, mas sim alguém que fala em nome de Deus, alguém que foi introduzido no plano de Deus: "Não fará algo ao Senhor, e sim revelar o seu plano aos seus servos, os profetas" (Am 3,7).

### b) Um homem de seu tempo

O profeta é capaz de ver tudo o que atrapalha o plano de Deus. Longe de ser um sonhador sem contato com a realidade, ele tem um senso muito agudo do seu

tempo. Os profetas clamam contra as injustiças e animam a fé e a esperança do povo. Para cada situação tem uma palavra oportuna.

#### **c) Descobre a palavra de Deus**

O profeta descobre a Palavra de Deus em sua vocação e na sua vida. Sua vocação é crucial: é o momento que experimenta a Deus. Pode ser numa visita ao templo, como Isaías; na oração contínua, como Jeremias; num amor infeliz, como Oséias.

Sob esta luz, a vida, tanto nos principais acontecimentos políticos como no cotidiano, permite descobrir esta Palavra e ler os sinais dos tempos. A partir deste momento, tudo lhe fala de Deus.

Desta forma, nos ensina a ler em nossa própria vida esta mesma Palavra que segue interpelando-nos.

#### **d) Anuncia a palavra de Deus**

Os profetas se expressam pela Palavra: oráculos (ou declarações feitas em nome de Deus), exortações, relatos, orações. Mas também se expressam mediante atos. Os gestos proféticos dizem a Palavra e a sua realização.

Se os profetas formulam palavras de exortação, de ameaça, de censura ou de promessas, é sempre com o objetivo de que o povo se volte para Deus. Fundamentalmente, os oráculos anunciam a salvação de Deus. O profeta espera contra toda a esperança.

#### **e) Desperta e mantém o povo**

Não é papel do profeta "antecipar" e "prever" o futuro. O profeta deseja consagrar-se a "ver" e "dizer" o plano de Deus. Se às vezes se detêm no passado, é para se assegurar de que o Senhor pode renovar continuamente o seu apoio ao povo e abrir um novo futuro.

Denuncia vigorosamente a injustiça, a idolatria e tudo aquilo que pode inviabilizar o plano de salvação de Deus. Como bom lutador, não puxa nenhuma arma contra a adversidade. Sua lucidez e clarividência o fazem apalpar de antemão as catástrofes futuras que já se desenham no presente.

Sua finalidade é despertar, levantar e apoiar o povo para mantê-lo na Aliança.

## **5.5.1- Profetas do Reino do Sul**

### **5.5.1.1- Isaías**

#### **a) Poeta, político e profeta**

Isaías pregou em Jerusalém entre 740 e 700 a. C. Grande poeta, político inteligente, mas acima de tudo profeta, Isaías teve uma grande influência em seu tempo. Dois séculos mais tarde, alguns discípulos apelaram à sua memória e acrescentaram as suas obras a dele.

Portanto, é necessário distinguir neste livro várias obras: Is 1-39 é, em parte, obra de Isaías; Is 40-55 pertence a um discípulo do tempo do exílio (Deutero-Isaías); Is 56-66 é de um discípulo pós-exílio (Trito-Isaías).

#### **b) Situação política**

A situação política nos tempos de Isaías é muito complexa. Os dois reinos de Jerusalém e Samaria desfrutaram de prosperidade (pelo menos para os ricos que exploravam os pobres!), mas a Assíria inicia a sua ameaça. Em 734 a. C., os reis de Damasco e Samaria querem obrigar Jerusalém a entrar em uma coalizão contra a Assíria. Esta guerra siro-efraimita foi a ocasião dos principais oráculos de Isaías.

#### **c) A vocação de Isaías**

A vocação de Isaías (Is 6) explica a sua mensagem. Ao chegar ao templo tem a experiência da presença de Deus. Toma consciência de que não é mais que um homem e de que é um pecador; ele se sente perdido. Mas Deus o sustenta e o purifica. Isaías percebe que o maior pecado é o orgulho (querer sustentar-se por si mesmo, fazer-se Deus) e que a salvação é a fé (a entrega por completo e humildemente a Deus com toda confiança).

#### **d) Uma pedra no caminho**

Deus é como uma enorme pedra no caminho. O povo deve escolher: o orgulho é colidir com ela e encontrar a morte (Is 8,14-15); a fé é apoiar-se nela (Is 10,20-21) ou nessa pedra que é o Messias (Is 28,16). Infelizmente, essa pregação, embora não conseguisse mais que o endurecimento da maioria, gerou também a formação de um pequeno grupo de fiéis (Is 6,9-11).

#### **e) A atitude do rei Acáz**

Isaías é de Judá. Para ele, o rei, filho de Davi/Filho de Deus, é a garantia da fé do povo e seu representante diante de Deus. Por isso, dói a falta de fé do rei Acáz

(734-727 a. C.). Este, enlouquecido pela coligação Damasco-Síria, sacrifica o seu filho a falsos deuses (2Re 16,3), colocando assim em risco a promessa de Deus a Davi.

#### **f) A jovem esposa está grávida**

Isaías vem para anunciar que Deus, apesar de tudo, manterá a sua promessa, e que já está a caminho outra criança, pela gravidez de sua jovem esposa. E Isaías coloca toda sua esperança nessa criança, o pequeno Ezequias, Emanuel, Deus conosco (Is 7). Quando Ezequias subiu ao trono, ele se torna um filho de Deus. Isaías canta a era de paz que ele vislumbra (Is 9) e celebra de antemão a vinda do verdadeiro Filho de Davi que chegará um dia para estabelecer a paz universal (Is 11).

### **5.5.1.2- Jeremias**

#### **a) Situação**

Jeremias viveu a terrível tragédia que se abateu sobre o seu povo em 597 a. C. e, em seguida, em 587 a. C. Além disso, ele previu e tentou preparar o povo despreocupado, e eles o perseguiram. Jeremias, homem tímido e violento, delicado e terrível, passou a vida pregando a religião da fé em Deus, da fidelidade interior e da aliança gravada no coração.

#### **b) O chamado do profeta**

A vocação de Jeremias é uma história de sinceridade extraordinária. O profeta fala na primeira pessoa como Deus o chama, como ele resiste e como o Senhor o confirma na missão e lhe promete proteção. Jeremias é chamado a ser um mensageiro de Deus: é um serviço inesperado a que estava destinado desde o ventre materno (Jer 1,4-19). A palavra de Deus é um fogo incontrolável, encerrado nos seus ossos. "Me seduziste, Senhor, e me deixei seduzir" (Jer 20,7).

#### **c) Início de sua missão**

Jeremias começou a pregar no tempo do rei Josias. Sua pregação não é tão diferente dos profetas anteriores. Deseja que seu povo tome consciência de que vai pelo mau caminho. O povo tinha abandonado a Deus; deveria retornar a Deus, converter-se.

#### **d) Situação política**

Em 605 a. C., o rei babilônico Nabucodonosor chega a Jerusalém, que a ele se submete. Jeremias compreende que o inimigo viria do Norte, da Babilônia. Adivinha o

desastre e prepara seu povo. Jeremias dá "sentido" para este evento destrutivo antes da sua chegada. E isso é o que, em parte, vai permitir ao povo viver no exílio com fé e esperança, sem afundar na desgraça, mas sim, encontrar um novo sentido para a vida.

#### **e) Figura de Jesus Cristo**

Jeremias vive o drama da destruição de seu povo. Quer ficar até o final entre aqueles que sofriam por sua infidelidade. Perseguido por reis, sacerdotes, falsos profetas e até mesmo por seus parentes, conhece a prisão, a tortura e a injúria de ser chamado de traidor da pátria. Ele sentiu o fracasso de sua pregação até o fim.

Ele morreu no exílio forçado, vendo a apostasia de muitos exilados. Mas, a sua palavra permanece. Sofrimento semelhante, levado pelo profeta com admirável paciência e fortaleza, é humanamente insuportável. Assim, torna-se, no Antigo Testamento, uma das figuras mais vivas e profundas de Jesus Cristo.

#### **f) Os atos proféticos**

Como todos os profetas, mas mais do que os outros, Jeremias prega com suas ações, tanto quanto com suas palavras. Estes eventos simbólicos são muitas vezes mais do que um simples anúncio. Suas ações fazem de alguma forma presente o que anunciou anteriormente.

Neste sentido, o gesto de Jesus na Última Ceia é também um ato profético.

#### **g) O livro de Jeremias**

O livro de Jeremias é uma coleção de muitos escritos. Não foi composta de uma só vez, mas gradualmente. Abarca ditos do profeta e de sua biografia: uma história dolorosa, possivelmente escrito por Baruc, secretário e companheiro de Jeremias.

Estas palavras e esta biografia, salvos da catástrofe de Jerusalém, torna-se um tesouro para os exilados: tudo o que havia dito se cumpriu. Os judeus no exílio meditaram sobre essas palavras como uma nova mensagem de Deus. Destacamos esses textos:

##### ➤ A verdadeira religião

O povo pratica de maneira certa sua religião: venera a Arca da Aliança, vai ao templo, oferece sacrifícios, respeita o sábado e circuncisa as crianças. Pratica, mas o coração está ausente dessa prática. Crê que respeitando esses ritos externos, Deus tem que protegê-lo, bem como a cidade sagrada de Jerusalém.

O povo faz de sua prática uma garantia que o dispensa de amar. Jeremias profetiza que Deus vai destruir todas essas falsas garantias: a Arca da Aliança (Jer 3,16), o templo (Jer 7,1-5; 26) e Jerusalém (Jer 19); porque, o que Deus pede, não é uma circuncisão externa na carne, mas no coração (Jer 4,4; 9,24-25). Estes ataques parecem tão blasfemos, que Jeremias escapa da morte a duras penas. Assim, prefigura os ataques de Jesus contra nossas práticas vazias de sentido.

➤ **A Nova Aliança**

O Capítulo 31 é o auge de sua mensagem. Acima da desgraça, prega a esperança: Deus perdoa e faz coisas boas. Jeremias anuncia uma nova Aliança, que é diferente de uma Aliança renovada.

É nova, porque a lei de Deus não permanecerá fora de seu povo, gravada em pedra ou escrita num livro, mas sim, será uma força interior infundida no coração humano, que faz com que seja possível que o homem ame. É nova porque Deus oferece seu perdão de maneira definitiva. O homem se sentirá membro do Povo de Deus "perdoado". Jeremias ignora quando e como isto se realizará.

Sabemos que é uma realidade atual, no qual Jesus bebeu vinho e disse: "Este cálice é a Nova Aliança, selada pelo meu sangue, que é derramado por vós para a remissão dos pecados".

## **5.5.2- Profetas do Reino do Norte**

### **5.5.2.1- Elias**

#### **a) Meu Deus é Javé**

Como Natan em Jerusalém, Elias não deixou nada escrito. É, porem, junto com Moisés, a grande figura da lei judaica. São Lucas apresenta Jesus como o novo Elias. O significado do seu nome foi descoberto no Monte Sinai, onde ele teve que se refugiar. Significa: Meu Deus é Javé!

#### **b) Enfrentando a idolatria**

Elias aparece no século IX a. C, durante o reinado de Acabe (874-852 a. C.). O rei havia se casado com Jezabel, filha do rei de Tiro. Esta parceria contribuiu para a prosperidade de Israel; porém, Jezabel trouxe sua religião, seus deuses Baals e os seus profetas. O povo adora a Deus, mas servindo a Baal. Nesta situação, Elias é o homem

de Deus, que se coloca diante do rei anunciando o castigo devido à idolatria: uma seca devastadora.

#### **c) A fé sem divisões**

Elias protagonizou o sacrifício do Carmelo (1Re 18) forçando o povo, e o próprio rei Acabe, a escolher entre o Deus vivo e pessoal que intervém na história, ou as forças naturais divinizadas como Baals. Como Elias, nós deveríamos acreditar sem ver, como Deus pede.

#### **d) Sua intimidade com Deus**

Sua visão de Deus (1Reis 19), como Moisés, é o modelo de vida mística. Mas Elias continua a ser um homem como nós, desanimado, com medo. Em sua oração, como Moisés, não apela para efusões místicas, mas fala com Deus sobre sua missão. Não entra em contato com Deus por meio das forças da natureza divinizadas, mas através do silêncio. Deus se manifesta numa brisa suave (1Reis 19,11-14).

#### **e) Defensor dos pobres.**

Diante do rei e dos poderosos defende os pobres (como na vinha de Nabote, 1Reis 21). Ajab, aconselhado por sua esposa, se auto atribui poderes absolutos; acredita-se impune e mata para roubar. Elias faz ver seus crimes e lhe anuncia todos os tipos de maldições. Então, o rei se arrepende e recebe o perdão de Deus.

#### **f) O seu universalismo**

Como acredita em Deus sem divisões e se deixa levar pelo Espírito, é livre para lidar com os gentios (viúva de Sarepta: 1Reis 17). Mas, também pede à mulher pagã uma fé incondicional.

#### **g) A ascensão de Elias (2Reis 2)**

Como seu túmulo era desconhecido, pensava-se que ele tinha sido levado para junto de Deus em ascensão. Lucas vai aproveitar este texto para seu relato da Ascensão de Jesus (Atos 1,6-11).

Eliseu, que vê Elias em sua ascensão, recebe o seu espírito para continuar a sua missão. O mesmo Espírito de Jesus é recebido pelos discípulos que o viram subir aos céus.



### **5.5.2.2- Amós**

#### **a) Cumprir a justiça**

Pastor natural de Tecua, perto de Belém, Amós é enviado ao norte por Deus, nos tempos de esplendor da Samaria sob o rei Jeroboão II. Pregador popular, de língua solta, fica impressionado com o luxo das casas, mas especialmente pela injustiça dos ricos (Amós 2,6-16; 8,4-8)

#### **b) O Profeta**

Amos é profeta. Ele fala de sua vocação em duas ocasiões (Amos 7,10-17, 3,3-8). Um profeta é aquele que entrou no plano de Deus, e que desde então vê tudo sob esta ótica, tentando decifrar esse projeto na vida e nos acontecimentos.

#### **c) Doutrina Social**

Sua doutrina social baseia-se na Aliança: "Ouvi, israelitas, o oráculo que o Senhor pronunciou contra vós, contra todo o povo, disse ele, que tirei do Egito. Dentre todas as raças da terra só a vós conheço, por isso vos castigarei por todas as vossas iniquidades" (Am 3,1-2). Se Deus castiga, é para levar à conversão. Amós prevê que um pequeno grupo se salvará do desastre (Am 3,12), o que permite ter alguma esperança (Am 8,11-12)

### **5.5.2.3- Oséias**

#### **a) Amar com carinho**

Oséias era natural do Norte. Ele prega na mesma época de Amós. Ele descobre o carinho de Deus devido a um acontecimento pessoal. Oséias ama a sua esposa, que se comporta de maneira errada. Com o seu amor, consegue restaurar seu coração, que estava dividido.

E assim é com Deus: nos ama, não porque somos bons, mas para que sejamos bons (Os 1-3).

#### **b) Aliança entre cônjuges**

Deus nos ama como um marido ama a sua esposa. Este tópico é encontrado com frequência na Bíblia e dá um novo significado para a fé: a Lei do Sinai é apresentada como um contrato amoroso, como uma aliança entre esposos (Os 2,21-22). O pecado é como o adultério, uma prostituição do amor.

### **c) Meu povo perece**

Oséias apresenta claramente o pecado do povo: "não há verdade, nem misericórdia, nem respeito a Deus; mas perjúrio, mentira, assassinato, roubo, adultério, vingando sangue com sangue" (Oséias 4,1-2). Israel tem o coração dividido pela idolatria: "Perece o meu povo por falta de conhecimento" (Oséias 4,6). Conhecer o Senhor é realmente imitá-lo, amar os outros como Ele nos amou.

### **d) Eu quero misericórdia**

Os profetas conhecem a falsidade do culto meramente externo. Então Oséias vai ao essencial: "quero misericórdia e não sacrifícios; conhecimento de Deus mais que os holocaustos" (Oséias 6, 6).

O profeta chama à conversão e à fidelidade, confiando na misericórdia de Deus. "Israel, converte-te ao Senhor teu Deus, porque tropeçaste com seu pecado". "Eu curarei os extraviados, os amarei sem que mereçam, minha cólera se separará deles" (Oséias 14,2; 14,5).

### **Para refletir:**

- 1) Quais são os aspectos que mais se destacam nos livros dos Reis? Por quê?
- 2) Você conheceu a história de alguns profetas. Você se considera um profeta nos dias de hoje? Você clama por justiça e paz? Você anima a fé e a esperança de sua família, de sua comunidade eclesial?
- 3) Você consegue aplicar à sua vida de hoje a seguinte afirmação de Jeremias: "Me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir"? Como ela se aplica, concretamente, na sua vida pessoal, conjugal, familiar, comunitária?
- 4) O profeta Elias via a manifestação de Deus numa brisa suave. E você, como e de que modo percebe a manifestação de Deus?
- 5) O profeta Oséias afirmou: "Perece o meu povo por falta de conhecimento" a respeito de Deus, da verdade. Isto se aplica aos dias de hoje? Quais fatos você poderia citar?

## MESA 6 - O EXÍLIO E A DOMINAÇÃO PERSA

### 6.1- Introdução

O exílio marcou profundamente o povo de Israel, embora sua duração fosse relativamente pequena. De 587 a 538 a. C., Israel não conhecerá mais independência. O reino do Norte já havia desaparecido em 722 a. C., com a destruição da capital, Samaria. E a maior parte da população dispersou-se entre outros povos dominados pela Assíria; o reino do Sul também terminará tragicamente em 587 a. C. com a destruição da capital Jerusalém, e parte da população será deportada para a Babilônia.

Tanto os que permaneceram em Judá, como os que partiram para o exílio, carregaram a imagem de uma cidade destruída e das instituições desfeitas: o Templo, o Culto, a Monarquia, a Classe Sacerdotal. Uns e outros, de forma diversa, viveram a experiência da dor, da saudade, da indignação e a consciência de culpa pela catástrofe que se abateu sobre o reino de Judá.

Os escritos que surgiram em Judá no período do exílio revelam a intensidade do sofrimento e da desolação que o povo viveu. São os livros de: Lamentações, Jeremias e Abdias.

Os exilados na Babilônia, igualmente, recordavam sua terra de antes do exílio: “A beira dos canais da Babilônia nos sentamos, e choramos com saudades de Sião; nos salgueiros que ali estavam penduramos nossas harpas. Lá, os que nos exilaram, pediam canções, nossos raptos queriam alegria: Cantai-nos um canto de Sião! Como poderíamos cantar um canto do Senhor numa terra estrangeira?” (Sl 137).

A experiência foi vivida pelos que ficaram e pelos que saíram como provação, castigo e reconhecimento da própria infidelidade à aliança com Deus. Pouco a pouco, o povo foi retomando a confiança em Deus, que pode salvar o seu povo, e que o conduzirá nesse Êxodo de volta a Sião, conforme afirma o Segundo Isaías: “Deus novamente devolverá a terra ao povo como a deu no passado” (Ez 48).

De fato, no Segundo Isaías já se entrevê a libertação do povo que virá por meio de Ciro, rei da Pérsia. Ele será o novo dominador, não só de Judá e Israel, mas de todo o Oriente. Ciro será, de fato, o “ungido”, o salvador do povo de Judá e dos exilados?

Jeremias prega em Jerusalém a submissão à Babilônia. Para ele, o que importava não era a nação, fosse livre ou politicamente submetida, mas que fosse

justa, que fosse espiritualmente livre, servindo a seu Deus e praticando a sua justiça. A voz de Jeremias, declarado "traidor da pátria", se apaga na cisterna cheia de barro onde é trancado.

## **6.2- O Exílio na Babilônia (587-538 a. C.)**

Ezequiel faz estas mesmas reflexões com os seus irmãos deportados com ele. É inútil. Estes se colocam secretamente a preparar bandeiras para acolher os seus irmãos que vêm para libertá-los. Em 587 a. C., eles veem chegar, não como libertadores, mas com uma horda exausta pelo esgotamento por caminhar 1.500 km, seguindo a um rei cego, guardando em suas pupilas vazias a última visão de seus filhos degolados.

### **a) Choque psicológica e moral**

O povo sofreu um choque psicológico e moral terrível e também sofreu na carne. Naquela época, a tomada de uma cidade e deportação significava: mulheres estupradas, crianças arremessadas contra as rochas, guerreiros empalados ou esquartejados vivos, olhos esbugalhados, cabeças cortadas. Os ecos desses sofrimentos podem ser lidos no Salmo 137.

### **b) Na Babilônia**

Não devemos imaginar a vida na Babilônia como um campo de concentração. Os judeus gozavam de uma liberdade relativa (que não excluía o controle e imposições tributárias e pessoais).

Ezequiel podia visitar livremente os seus compatriotas. Estes podiam dedicar-se à agricultura se quisessem. No final do exílio, alguns optaram por ficar na Babilônia, onde eles formaram um grupo importante e próspero.

### **c) Um povo perdido**

O povo havia perdido tudo que constituía a sua vida:

- A terra, sinal concreto da bênção de Deus para o seu povo.
- O rei, por que Deus transmitia essa bênção, garantindo a unidade do povo e seu representante diante de Deus.
- O templo, lugar da presença divina.

Em suma, o povo parece ter perdido inclusive o seu Deus, que havia sido derrotado - de acordo com a mentalidade da época - pelo deus Marduk, da Babilônia.

#### **d) O milagre do exílio**

O grande milagre do exílio é que esta catástrofe, em vez de arruinar a fé de Israel, provoca uma exaltação da mesma fé e a purifica. Isso se deve a alguns profetas como Ezequiel e um discípulo de Isaías, chamado de Segundo Isaías, e alguns sacerdotes. Eles fazem o povo rever suas tradições para nelas descobrir um fundamento de esperança.

#### **d) O judaísmo**

Juntos criaram uma nova forma, mais espiritual de viver sua fé. Não há mais templo e sacrifícios? Passam a se reunir no sábado para celebrar a Deus e meditar a sua palavra! Já não há rei? Deus é o único e verdadeiro Rei de Israel! Já não há a terra? A circuncisão na carne irá desenhar um reino de dimensões espirituais, e assim por diante.

Assim, o exílio inicia o que se chama de JUDAÍSMO, ou seja, um modo de viver a religião judaica tanto na época de Jesus quanto na nossa, seja em Israel ou em qualquer outro lugar.

#### **e) O contato com a cultura babilônica**

A cidade de Babilônia e suas tradições impressionaram os judeus. A grande avenida sagrada, cercada de templos, terminava pelo grande “zigurate” (um formato de templo) ou torre da Babilônia ou Babel.

Todos os anos, no ano novo, se recitava poemas longos (Enuma Elish, épico de Gilgamesh) narrando como Marduk, o deus da Babilônia, criou o mundo, e salvou a humanidade do dilúvio. Também, descubrem o pensamento dos sábios sobre a condição humana.

Para reconstruir a história de seu povo e de suas origens, os judeus assumiram muitos elementos da cultura babilônica, mas dando uma interpretação de acordo com a fé no único Deus que age na história.

#### **f) Ciro, escolhido por Deus**

Em 539 a. C., provavelmente, com a cumplicidade dos babilônios, cansados da incapacidade de seu rei Nabonidas, Ciro toma a Babilônia sem batalha ou combate.

Ciro era um rei de uma região pequena da Pérsia, que gradualmente ganhou terreno de outros reis, até conquistar a Babilônia. Sua ascensão prodigiosa foi

acompanhada com uma paixão pelos judeus exilados e, para o Segundo Isaías: Não seria Ciro um eleito por Deus marcado por sua unção para libertá-los?

Desta forma, o grande Ciro, pagão e politeísta, entra pela mão do Altíssimo na história do povo de Israel, com a missão de reconduzir a Jerusalém os judeus exilados: "Fui Eu quem, na minha justiça, suscitou Ciro, e quem por toda parte lhe aplaina o caminho; e é ele quem fará reedificar minha cidade e libertar meus deportados, sem recompensa nem dádivas, diz o Senhor dos exércitos" (Is 45,13).

#### **g) O Edito de Ciro**

De fato, em 538 a. C., Ciro assinou um decreto permitindo que os judeus regressassem ao seu país. Ele ainda concede "reparações de guerra" consideráveis para que possam reconstruir sua nação.

A verdade é que para ele interessava que a nação judaica, posto avançado de seu império no lado do Egito, lhe fora absolutamente fiel. Os judeus dão fim ao seu pesadelo. Um grande número deles retorna à "terra prometida".

#### **h) Atividade literária**

Os judeus haviam perdido tudo sendo desterrados. Só havia restado as suas tradições, que passam a ler mil vezes com paixão. Os profetas Ezequiel e o Segundo Isaías pregam, um no início e outro no fim do exílio. Os sacerdotes coletam as tradições legais que tinham sido escritas em Jerusalém no final do reino de Judá: a Lei de santidade (Lv 17-26).

Uma vez aceitos novos ajustes, estas tradições se converterão no Levítico. Para manter a fé e a esperança do povo, os sacerdotes, uma vez mais, o reconduz à sua origem. Esta releitura da história é conhecida pelo nome de Tradição Sacerdotal, sendo o quarto documento que constitui o Pentateuco, como foi visto anteriormente.

Por esta época se deu o surgimento de alguns Salmos (por exemplo: 137, 44, 80, 89), como uma chamada ao Deus fiel. Em Jerusalém, alguns judeus que tinham escapado do exílio, expressam suas queixas nas Lamentações, falsamente atribuídas a Jeremias.

### **6.3- História Sacerdotal**

#### **a) Os sacerdotes no exílio**

O povo exilado perdeu tudo e corria o perigo de ser assimilado e desaparecer, como aconteceu 150 anos antes com os israelitas do Norte, que tinham sido exilados na Assíria.

Alguns profetas, mas especialmente os sacerdotes, ajudaram o povo a resistir a esta dura prova. Eles formaram em Jerusalém um grupo sólido, bem organizado, de profunda piedade. Foram eles que mantiveram a fé dos exilados, conseguindo adaptar a religião à situação difícil em que viviam e oferecer um novo futuro.

#### **b) Novas formas, novo valor:**

- O sábado para santificar o tempo.
- A circuncisão para marcar a pertença ao povo.
- As assembleias (ou sinagogas) em que oravam e meditavam a Palavra de Deus, substituindo os sacrifícios.

#### **c) História Sacerdotal (S)**

Neste contexto, é relida a história passada para nela descobrir uma resposta às perguntas que angustiavam o povo: por que o silêncio de Deus? Como crer em Deus no mundo babilônico que celebrava o deus Marduk como criador? Que lugar tinham as nações nos planos de Deus?

Esta tradição também nos convida a estender a reflexão, a buscar hoje, em uma nova situação, como viver a nossa fé e responder as perguntas do mundo.

#### **d) Características da história sacerdotal**

- Estilo: o estilo é seco. O sacerdotal não é um contador de histórias. Ele gosta de valores numéricos. Repete duas vezes para a mesma coisa: "Deus disse:" "Foi Deus". Por exemplo: a passagem do Mar (Ex 14, 16, 22, 29), a criação (Gn 1), a construção do santuário (Ex 25, 31, 35, 40). O vocabulário é muitas vezes cultural técnico.
- Genealogias: são frequentes. Isso é importante para um povo exilado que se enraíza na história e relaciona esta história com a criação (Gn 2-4; 5,1) (Nm 3,1).
- O culto é primordial. Foi organizado por Moisés. Aarão e seus descendentes se encarregaram de assegurá-lo mediante peregrinações, festas, sacrifícios,

o serviço no templo como lugar sagrado da presença de Deus. O sacerdócio é a instituição essencial que garante a existência do povo e substituiu o rei e o profeta das tradições Javista e Eloísta. Deus anuncia que vai fazer de Israel um reino de sacerdotes e uma nação santa (Ex 19,5-6).

- As leis são geralmente apresentadas dentro de alguns relatos. Deste modo que se relacionam com sucessos históricos que lhe dão um sentido. Por exemplo: a lei da fecundidade (Gênesis 9,1) no relato do dilúvio; a lei sobre a Páscoa (Ex 12,1s) ligada à décima praga.

## **6.4- Os Profetas do Exílio**

### **6.4.1- Ezequiel**

#### **a) Profeta exilado**

Ezequiel faz parte do primeiro grupo de deportados a partir de 597 a. C. (2Reis 24,10-17) e profetiza entre 593 e 571 a. C.. Como Jeremias, Ezequiel é de família sacerdotal, mas é mais influenciado pelo seu ambiente e dedica mais importância ao templo. Sua primeira visão refere-se precisamente à "glória de Deus", que deixa o templo para acompanhar os crentes no exílio. Deus vive no meio de seu povo.

Graças à atividade de Ezequiel, os exilados de Judá não eram confundidos com a população da Babilônia, e mantiveram os hábitos de seus pais e conservaram a fé no único Deus.

#### **b) O verdadeiro culto a Deus**

Ezequiel manteve preservada a maneira como os sacerdotes comentavam a lei, ou como "levar o catecismo" ao povo. Proclama a importância do culto na vida do povo de Deus e aspira reconstruir o templo. Mas, ao mesmo tempo, rompe com a ideia de que a presença de Deus está ligada a um lugar sagrado. Sabe também que não há um verdadeiro culto a Deus sem o coração novo, que é puro dom do amor de Deus.

#### **c) Eu lhes darei um novo coração**

Como Jeremias, Ezequiel denuncia a infidelidade de Israel como a origem da catástrofe. Porém, estava seguro de que a fidelidade de Deus não dependia da fidelidade do povo. Era possível renascer. As brasas seguiam vivas sob as cinzas. Os ossos secos podiam recuperar a vida. O sopro de Deus dá incentivo a um povo destruído. Deus é capaz de uma nova criação: "Eu mesmo farei Aliança contigo e



saberás que eu sou o Senhor" (Ez 16,62). "Eu te darei um coração novo e vos darei um espírito novo" (Ez 36,26).

#### **d) Responsabilidade individual**

Semelhante a Jeremias, a religião de Ezequiel é uma religião do coração. Ezequiel proclama com energia que cada um receberá segundo as suas obras. Esta doutrina da responsabilidade individual irá se desenvolver progressivamente. Mais tarde, ela desembocará na esperança de um mundo futuro onde Deus vai fazer justiça a todos.

#### **e) Uma pessoa desconcertante**

Ezequiel tem o sentido da encenação e não hesita em recorrer a gestos excêntricos. Para representar mimicamente a ruína próxima de Jerusalém e dos infortúnios da deportação, ele permanece deitado no chão por sete dias. Então, mudo, desenha o mapa da cidade sobre tijolo e empreende um cerco contra ela. Permanece deitado como um paralítico. Por fim, raciona a comida e a bebida, e pede que lhe preparem a comida sobre excrementos (Ez 4).

#### **f) Talento literário**

Ezequiel coloca sua imaginação e seu talento literário a serviço de sua missão profética, como é evidenciado nas quatro visões principais de sua obra (Ez 1-3; 8-11; 37,40-48). É um verdadeiro mestre na arte da parábola e muitas das suas imagens estarão refletidas nos escritos do Novo Testamento.

#### **g) Sentinela e responsável pelo seu povo**

A imagem que se faz de Ezequiel é a do profeta que vigia, da sentinela em tempo de guerra, só é responsável por seu povo. Eleva a sua voz para avisar, mas cabe a cada um assumir a sua responsabilidade (Ez 33,1-20). Se todos pecaram, os maiores culpados são os pastores do povo. Mas o próprio Senhor vai cuidar de seu rebanho. A última palavra do livro resume a mensagem do profeta: "Deus habita entre o seu povo" (Ez 48, 35).

### **6.4.2- Segundo Isaías**

#### **a) Um profeta sem nome**

Já haviam se passado quase 200 anos desde a morte de Isaías. O povo judeu estava no exílio. Entre 550-539 a. C., antes da vitória de Ciro, outro profeta, talvez

discípulo distante daquele Isaías de Jerusalém, fala em nome de Deus aos judeus que, como ele, vivem na Babilônia.

Suas palavras, coletadas em 16 capítulos (40 a 55), são carregadas de esperança. A tradição as incluiu como uma parte a mais no "Livro de Isaías".

#### **b) A voz que clama**

Estar exilado, desprezado, humilhado, tendo perdido tudo, manipulado, sem qualquer esperança, trabalhador no estrangeiro, e põem-se a cantar ao Deus que faz maravilhas, com uma voz tão convincente que devolve a esperança a todo o povo. É algo admirável!

Onde encontrou força este discípulo de Isaías, que é definido simplesmente como a "voz que clama?" Na sua fé em Deus. Deus é sempre aquele que nos tirou da escravidão no Êxodo e, portanto, também pode libertar o povo nesse momento do exílio. Em Deus está a força que nos salvará, porque Ele é fiel e ama mais do que uma mãe.

#### **c) "O Livro da Consolação"**

"Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus" (Isaías 40,1). O livro deste Segundo Isaías se inicia com este grito de conforto a um povo que geme no exílio: terminou a época da escravidão. É o anúncio feliz da visita de Deus, que põe em movimento os exilados (novo Êxodo).

O profeta vê Deus caminhando no meio do seu povo à terra definitiva. "Uma voz clama no deserto: preparai o caminho do Senhor; endireitai as veredas para o nosso Deus" (Is 40,3). Séculos mais tarde, João Batista repetirá estas palavras para levar os corações à conversão (Mc 1,3).

#### **d) O Deus grande e forte**

Os israelitas exilados na Babilônia se sentiam dominados pelo desânimo e tristeza. Não tinham forças para recomeçar. Não tinham templo, nem palácio ou rei. Pelo contrário, seus inimigos possuíam uma cultura brilhante, um grande poder e ofereciam a seus deuses um culto esplêndido.

A comparação era inevitável: Javé é menor do que os deuses babilônicos? Tremenda crise religiosa. O profeta proclama em voz alta a sua fé em Deus criador e eterno, soberano de todos os deuses, o único verdadeiro. Deus vê e pode dar força nova para aqueles que n'Ele creem (Is 40, 25-31).

### **e) Novo êxodo**

O profeta apresenta o retorno do exílio como um "novo Êxodo" e afirma, com belas imagens, a realidade do amor de Deus. Esta nova "saída" será acompanhada por prodígios maiores do que Israel testemunhou no Egito. Há um apelo insistente e terno à chamada de confiança em Deus para "agarrar com a mão direita" ao seu povo. "Não temas, eu estou contigo; não te angusties, que eu sou teu Deus: te fortaleço, te sustento com a minha mão direita vitoriosa "(Is 41,10).

### **f) O "messias" Ciro**

Aqui está um bom exemplo de interpretação da história. Ciro toma a Babilônia para o seu engrandecimento. Ele mesmo interpreta este acontecimento como um chamado do deus Marduk da Babilônia. Para Isaías, é o Deus de Israel que o chamou, marcando-o com a unção (Is 41,1-5). É a fé e somente a fé que o faz ver um significado nos acontecimentos.

### **g) O Servo de Javé (Is 42-52)**

No Livro da Consolação se encontra os chamados "Cantos do Servo de Javé", nos quais se apresenta Deus oferecendo ao povo oprimido a salvação através do sofrimento redentor do seu Messias (seu Ungido, seu Cristo).

Estes cantos são uma resposta ao estado de prostração do povo e aos desejos de vingança e violência como o único caminho para a libertação.

### **h) Quem é este servo?**

Este servo é, sem dúvida, a personificação do povo de Israel, humilhado, desprezado, condenado à morte. A desgraça se abateu sobre ele, e já não podia fazer nada além de dar um sentido a tudo isso.

Este servo ajudou os primeiros cristãos a compreender a missão de Cristo e o mistério pascal. Parece claro que estas profecias, transbordando os limites concretos de espaço e tempo, misteriosamente apontam para Jesus.

## **6.5- Israel sob o domínio Persa (538-333 a. C.)**

O edito de Ciro permitiu que os judeus voltassem para a terra de seus ancestrais e reconstruíssem o templo (Esdras 1,2-4). Assim, o rei persa pôe fim a 50 anos de exílio na Babilônia. Pode ser estimado que cerca de 50.000 judeus retornaram à pátria em duas grandes migrações.

#### **a) Primeiro grupo de repatriados**

Em 538 a. C. chega o primeiro grupo liderado por Sesbasar, e nele estão presentes muitos sacerdotes, alguns levitas, muitos servos doados (escravos e servidores do templo). Os que eram menos religiosos e que estavam numa boa situação na Babilônia preferiram não voltar.

#### **b) Dificuldades com os samaritanos**

A reinstalação em Judá foi difícil. O território estava sob o controle dos samaritanos, que viam chegar os antigos donos do solo onde haviam se instalado. Queriam ajudá-los a reconstruir o templo, mas os judeus recusaram, porque a sua religião não era pura. Os samaritanos se oporiam mais tarde, nos tempos de Neemias, à reconstrução dos muros de Jerusalém. Essas dificuldades, aliadas à seca e falta de dinheiro, fizeram interromper as obras do templo. Foi durante este período que pregou um discípulo de Isaías, chamado Terceiro Isaías.

#### **c) Nova migração**

Em 520 a. C., no reinado de Dario, chega da Babilônia uma nova migração liderada pelo príncipe real Zorobabel e o sumo sacerdote Josué. Eles têm os mesmos problemas acima apontados, mas com a direção e apoio dos profetas Ageu e Zacarias, o templo foi finalmente reconstruído em 515 a. C.

#### **d) Celebração jubilosa**

O "segundo templo" foi terminado. Os mais velhos recordam o esplendor do templo de Salomão. Este segundo era muito mais pobre, mas o importante é que foi reconstruído. É como a bandeira de um povo religioso que reconhece e valoriza a presença de Deus e celebra sua segunda libertação. O templo é a fortaleza e o centro vital da nova nação.

#### **e) Neemias reconstruiu os muros**

As duas missões de Neemias (445 e 432 a. C.) permitem a reconstrução dos muros de Jerusalém e marcam a independência da Samaria. Por este tempo, o profeta Malaquias tenta reacender a fé do povo.

#### **f) Missão de Esdras**

Ao final deste período, Esdras recebe do rei Artaxerxes a responsabilidade de reorganizar a religião. Com bastante dureza consegue restabelecer a pureza da fé, dissolve os casamentos com não-judeus e impõe, como lei de estado, a "lei do Deus do

céu". Esta lei é, sem dúvida, o atual Pentateuco, que Esdras redigiu a partir de diferentes tradições.

#### **g) Liturgia da Palavra**

Todo o povo se reuniu na praça e pediu a Esdras que trouxesse o livro da Lei de Moisés. Esdras abriu o livro à vista de todo o povo e bendizou o Senhor, Deus grande, e todo o povo, levantando as mãos, respondeu: Amém, amém. Os levitas leram o livro da Lei de Deus de forma clara e explicando o significado, de modo que compreenderam a leitura (Ne 8,1-10).

Este culto solene é um dos momentos mais importantes da história de Israel. É como o nascimento oficial do judaísmo. O encontro não é sobre sacrifícios de sangue, mas da leitura da lei e de oração. Assim nasceu o culto da sinagoga.

#### **h) Os judeus pelo mundo: a "Diáspora"**

Na Babilônia ficaram muitos judeus, que formavam uma comunidade viva. Conhecemos a existência de uma outra comunidade em Elefantina (Egito). Também era importante a comunidade judia de Alexandria, no Egito. Assim, ocorreu uma dispersão (diáspora em grego) do Judaísmo. O centro seguia sendo Jerusalém, mas no mundo vão se constituindo outros centros importantes.

#### **i) Uma língua comum: o aramaico**

Esta língua, próxima do hebraico, é a língua internacional do Império Persa para o comércio e diplomacia. Na Judéia, esta língua suplanta gradualmente o hebreu, que se torna apenas uma língua litúrgica.

Nos tempos de Cristo, o povo fala o aramaico e não entende o hebraico. Esta língua comum e a diáspora contribuíram para uma abertura dos judeus ao universalismo.

#### **j) A atividade literária**

Nesses tempos pregam alguns profetas, como Ageu, Zacarias, Malaquias, Abdias e, especialmente, o Terceiro Isaías. Mas, esta época é marcada pela influência dos escribas e sábios. Alguns escribas, como Esdras, relem as Escrituras e as reúnem em livros organizados (Pentateuco).

Os sábios coletam as reflexões anteriores e produzem grandes obras, como Rute, Jonas, Jó, Provérbios. A reunião dos Salmos se inicia para formar um livro.

## **6.6- Livros de Esdras e Neemias**

### **a) Um século de história**

Um século se passa, a partir do decreto de Ciro, que dá liberdade aos exilados na Babilônia (538 a. C.) até o final da atividade de Neemias (432 a. C.). Esses dois livros tratam do retorno do exílio e da reorganização da comunidade judaica em torno do templo e da lei. Dois personagens se destacam: o escriba Esdras e o intendente real Neemias.

### **b) A leitura da Lei**

O judaísmo nasceu da convocação de um povo para ser instruído pela leitura da Palavra e para dizer-lhe que, quando tudo fracassa, resta o verdadeiro Deus.

Nestes livros encontramos o povo de Israel novamente caminhando para uma nova etapa, liderados por sacerdotes e levitas, incentivado por sábios e pelos últimos profetas. A comunidade judaica constrói a sua fé na piedade e no silêncio.

## **6.6.1- Esdras**

### **a) Um escriba com autoridade**

Em cada momento importante na história de Israel há um homem, escolhido por Deus, que sabe unir o povo para realizar a difícil tarefa de formar um povo santo; ou seja, uma nação religiosa e uma religião nacional. Lembramo-nos de Moisés, Josué, Samuel, Davi, chefes, profetas.

Agora é a vez de Esdras, sacerdote e escriba segundo Moisés, de acordo com a tradição judaica. Esdras, que significa "ajuda de Deus", é o secretário encarregado de assuntos judaicos na corte persa. O seu prestígio e autoridade são indiscutíveis entre os seus compatriotas.

### **b) Um amante da Lei**

Durante o exílio babilônico, os sacerdotes, incapazes de desempenhar as suas funções sagradas como em Jerusalém, passam a se dedicar ao estudo da Escritura. Os livros sagrados são seu novo templo. Criam uma escola de escribas, intérpretes da lei. Estes irão adquirir cada vez mais importância e, muitas vezes os encontramos nos Evangelhos.

Esdras esteve na direção dessa escola e é provável que seja o "redator" definitivo do Pentateuco. Seu amor à lei é uma mistura de devoção sincera e estudo apaixonado.

### **c) Um organizador**

Por volta do ano 430 a. C., Esdras chega a Jerusalém, e em nome do rei Artaxerxes, para impor a lei de Moisés como lei de estado. Homem de lógica brilhante e de uma honradez inflexível no cumprimento da lei, sempre assume a liderança.

Aos poucos, Esdras organiza o povo judeu em torno da lei e do templo. Sua fé ardente e a necessidade de salvaguardar a fé e os costumes da nova nação explicam a intransigência das reformas e o isolamento que impõe aos judeus, incluindo a obrigação de separar-se de suas mulheres e filhos que eram estrangeiros.

### **d) O Judaísmo**

A comunidade celebra a festa das tendas, confessa seus pecados e se compromete com a lei da aliança. O Judaísmo assim nasce com três ideias principais: a "raça escolhida", o "templo" e a "lei".

### **e) Os riscos de um sistema**

O projeto é bom. Uma organização forte favorece o desenvolvimento de fé no povo. Mas também tem seus riscos:

- Teocracia: os assuntos religiosos e políticos, misturados, passam a ser regidos pela lei de Moisés.
- Clericalismo: sacerdotes dirigem o mundo religioso, político e social.
- Farisaísmo: a nova observância da lei se transforma num ato exterior afogando a verdadeira piedade.

### **f) Jesus e o Judaísmo**

A estrita observância das leis foi, num primeiro momento, uma proteção contra os pagãos, mas, com a passagem do tempo, um muro passa a isolar os judeus de outros povos.

O Judaísmo não soube incorporar, em seu projeto de renovação, os ensinamentos dos profetas que anunciavam a entrada de todas as nações no povo de Deus.

Jesus vai enfrentar os escribas de seu tempo, atacando os erros e excessos em que haviam caído. Elegeu e enviou os seus discípulos para um serviço fraterno e condenou a hipocrisia farisaica.

## **6.6.2- Neemias**

### **a) Um judeu, um copeiro do rei**

Na corte persa de Artaxerxes I (465-423 a. C.), o judeu Neemias é um copeiro que servia as bebidas. O envenenamento era um fato comum na história de um rei. Assim, o cargo de copeiro era ocupado apenas por homens de confiança do rei. Neemias era um jovem elegante, sociável e amigável que soube ganhar a confiança do rei. Seu futuro brilhante era assegurado.

### **b) Uma missão urgente**

Uma notícia inesperada chega da distante Jerusalém: a cidade, constantemente atacada pelos inimigos que a cercam, está em ruínas. Neemias se comove. Uma das convicções mais arraigadas de sua fé é que Deus dirige todos os acontecimentos da história. Neemias pensa que essa notícia talvez seja um chamado de Deus. Reflete, ora e decide mudar seus projetos.

Daí em diante, a sua eloquência, seu otimismo, suas habilidades em tratar com as pessoas, a sua jovialidade, não seriam mais utilizadas para os seus interesses pessoais, mas para servir de corpo e alma ao seu povo e ao Senhor.

### **c) Reconstruir Jerusalém**

Neemias pede ao rei permissão para ausentar-se da corte e ir a Jerusalém. O rei não só permite, como também lhe dá autoridade e meios financeiros para exercê-la.

Em 445 a. C., Neemias fez sua primeira viagem a Jerusalém. Anda pelas muralhas e entende que reconstruí-las é a tarefa mais urgente. As muralhas simbolizam a unidade e garantiriam a paz.

### **d) Apoia a justiça e a solidariedade**

Neemias convoca o povo e este responde dando um belo exemplo de solidariedade. Mas, os abusos sem escrúpulos de alguns que se aproveitam das circunstâncias para enriquecer-se, põem em perigo essa solidariedade.



Neemias, que tinha se comprometido com a empreitada, incluindo sua própria riqueza, não podia tolerar tal desvirtuamento e atua energicamente defendendo os pobres e denunciando os abusos que os ricos cometiam.

#### **e) Que todos sejam um**

Assim, Neemias, apelando à colaboração de todos, não só reconstruiu as muralhas, mas a comunidade de Jerusalém. Assim, este homem prudente e pensativo, sensível às condições econômicas, políticas e sociais de seu povo, cumpriu sua missão.

A fé e confiança no Senhor, a quem orava com frequência, o ajudaram a superar as dificuldades. Neemias nos ensina a descobrir a vontade de Deus nos acontecimentos da vida e ter confiança no Senhor para realizar a grande tarefa de "unir os dispersos".

### **6.6.3- Terceiro Isaías (Is 56-66) - É o profeta do Retorno**

#### **a) Um povo sem esperança**

Estes últimos 11 capítulos do livro de Isaías formam, talvez, um mosaico de profecias anônimas, escritas talvez por um grupo de discípulos de Isaías, que possivelmente viviam em Jerusalém entre 539 e 460 a. C.

Provavelmente, nesta época, nem Esdras e nem Neemias tinham chegado a Jerusalém para reconstruir o templo e organizar a vida do povo.

#### **b) A situação difícil**

Os repatriados tinham que enfrentar os povos vizinhos para poder instalar-se. O desânimo é abundante e alguns aproveitam da situação para enriquecer-se à custa de outros. Não há nenhuma solidariedade entre os povos e o culto é reduzido a ritos externos misturados com práticas pagãs.

#### **c) Profetas otimistas**

Este grupo de profetas traz à luz seu entusiasmo patriótico, sua fé e sua esperança sobre tão dura e triste realidade. Suas profecias têm sempre um tom otimista e iluminam com alegria os anos difíceis do retorno.

Jerusalém é o centro do universo, a cidade de Deus, o capital da paz. Esta imagem é retomada no Apocalipse, com a Jerusalém celeste, a cidade final dos filhos de Deus. O messianismo desses profetas é uma síntese do messianismo triunfal com um grande rei poderoso e fulminante que foi apresentado pelo primeiro Isaías, e o

messianismo humilde do Servo de Javé, do segundo Isaías, o portador de alegria e de paz.

#### **d) O jejum que o Senhor deseja**

A religiosidade de Israel recebe, mais uma vez, a influência benéfica da doutrina profética mais espiritual e realista. O que importa é a realidade, a vida real de todos os dias, em que o homem deve trabalhar, amar, perdoar, respeitar os direitos e cumprir os deveres.

"O jejum que eu quero é isso – oráculo do Senhor – abrir as prisões injustas, deixar livre os oprimidos, romper todos os jugos, repartir teu pão com o faminto, abrigar os homens sem-teto, vestir os nus e não se fechar em teu próprio sangue" (Is 58).

#### **e) O Senhor amanhecerá sobre ti**

Os capítulos 60, 62, 65 e 66 são um hino à nova Jerusalém, como um símbolo da humanidade transformada por Deus em um povo justo, pacífico e feliz. Deus será tudo em todos e todos vão se sentir como filhos de Deus, sem ódio ou ambições covardes. A ela se incorporarão o melhor de todas as nações, seus filhos mais nobres.

Este é o plano que Deus confiou à Igreja, para que seja executado ao longo dos séculos. A liturgia da Festa da Epifania nos lembra a cada ano: "Levanta-te, resplandece, Jerusalém, que chegue a tua luz".

#### **f) Missão do profeta e do Messias**

Foi "ungido" pelo Espírito, isto é, consagrado, para realizar uma aventura extraordinária: trazer alegria para aqueles que não a têm.

Um dia, Jesus na sinagoga de Nazaré, usou estas mesmas palavras que expressavam sua missão (Lc 4,18-21). Escandalizou seus compatriotas que não entendiam a proximidade de Deus com os pobres.

#### **Para refletir:**

- 1) Os profetas, como escolhidos por Deus, tinham uma missão bem definida a executar junto ao povo de Deus. Faça um pequeno resumo do perfil e das características de cada um destes profetas.
- 2) Por que a terra, o rei e o templo eram as "propriedades" mais importantes do povo da antiga Aliança?

- 3) Veja novamente como se formou o judaísmo. Quais foram as principais características do judaísmo desde o seu início?
- 4) Você viu que existiram três Isaías. Quais são os capítulos que correspondem a cada um? O que há de específico na mensagem de cada um deles?
- 5) Como você vê e interpreta a importância de Jerusalém ao longo de sua história?

## MESA 7 - PERÍODO GREGO E A DOMINAÇÃO ROMANA: ESCRITOS SAPIENCIAIS

### 7.1- Introdução

Neste período histórico, o povo judeu na Palestina passa por dominações do império Grego, Egípcio e Romano.

#### 7.1.1- Domínio Grego: Alexandre, o Grande

Em dez anos (333-323 a. C.), o jovem rei Alexandre da Macedônia, que já havia conquistado a Grécia, criou um império que se estendia por todo o Oriente Médio, conquistando o Egito e todo o império persa, e chegando às fronteiras da Índia.

Vitória após vitória, estabeleceu um império imenso de mais de 70 cidades, estendendo a cultura grega, com a sua arte, suas piscinas e estádios, e criando um ambiente de unidade com uma língua comum: o grego. Em 323 a. C., o jovem rei de 33 anos morre na Babilônia.

##### a) Israel, sob o domínio do Egito alexandrino (333-198 a. C.)

Com a morte de Alexandre, os seus generais repartem o império em três, criando dinastias que são conhecidas pelo nome de seus reis: os Antigonidas na Grécia, os Álgidas no Egito e os Selêucidas na Síria (assim controlando o território do Mediterrâneo até a Índia). Os reis do Egito, os Álgidas, dominaram a Palestina por mais de cem anos, deixando os judeus vivendo em paz e respeitando as suas tradições.

É nessa época que surge o Antigo Testamento na versão dos Setenta. Muitos judeus se estabeleceram em Alexandria (Egito). Com o tempo, eles se esqueceram do hebraico, que era a sua língua materna, e passaram a usar o grego. Por esta razão se fez a tradução dos escritos bíblicos em grego e que será amplamente utilizada nas primeiras comunidades cristãs.

##### b) Sob o controle dos sírios Selêucidas (198-63 a. C.)

Os herdeiros do império de Alexandre entraram em conflito. No ano 198 a. C., os elefantes sírios destruíram o exército egípcio e a Palestina passou ao domínio de seus vizinhos do Norte. Começa para Israel a era dos mártires. Os reis sírios querem impor pela força a cultura e a religião grega. Em 167 a. C., Antíoco IV suprime os privilégios dos judeus, proíbe o sábado, profana o templo, nele instalando uma estátua de Zeus e proíbe, sob pena de morte, a observância da Lei e da circuncisão.

### **c) Revolta dos Macabeus**

As condições impostas pelos reis sírios estabelecem um clima de revolta entre os judeus. Assim, um sacerdote dá o sinal da revolução degolando a um emissário de Antíoco, que veio impor o sacrifício aos ídolos. Para tanto, empreende uma guerrilha com os seus cinco filhos. O quinto, chamado Judas Macabeu (o martelo), consegue vencer e libertar Jerusalém, restabelecendo o culto do templo. A Judas lhe sucedem dois irmãos, e logo outros, tomando o título de rei. Mas esta dinastia, chamada de os Asmoneos, se degenerou e perdeu o seu poder. Dividido, eles tiveram que estabelecer um pacto com os romanos.

#### **7.1.2- Domínio romano**

Em 63 a. C., os romanos ocuparam a Palestina. Israel é a eles submetido até a revolução de 70 e 135 d. C.

##### **a) As seitas judias**

- Fariseus: fariseus ou separados são judeus piedosos da época de Esdras, que queriam reconstruir a nação com base em valores espirituais. Os fariseus eram profundamente religiosos, ligados à prática da Lei. Por sua profunda piedade e conhecimento da Escritura, se convertem na consciência do judaísmo.
- Essênios: são também homens piedosos. Durante a revolta dos Macabeus se refugiaram no deserto perto do Mar Morto, onde formaram a comunidade da Nova Aliança, preparando a vinda do Messias por meio da oração e meditação. Intransigentes, rompem com os fariseus por considerá-los fracos.
- Saduceus: é um grupo de sacerdotes de posição elevada. Eles se relacionam com os Asmoneos e parecem especialmente desejosos de defender por todos os meios o seu poder. Não se pode confundir estes aristocratas do sacerdócio com os numerosos sacerdotes de “base”, muitas vezes piedosos e mais relacionados com os fariseus.

##### **b) Atividades literárias**

- Nesta época, prega o profeta então chamado Segundo Zacarias.
- São escritos os últimos livros sapienciais: Qoelet (Eclesiastes), Siraque (Eclesiástico), Tobias, O Cântico dos Cânticos, Baruc, Sabedoria.

- São traduzidos para o grego as Escrituras: os Setenta.
- A perseguição de Antíoco e Épico dos Macabeus suscitam vários escritos: Ester, Judite, 1 e 2 Macabeus, e o desenvolvimento de um gênero literário que estava começando a aparecer entre os últimos profetas: a corrente apocalíptica, que tem Daniel como representante no Antigo Testamento.
- Os últimos Salmos são compostos e se constitui o saltério.

## **7.2. Um Profeta da Época Grega: O Segundo Zacarias**

### **a) A fé em perigo**

Se os especialistas haviam dividido Isaías em três, Zacarias foi repartido em dois. Os capítulos 9-14 são de um profeta do tempo de Alexandre. O autor desconhecido desses capítulos vive uma situação histórica diferente da primeira parte do livro de Zacarias.

Israel voltou a perder a sua autonomia, provavelmente sob o domínio grego. A fé sofre. O profeta adverte seu povo do perigo de ser, mais uma vez, rejeitado por Deus.

### **b) O anúncio do Messias**

Proclama a esperança messiânica, ou seja, a espera de um Messias ou ungido por Deus, que restabelecerá o seu reino, que é fonte de estímulo e perseverança para o povo que sofre. “Alegra-te, ó filha de Sião; canta, ó filha de Jerusalém; olhe para o seu rei que vem a ti, justo e vitorioso; modesto e montado num jumento” (Zacarias 9, 9).

### **c) A imagem do Messias**

A imagem que faz do Messias é única na Bíblia. Ele nos apresenta um Messias humilde, que anuncia a paz a todas as nações (Zc 9,10), um pastor que não abandona o rebanho (Zc 11,17), o servo sofredor, a quem traspassaram (Zc 12, 10), um Messias real, filho de Davi e filho de Deus, que reinará sobre o mundo inteiro (Zc 14: 9).

O segundo Zacarias é o profeta mais utilizado no Novo Testamento. Anuncia especialmente a Jesus, humilde e simples, o reinado de verdade, justiça, amor e paz.

### **7.3. Escritos Sapienciais**

#### **a) Origem**

A reflexão sapiencial deve ter acompanhado o ser humano desde os seus primórdios. Contudo, certas épocas históricas privilegiaram a recolha de tradições e impeliram as novas formulações sapienciais.

A origem do pensamento sapiencial em Israel é tradicionalmente relacionada com a figura de Salomão (1Rs 3,4-15; 5,9-14), que se tornou protótipo de todos os Sábios. Por isso, não é de admirar o fato de lhe terem sido atribuídas obras do gênero sapiencial mais recente, que, efetivamente, nada têm a ver com ele. Era o costume antigo da pseudoepígrafe, que se verifica em muitos casos da Bíblia.

Nos tempos pós-exílio da Babilônia procedeu-se à recolha e fixação do patrimônio religioso e cultural de Israel. Era necessário preservar a identidade religiosa e cultural de um pequeno povo e relançar a esperança num futuro bem melhor, perante as ameaças de outras culturas dominantes, como a babilônica e, mais tarde, a grega.

A esse respeito, é emblemática a passagem de Ne 8,1-8, em que sacerdotes e levitas instruem o povo sobre a lei de Deus. Os homens do culto tornam-se homens do livro. Os profetas estão já em vias de desaparecimento. A palavra de Deus e a sua vontade passaram a ser procuradas no livro, nos textos escritos. Por isso, os responsáveis têm que se dedicar ao estudo, à reflexão, à cultura e à escola.

É neste clima de exigência intelectual, onde também aparecem escribas leigos, que se desenvolve a reflexão sapiencial, outrora apanágio do ambiente da corte e dos funcionários do Estado.

Na investigação e procura da sabedoria, Israel não foi totalmente original. Este pequeno povo soube assimilar a sabedoria dos povos vizinhos, sobretudo do Egito e da Mesopotâmia, e adaptá-la segundo a perspectiva da sua própria experiência religiosa.

#### **b) Mas o que é a sabedoria?**

Israel, desde que existiu como povo, procurou o sentido de sua vida e refletiu sobre os grandes problemas. Assim, tenta descobrir o que leva à vida e não a morte. É uma reflexão sobre as grandes questões humanas: a vida, a morte, o amor, o sofrimento, o mal, o relacionamento com Deus e com os outros, a vida social.

Os sábios de Israel modelaram toda essa reflexão através de sua fé em um só Deus. A verdade frontal da sabedoria é Deus. A única maneira de obtê-la é ter uma relação estreita e cheia de respeito com esse Deus, que é o que a Bíblia chama de temor de Deus.

Esta sabedoria não é alcançada pelo esforço humano. É um dom e comunicação com Deus. Por fim, entende-se como a própria ação criadora de Deus.

No âmbito sapiencial, o centro de interesse e de atenção desloca-se do povo, enquanto tal, para o indivíduo; da História, para a vida quotidiana; da situação peculiar de Israel, para a condição humana universal; das vicissitudes históricas do povo da Aliança, para a existência no mundo enigmático da criação; das intervenções prodigiosas de Deus, para as relações entre causa e efeito; da esfera da Lei e do culto, para o mundo das opções livres e da iniciativa pessoal; da autoridade de Deus, para a esfera da experiência e da tradição humana; dos oráculos dos profetas, proclamados como palavra de Deus, para o uso de todos os recursos da razão e da prudência, em ordem à orientação da própria vida; da imposição da Lei, para a força persuasiva do conselho e da exortação; do castigo, apresentado como sanção externa, para a consequência negativa, resultante de uma escolha errada ou de um ato insensato.

Ao contrário da palavra profética, a sabedoria exige o empenho de todas as capacidades e dons de que o ser humano dispõe (Eclesiástico 15,14-20; 17,1-14). Mais do que procedendo do alto, como a Lei, a Profecia e a própria História, a sabedoria surge e cresce a partir de baixo, ou seja, da experiência humana.

Sábio é quem sabe adaptar-se a esse sistema cósmico, descobrir o seu mecanismo operativo e entrar na sua essência. “Insensato”, ou mesmo “ímpio”, é quem não descortina as regras desse jogo ou não se interessa por elas.

O mundo que o sábio procura conhecer é o mesmo que foi criado por Deus: um mundo que não é fundamentalmente hostil, porque foi criado bom desde o princípio (Gn 1); um mundo que se submete a Deus e do qual o próprio homem é constituído senhor (Gn 1,3-31). A principal preocupação dos Sábios é o destino pessoal dos indivíduos.

É sintomática a insistência dos sábios de Israel com a ideia do temor de Deus, sobretudo no período mais tardio: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria”. (Pr



1,7) É que, sem o temor de Deus, qualquer tipo de sabedoria perde o seu próprio fundamento e, por isso, a sua validade para uma reta condução da vida.

Em síntese, mediante a aplicação da inteligência e da reflexão, a sabedoria acaba por constituir a mentalidade dominante no Judaísmo do pós-exílio, recuperando e atualizando, tanto o patrimônio peculiar de Israel enquanto povo da aliança, como a sua experiência humana mais vasta, comum a outros povos da região do Médio Oriente.

Esta teologia sobre a sabedoria prepara já o ambiente para o Novo Testamento, onde Jesus aparece como aquele que é “mais sábio do que Salomão” (Mt 12,42), e “a sabedoria de Deus” (1Cor 1,24.30), o único meio de salvação para todos (Jo 14,6), porque Ele é a sabedoria não criada que se incarnou no seio da humanidade.

#### **c) E quem foram esses sábios de Israel?**

Os sábios em Israel são parte dos guias espirituais, como o sacerdote e o profeta. O mestre, o ancião e o pai são suas figuras mais representativas. Eles ensinam o discípulo, o jovem e a criança.

A tradição bíblica fez de Salomão o sábio por excelência e, por isso, lhe foi atribuído a maior parte dos livros sapienciais e poéticos.

#### **d) O que eles querem?**

Os sábios querem aprender a mover-se com acerto na vida e tentam ensinar aos homens com quem vivem. Eles se esforçam para encontrar uma harmonia e um sentido no mundo que os conduzam para uma vida bem-sucedida. Eles usam a sua própria experiência, observação, reflexão e fé.

#### **e) Como ensinam?**

Os sábios não obrigam e nem impõem. Exortam e persuadem. Convidam a ver, ouvir, comprovar, julgar, para que ao final, quem escuta, reflita e decida por si mesmo. Sua doutrina é aberta: inclui perguntas e interrogações; incentiva a descoberta; às vezes cria problemas e conflitos. Usam o provérbio ou refrão, a fábula, o poema, o enigma, o relato e a oração sapiencial.

A tarefa dos sábios de Israel se assemelha, em alguns aspectos, aos pensadores que hoje refletem sobre a vida dos homens do nosso tempo. Seu ensino é elaborado coletando lições que lhes apresentam por experiência própria ou de outrem.

Os sábios se deixam conduzir pela fé e se envolvem no mistério que envolve o mundo e o homem. Descubrem como Deus fala ao homem desde que tudo foi criado. Eles afirmam que o "temor de Deus" é o princípio da sabedoria. Não é medo, mas respeito, fidelidade e confiança neste Deus que sustenta o homem.

Eles prenunciam Cristo, "sabedoria de Deus". Talvez a contribuição mais importante destes livros sapienciais é falar sobre a sabedoria de Deus como um dom e comunicação do seu mistério. A "sabedoria de Deus" nos é comunicada plenamente na pessoa de Cristo.

#### **f) Quais são esses Livros Sapienciais?**

Esses livros são:

- **Jó:** apresenta o problema do sofrimento num estilo poético. Esse Livro trata-se, provavelmente, de uma parábola.
- **Eclesiastes:** não se sabe ao certo quem o escreveu. Mostra a instabilidade e a insegurança da vida presente, mas também muitas coisas boas que vem de Deus.
- **Provérbios:** parte deste Livro foi escrita pelo rei Salomão – filho do rei Davi. O autor fala de um Deus criador e justo, misericordioso e inefável.
- **Cântico dos Cânticos:** significa “O canto por excelência” ou “O mais belo dos cânticos”. É um cântico de amor, bem no estilo oriental. Toma como exemplo o amor do esposo e da esposa, mas quer mostrar o amor de Deus com o seu Povo, com quem fez uma Aliança.
- **Eclesiástico:** conhecido também como “Sirac”. Foi escrito mais ou menos no ano 120 a. C. Mostra o valor estável da Lei de Deus.
- **Sabedoria:** foi escrito por um judeu que morava no Egito. O nome do autor não se sabe. Fala da imortalidade da alma e do destino eterno do homem.
- **Salmos:** salmos quer dizer “Louvores”. São poesias para serem cantadas. Ao todo são 150 Salmos. Boa parte foi composta pelo rei Davi. Os Salmos são um livro de características especiais, embora integrado neste conjunto.

#### **7.4- Jó**

Trata-se de um livro escrito entre o século V e III a. C., e tinha por principal objetivo questionar a teologia da sua época, segundo a qual o sofrimento é

consequência direta do pecado pessoal de quem sofre. Em geral pensava-se que a fidelidade a Deus era recompensada nesta vida com bens materiais e familiares, com a boa saúde e a vida longa, e, ao contrário, a infidelidade, punida com o insucesso e as diversas desgraças da vida presente. Não se tinha ainda a fé na vida para além da morte.

O livro apresenta Jó, um homem verdadeiramente fiel a Deus, indicado até mesmo como modelo para os anjos, que, no entanto, misteriosamente, é duramente provado pela perda de seus bens, de seus filhos, de sua saúde e de sua dignidade.

**a) Como entender uma coisa dessas?**

- O drama do inocente: o drama de Jó é o de todo crente que sofre sem motivo. Jó acredita em Deus, em um Deus justo e todo poderoso. Sofre e inicia um exame de consciência (sobre a justiça e o amor ao próximo). E se julga inocente.
- Doutrina tradicional: seus amigos são responsáveis por apresentar as teses tradicionais: "Se você sofre é porque pecou". Tiram a conclusão de que Jó não pode ser inocente e se apresentam a ele para declarar este juízo em nome de Deus.
- Contenda com Deus: o grito de Jó é um grito de maldição para o dia de seu nascimento, princípio de todos os males que sofria. Seu caso é de um homem que sofre sendo inocente. Armado desta inocência deixa seus amigos e se dirige a Deus. O objeto de seu pleito não é o sofrimento, mas a sua inocência. Acusa Deus de destruir, e não de cuidar de suas criaturas. Chega a desejar que houvesse um juiz neutro entre Deus e ele. Este não é um diálogo, mas um monólogo. Deus permanece ausente ou em silêncio.
- Resposta de Deus: finalmente, a resposta de Deus levará a Jó a um encontro pessoal. Ali, ao ver-se simplesmente diante de Deus, deixará de acreditar que é inocente. Javé lhe mostra que está presente em tudo. Deus não destrói, mas ama suas criaturas. Esta não é uma resposta para o problema. Pelo contrário: o afunda no mistério. Mas Jó, que estava diante de Deus, se prostra em adoração e encontra o seu descanso nesta misteriosa presença.
- Resposta final de Jó: em sua última resposta, Jó reconhece a necessidade de seu conhecimento sobre Deus. Sabia a teoria e falava de ouvido como seus

amigos. O encontro com o Deus vivo faz recuperar a atitude reta da criatura diante de Deus. Desprendido de sua inocência, se prostra diante do mistério. Jó buscava a Deus na luta. Por fim, ele se sentiu encontrado por Ele. E este encontro foi para Jó um novo conhecimento do mistério insondável de Deus. A única atitude possível para o crente é a atitude da confiança.

- Conclusão do livro: a conclusão do livro não deixa de salientar que Jó recuperou seus bens. É um sinal de que a Palavra também diz: que Deus lhe dá a razão. E paralelamente se faz um julgamento negativo dos amigos de Jó.

#### **b) Conclusões para o homem de hoje**

- Fidelidade: Jó é um homem que se mantém fiel ao longo de toda sua vida. Alimenta sua fidelidade com a busca da verdade, sem compromisso. Manifesta seu amor desinteressado e gratuito. Chega a um ato de silenciosa adoração do mistério de Deus, embora tenha passado pela rebelião e pela acusação.
- Não fugir nem afundar: a atitude de Jó nos ensina muito sobre como suportar a dificuldade sem fugir, sem afundar, sem precipitar soluções, que logo se revelam incompletas, ou então falsas. E essa fidelidade deve ser vivida quando o nosso apoio, ordinário ou extraordinário, colapsa.
- Amar apesar de tudo: perder a saúde ou a compreensão dos amigos; sentir como se obscurecesse o rosto de Deus e nossas ideias sobre ele, a Igreja, o mundo e escurecer os homens, e mesmo assim, caminhar fielmente, revelando aos homens de todos os tempos um amor que é fruto do desinteresse e não do egoísmo.

### **7.5- Eclesiastes**

O livro do Eclesiastes é parecido com o livro de Jó, uma vez que ambos tratam da questão do sofrimento.

#### **a) O livro do pregador**

O nome Eclesiastes é, em grego, Qohelet, designando assim a quem lidera a discussão em uma assembleia. Foi traduzido como “o pregador”. O autor se identifica

com Salomão, mas este atributo é mera ficção literária do autor, que coloca suas reflexões sob o patrocínio do mais ilustre dos Sábios de Israel. Parece que foi escrito durante o período de domínio grego, antes do ressurgimento da fé e da esperança do tempo dos Macabeus.

#### **b) A crítica da sabedoria tradicional**

Como o livro de Jó, Eclesiastes representa o exemplo mais claro de oposição à sabedoria tradicional. O autor se pergunta sobre qual o sentido da vida, e encontra uma diferença entre o que a fé afirma e o que os olhos veem.

O Eclesiastes não vê confirmada, pela experiência, a doutrina tradicional da retribuição, com suas promessas de vida próspera aos justos e ameaça de ruína aos perversos.

#### **c) A vaidade das coisas humanas**

O livro não tem um plano definitivo, mas sim variações sobre um único tema: a vaidade das coisas humanas, que é afirmada do início ao final do livro. Tudo é falso: a ciência, a riqueza, o amor e até mesmo a própria vida. Esta não é mais que uma série de atos incoerentes e sem importância (Ecl 3,1-11), que conclui com o envelhecimento (Ecl 12,1-7) e com a morte. Isto afeta igualmente sábios e tolos, ricos e pobres, os animais e os homens (Ecl 3,14-20).

#### **d) Aproveitar as pequenas coisas**

O autor é pessimista sobre a vida, pois tudo é mal. Seguindo essa visão da realidade, dá conselhos para aproveitar o pouco de alegria e o pequeno dom como oferta que existe, sabendo de que é dom de Deus. “Aproveite enquanto você é jovem e tenha um bom tempo na juventude” (Ecl 11,9).

Conclusão: no final, o autor afirma: “Temei a Deus e guardai os seus mandamentos, porque isto é ser homem; Deus vai julgar todas as ações, embora ocultas, boas ou más” (Ecl 12,13). O Eclesiastes influenciou a literatura eclesiástica que destaca o “desprezo pelo mundo”. Mas, também, dá uma lição de desapego dos bens terrenos e, ao negar a felicidade dos ricos, prepara o mundo para ouvir que são “os pobres bem-aventurados” (Lc 6,20).

## 7.6- Provérbios

O livro dos Provérbios traz a riquíssima sabedoria que o povo judeu armazenou durante a vida muito sofrida, especialmente no exílio. Conforme declara a sua introdução, tem como propósito ensinar a alcançar a sabedoria, a disciplina e uma vida prudente, e a fazer o que é correto, justo e digno. Em suma, ensina a aplicar e fornecer instrução moral.

O termo provérbio vem do hebraico “Meschalim”, que quer dizer “Máximas”. O livro consta de nove coleções de máximas, as mais antigas atribuídas a Salomão.

Tal como no aspecto literário, também no doutrinal este livro não apresenta unidade. De uma forma genérica, ensina a arte de bem viver, pondo em relevo a preocupação pelos simples, especialmente importantes para os jovens sem experiência, procurando inculcar-lhes uma personalidade firme, guiada pela sabedoria e piedade filial, evitando a preguiça, o vinho, as más companhias, as mulheres de má vida, os desmandos da língua, a iniquidade.

Esta moral pode parecer apenas natural e laica; mas não há dúvida que a religião é a base de toda a moralidade dos Provérbios. Por isso, “o temor do Senhor”, princípio e coroamento da sabedoria, fonte de felicidade, aparece como chave e fecho deste livro (1,7; 31,30), embora não sejam muitas as referências diretas à lei, ao culto e à aliança, noções fundamentais na religião hebraica.

### **a) Sabedoria israelita e estrangeira**

O livro dos Provérbios é o mais característico do gênero literário chamado sapiencial, devido à sua forma (especialmente o refrão ou sentença artística) e pelo ensinamento que oferece. É uma coleção muito diversa contendo sabedoria israelita e estrangeira.

### **b) Sabedoria humana**

Ele não é dirigido ao povo, mas para o indivíduo. Este ensinamento dos sábios ajuda o homem a mover-se corretamente em situações diferentes que enfrenta e diante de realidades diversas: a vida em sociedade, a justiça, o governo, os negócios, o trabalho e o descanso, a alegria e o sofrimento.

### **c) Sabedoria prática sobre as situações, relações e valores**

Na verdade, os sábios gostam dos bens do mundo e cantam a alegria de serem sábios, que coincide em serem bons. A sabedoria supera todos os valores. Refletem

em seus escritos o interesse vivo pela honradez, a equidade e a justiça. Ensinam a apreciar o autodomínio, a moderação no falar e humildade no trato com as pessoas. Condenam firmemente a inveja, o desprezo do pobre e a burla do necessitado. Louvam com ardor o amor, a amizade e a franqueza.

#### **d) Sabedoria teológica**

Não é um ensinamento que não leva em conta a religião ou que pretenda um fim utilitário. De cada sete provérbios, um é explicitamente religioso. Os sábios consideram a limitação do homem e não esquecem que existe o mistério. Mas tem confiança n'Ele. A confiança dos sábios na ordem do mundo é, definitivamente, a confiança em Deus criador e justo. O temor de Deus é o fundamento da sabedoria.

### **7.7- O Cântico dos Cânticos**

O livro do Cântico dos Cânticos quer dizer “o mais belo dos cânticos”. O tema do livro é o amor de um homem, que é o rei Salomão, por uma jovem chamada de “a Sulamita”, guarda de vinhas e pastora.

É uma série de poemas onde se celebra o amor mútuo de um Amado e de uma Amada, em toda a sua densidade carnal e com todo o realismo.

Esta coleção de cânticos celebra o amor humano legítimo, amor que consagra a união dos cônjuges. O tema não é só profano; é também religioso, já que Deus abençoa o matrimônio. Num período da história em que a mulher era escrava do homem, esses cantos são extraordinários, com o frescor de um amor que não exclui as dificuldades.

As fortes cenas de amor são uma forma oriental de se expressar e não devem nos impressionar ou levar-nos a conclusões erradas; são fortes para mostrar o quanto Deus ama a humanidade.

#### **a) Origem e autor**

O livro é atribuído a Salomão. É o costume que já conhecemos. O fato reflete a imagem deste rei como sábio e poeta, onde, em alguns cantos, é lembrado a sua pessoa.

Mas, o livro surgiu muito mais tarde. Sem dúvida, apresenta alguns poemas de amor de origem popular, cantados ao entardecer, mas há também neles a mão de um artista que não somente o coletou, senão que também acreditou na sua importância.

### **b) Amor de Deus e seu povo**

Embora o texto nunca cita o nome de Deus, judeus e cristãos leem nestas canções de amor uma expressão do relacionamento de Deus com o Seu povo. "A alegria que encontra o marido com sua esposa, Deus vai encontrar contigo".

São Paulo viu nele o símbolo profundo do amor de Cristo pela sua Igreja. São João da Cruz, Santa Teresa de Jesus e muitos outros místicos se valem da linguagem dos Cânticos para expressar a experiência mística de seu amor sagrado. E é normal, porque o amor humano é um reflexo de Deus, pois "Deus é Amor".

## **7.8- Eclesiástico ou Sirac (Deuterocanônico)**

A tradução grega é "Sabedoria de Jesus filho de Sirac". Os cristãos de língua latina o chamavam de "Ecclesiasticus", já que era usado para ensinar os bons costumes aos catecúmenos que se preparavam para o Batismo.

Era o livro da "Ecclesia" (Igreja). É um pouco parecido com o livro dos Provérbios, mas revela uma fase mais avançada do pensamento dos judeus. Já os judeus não o incluem em seu cânone de livros inspirados.

Foi escrito por Jesus Ben Sira em Jerusalém, por volta do ano 190 a. C. Daí o nome "Siracida". Um neto do autor o traduziu do hebraico ao grego em Alexandria. O texto original em hebraico foi perdido.

### **a) Objetivo**

Ben Sira conhecia bem os livros sagrados, a Lei e a tradição religiosa judaica. Escreveu esta obra para defender este patrimônio cultural e religioso do fascínio exercido pela cultura grega sobre muitos judeus e que os governantes estrangeiros queriam impor. Com seu livro, não só conseguiu salvar o tesouro espiritual do seu povo, mas ajudou a formar a personalidade daqueles que irão defender a fé durante a revolta dos Macabeus.

### **b) Conteúdo**

O autor ensina as regras de uma vida reta nas relações com a família e com os forasteiros, com os idosos e com os jovens, com os senhores e com os servos, com as mulheres, com Deus.



Recomenda virtudes e aponta deveres, como a piedade com os pais, a paciência no sofrimento, a ajuda aos necessitados, a hospitalidade, a compostura no comer, o silêncio quando necessário, a moderação em todas as coisas.

Denuncia vícios nocivos, como a preguiça, a duplicidade no comportamento, a negligência e a frouxidão moral.

Inclui hino ao temor de Deus (Si 1,9-20), tão bonito como o hino ao amor em 1Coríntios 13, e grandes definições e cânticos à sabedoria.

### **7.9- Sabedoria (Deuterocanônico)**

O Livro da Sabedoria (ou Sabedoria de Salomão) é um dos maiores livros deuterocanônicos da Bíblia. Possui 19 capítulos. É normalmente atribuído a Salomão, porém estudos indicam que foi escrito por um judeu de Alexandria nos últimos decênios do século I a. C. Foi o último livro do Antigo Testamento a ser escrito, sendo, portanto, fictícia a atribuição a Salomão.

Seu objetivo foi de fortalecer a fé dos judeus que viviam nesta região, de modo a não aderirem à religião dos povos desta região. Muitos judeus viviam nesta rica cidade fundada por Alexandre Magno (†324 a. C). O autor exalta a Sabedoria judaica, cuja origem é Deus; e quer mostrar que ela nada é inferior à grega, que domina Alexandria.

Alexandria era um importante centro político e cultural grego, e contava com cerca de 200.000 judeus entre seus habitantes. A cultura grega, com suas filosofias, costumes e cultos religiosos, além da hostilidade que, às vezes, incluía perseguição aberta, constituíam uma ameaça constante à fé e à cultura do povo judaico que habitava no Egito. Para não serem marginalizados da sociedade, muitos deixavam os costumes e até mesmo a fé, perdendo a própria identidade para se conformar a uma sociedade idólatra e injusta.

O autor do Livro da Sabedoria, profundamente alimentado pelas Escrituras e pela consciência histórica do seu povo, enfrenta a situação, escrevendo um livro que procura de todos os modos reforçar a fé e ativar a esperança, lembrando o patrimônio histórico-religioso dos antepassados.

Ele ensina a verdadeira sabedoria que conduz a uma vida justa e à felicidade. Não se trata da cultura que se conquista pelo pensamento, mas da sabedoria que vem de Deus, opondo-se à idolatria e à vida injusta que nasce dela.

Esta sabedoria divina guiou magistralmente a história do povo de Deus, revelando que a verdadeira felicidade pertence aos amigos de Deus. Em outras palavras, o autor quer mostrar que a sabedoria ou senso de realização da vida não é apenas um fruto do esforço do homem, mas é, em primeiro lugar, um dom que Deus concede gratuitamente aos seus amados.

#### **a) Divisão do Livro**

O livro se divide em três partes:

- A primeira parte abrange os capítulos 1-5: a sabedoria é apresentada como fonte de felicidade e da imortalidade;
- A segunda parte abrange os capítulos 6-9: reflete sobre a origem, a natureza e as propriedades da Sabedoria. Esta parte termina com a oração de Salomão para pedir a sabedoria; e,
- A terceira parte abrange os capítulos 10-19: apresenta a sabedoria e a justiça atuando na história. Esta parte subdivide-se em três partes:
  - 10-12: a Sabedoria salva o justo e castiga os injustos;
  - 13-15: a idolatria é o caminho oposto da Sabedoria; e,
  - 16-19: lembrança da história do êxodo com um forte contraste entre o destino de Israel e o dos egípcios.

#### **b) Leitura Cristã**

Foi o livro da Sabedoria, originário do ambiente cultural grego onde a filosofia platônica proporcionava a ideia da imortalidade espiritual, sem a necessária ligação com o elemento material, que veio a afirmar pela primeira vez e de um modo explícito: “Deus criou o homem para a imortalidade” (Sb 2,23).

Um novo caminho se abre à reflexão sapiencial sobre o destino do justo infeliz: depois da morte, a alma fiel gozará de uma felicidade eterna junto de Deus, enquanto os ímpios receberão o devido castigo (Sb 3,1-12).

## **7.10- Livro dos Salmos**

É o maior livro de toda Bíblia e constitui-se de 150 (ou 151, segundo a Igreja Ortodoxa) cânticos e poemas proféticos, que são o coração do Antigo Testamento; é a grande síntese que reúne todos os temas e estilos dessa parte da Bíblia, utilizados pelo antigo Israel, como hinário no Templo de Jerusalém, e hoje são utilizados como orações ou louvores, no Judaísmo, no Cristianismo e também no Islamismo (o Corão no capítulo 17, verso 82, refere os salmos como "um bálsamo").

Tal fato, comum aos três monoteísmos semitas, não tem paralelo, dado que judeus, cristãos e muçulmanos acreditam nos Salmos, que foram escritos em hebraico, e depois traduzidos para o grego e latim.

### **a) Origem**

A autoria da maioria dos salmos é atribuída ao rei Davi, o qual teria escrito pelo menos 73 poemas. Asafe é considerado o autor de 12 salmos. Os filhos de Corá escreveram uns nove e o rei Salomão, ao menos dois. Hemã, com os filhos de Corá, bem como Etã e Moisés, escreveram no mínimo um cada. Todavia, 51 salmos seriam tidos de autoria anônima.

### **b) Poemas de louvor**

Os salmos foram inicialmente transmitidos através da tradição oral e a fixação por escrito teve lugar, sobretudo, através do movimento de coleta das tradições israelitas, iniciado no exílio babilônico pelo profeta Ezequiel (séculos VII-VI a. C.).

### **c) O período em que os Salmos foram compostos**

Varia muito, representando um lapso temporal de aproximadamente um milênio, desde a data aproximada de 1.440 a. C., quando houve o êxodo dos Israelitas do Egito até o cativeiro babilônico, sendo que muitas vezes esses poemas permitem traçar um paralelo com os acontecimentos históricos, principalmente com a vida de Davi, quando, por exemplo, havia fugido da perseguição promovida pelo rei Saul (Salmos 18, 52, 54) e de seu próprio filho Absalão (Salmo 3) ou quanto ao arrependimento pelo seu pecado com Bate-Seba (Salmo 51).

Os Salmos são também poesia, que é a forma mais apropriada para expressar os sentimentos diante da realidade da vida permeada pelo mistério de Deus, o aliado que se compromete com o homem para com ele construir a história. É Deus participando da luta pela vida e liberdade.

Dessa forma, os salmos convidam para que também nós nos voltemos com atenção para a vida e a história. Neles descobrimos o Deus sempre presente e disposto a se aliar, para caminhar na luta pela construção do mundo novo.

#### **d) Os Salmos são orações**

O livro dos Salmos é um dos mais citados pelos escritores do Novo Testamento. O próprio Jesus orava os salmos, e sua vida e ação trouxeram significado pleno para o sentido que essas orações já possuíam.

Depois dele, os salmos se tornaram a oração do novo povo de Deus, comprometido com Jesus Cristo para a transformação do mundo, em vista da construção do Reino.

A oração conhecida por rosário, com as suas 150 Ave Marias, formou-se por analogia com os 150 salmos do Ofício.

Outra forma muito popular é organizar listas de Salmos por finalidade, isto é, salmos para serem rezados em determinadas ocasiões, como festas, doenças, colheitas ou funerais. Historicamente, a primeira destas listas foi organizada a partir da prática de Santo Arsênio da Capadócia, que rezava um salmo como uma oração com certas finalidades.

São orações que nos conscientizam e engajam na luta dentro dos conflitos, sem dar espaço para o pieguismo, o individualismo ou a alienação.

#### **e) Uma coleção de cantos religiosos**

Tal como em outras tradições culturais, também a poesia hebraica andava estreitamente associada à música. Assim, embora não seja de se excluir para os salmos a possível recitação em forma de leitura, todavia, dado o seu gênero literário, com razão são designados em hebraico pelo termo “Tehillim”, isto é, “cânticos de louvor”, e, em grego “psalmói”, ou seja, “cânticos acompanhados ao som do saltério”, ou ainda: oração cantada e acompanhada com instrumentos musicais.

Os salmos acabaram por constituir um hinário litúrgico para uso no templo de Jerusalém, do qual transitaram, quer para a sinagoga judaica, quer para as liturgias cristãs.

Na Igreja Católica, os 150 salmos formam o núcleo da oração cotidiana: a chamada Liturgia das Horas, também conhecida por Ofício Divino e cuja organização remonta a São Bento de Núrsia.

#### **f) Alguns temas de oração**

- Oração de louvor ao Deus salvador e criador: o louvor aparece na maioria dos salmos. É uma das disposições essenciais diante de Deus.
- Oração de louvor ao Deus próximo: tem em seu povo a sua residência (Jerusalém, templo) e habita em seu coração (a Lei).
- Oração de esperança: Deus é rei e vai estabelecer um reino de justiça, como rei-messias, e não como rei terreno.
- Oração de súplica e de ação de graças: ambas são essenciais ao povo de Deus.
- Oração para a vida: agrupa vários temas que devem ser refletidos pela condição humana.
- Salmos de peregrinação: eram recitados nas três festas de peregrinação à Jerusalém.

#### **g) Valor Espiritual**

Os Salmos foram recitados por Cristo e pela Virgem Maria, pelos apóstolos e pelos primeiros mártires. A Igreja fez deles, sem nenhuma mudança, sua oração oficial. Assim, tem um eco universal, pois expressam a atitude que todo homem deve ter diante de Deus.

#### **h) Novo sentido**

Na Nova Aliança, o fiel louva e agradece a Deus que revelou o segredo de sua vida íntima, e que o resgatou pelo sangue de seu Filho e que lhe infundiu seu Espírito.

As velhas súplicas se fazem mais ardentes, uma vez que a Ceia, a Cruz e a Ressurreição ensinaram ao homem o amor infinito de Deus, a universalidade de seu povo, a gravidade do pecado, a glória prometida aos justos.

Assim, as esperanças cantadas pelos salmistas se realizam. O Messias chegou e reina, e todas as nações são chamadas para louvá-Lo.

**Para refletir:**

- 1) Quais são os livros Sapienciais? O que pode ser destacado em cada um deles?
- 2) O que nos ensinam, de um modo geral, os Livros Sapienciais?
- 3) O que é a sabedoria? E como os sábios de Israel modelaram a fé em um só Deus?
- 4) O que ensina o livro de Jó para o homem de hoje?
- 5) Por que os Salmos são considerados “um livro de orações”? Quais são alguns temas de oração encontrados nos Salmos?

## MESA 8 – OS LIVROS DEUTEROCANÔNICOS

### 8.1- O que são?

Como vimos anteriormente, o cânon da Bíblia é o catálogo ou lista de livros que a Igreja considera inspirados por Deus, chamados, portanto, de livros canônicos.

O cânon se aplica a toda a Sagrada Escritura, e não apenas a uma parte dela. Há 73 livros na Bíblia Católica, sendo 46 do Antigo Testamento e 27 do Novo Testamento.

Sumariamente, podemos dizer que cabe à Igreja determinar quais livros são inspirados e quais não o são, pois ela tem a autoridade recebida de Cristo e a assistência do Espírito Santo.

Contudo, a Igreja não executa essa operação de forma arbitrária, mas através da aplicação de critérios internos e externos, através dos quais lhe é permitido discernir e descobrir a regra de fé e da verdade em um determinado livro.

Há sete livros que, por várias razões históricas, encontram-se no cânon católico romano e não nos cânones hebraico e protestante da Bíblia. Esses Livros são: Tobias, Judite, Macabeus I e II, Eclesiástico e Sabedoria (já vistos nos Livros Sapienciais), Baruc e algumas passagens adicionais de Ester e Daniel. Esses livros são chamados “deuterocanônicos” pelos católicos romanos e “apócrifos” por outros.

A palavra "*deuteros*" vem do grego e significa "segundo". Eles são assim chamados pois, apesar de já constarem no cânon no Concílio de Cartago, no século IV, só foram oficializados pelo Concílio de Trento, no século XVI. Em verdade, eles já se encontravam na versão grega da Bíblia, chamada Septuaginta; só não faziam parte do texto hebraico.

Esses livros, desde sempre, fizeram parte da versão chamada “Bíblia Judaica” escrita em grego, chamada Septuaginta, que foi provavelmente feita a partir de 250 a. C. A Septuaginta foi a versão da Bíblia mais utilizada pelos judeus de língua grega e pelos primeiros cristãos.

Desta forma, podemos ver que o processo de reconhecimento dos Deuterocanônicos foi uma necessidade percebida pela Igreja em oficializar aquilo que já era considerado Sagrada Escritura pela Igreja primitiva.

Os três livros - Tobias, Judite e Ester - apresentam um aspecto comum que deve ser caracterizado antes de passarmos a uma análise particular de cada um.

Não são obras meramente históricas. A intenção de seus autores é manifesta; quiseram servir-se de elementos históricos, já conhecidos, como de moldura, na qual inseriram, sob uma forma concreta, ensinamentos religiosos. Os fatos verdadeiros ou mais ou menos fictícios, embelezados e poetizados, são, portanto, apenas um modo de apresentar esses ensinamentos.

São livros escritos no gênero literário chamado de midrax, que é a narração de um fato histórico com ênfase religiosa, isto é, na ação de Deus que age em defesa dos fiéis, realçando os aspectos edificantes e moralizantes dos fatos narrados, com o intuito de formar os leitores.

São histórias que não se pode saber bem quando ocorreram, e que não se referem a todo o Israel, mas apenas a uma pessoa, família (Tobias) ou cidade (Judite). São livros que podem ser chamados, portanto, de “narrações episódicas ou literatura edificante”, e que mostram a ação de Deus na vida de uma pessoa, de uma família ou de uma cidade que nele confia.

## **8.2- Livro de Tobias**

Quando este livro de Tobias foi escrito, o exílio já tinha terminado há muito tempo. O autor deste relato, tão familiar, relê a história dos patriarcas e dela retira um conto edificante, situado no tempo do exílio.

### **a) Um convite para ser fiel**

O povo está desencorajado, chegando ao ponto de viver isolado de outros povos. Mesmo os mortos são abandonados. O egoísmo e o medo tinham diluído a unidade da fé e da esperança do povo de Deus.

O autor de Tobias quer reanimar o seu povo, lembrando-lhes que Deus se importa com ele e que não se esqueceu de suas promessas. Deus está presente em cada uma de suas vidas, mas oculto. É preciso saber descobri-Lo. Apesar de todas as coisas irem mal, Deus seguirá recompensando a fé do crente.

### **b) Virtudes familiares e obras de misericórdia**

É uma narrativa edificante que destaca os deveres para com os mortos e o conselho de dar esmola. O sentimento de família se expressa com emoção e encanto.



Desenvolve algumas ideias, muito adiantadas, sobre o matrimônio, que prenuncia o conceito cristão.

O livro convida a reconhecer a providência de Deus na vida cotidiana, e a proximidade de um Deus bom.

### **c) História de dois fiéis comuns**

Tobias e Sara, duas pessoas fiéis, são atingidas pela desgraça: excrementos de pardal cegam Tobias; as mortes repentinas de sete maridos sucessivos na noite de núpcias mortificam e humilham Sara.

Em sua tristeza, Tobias e Sara voltam-se à oração. O autor informa aos leitores que a oração deles foi atendida; um anjo foi enviado para trazer-lhes a cura. Entretanto, as personagens não sabem o fim da história e a contínua fidelidade dá testemunho de sua coragem. Sua cura acontece e sua fidelidade é demonstrada em meio às alegrias e tristezas da vida familiar.

As personagens confiam em um Deus que é misericordioso e também justo. Por sua vez, eles agem com misericórdia e justiça para com Deus e uns para com os outros por observância rigorosa da Lei, hospitalidade, doação de esmolas e amor respeitoso dentro da família.

O livro mostra que, embora a fidelidade divina possa estar oculta, os seres humanos são ministros da providência divina, e os acontecimentos humanos comuns são o ambiente para o cuidado fiel de Deus.

## **8.3- Livro de Judite**

O Livro de Judite, mais do que contar uma história, quer oferecer uma narrativa edificante para sustentar a fé e encorajar a resistência, possivelmente durante a perseguição de Antíoco IV.

Estamos diante de uma pequena cidade e uma viúva, desarmada e indefesa contra um inimigo poderoso. Um símbolo eloquente da situação em que Israel se encontrava, assolado pela cultura grega invasora, e gestando a revolta dos Macabeus no século 2 a. C.

### **a) Judite**

Ela personifica a sabedoria judaica, o que confunde a cultura babilônica e grega, e protagoniza uma história semelhante à libertação contida no Êxodo.

Assemelha-se ao modelo de mulheres como Dalila, que usam da sedução para vencer o inimigo. Mas, à sua atração física, como arma de sedução, Judite adiciona uma conduta irrepreensível e uma confiança inabalável em Deus.

#### **b) A história**

Uma cidade israelita é sitiada por Holofernes, comandante-em-chefe do exército assírio. Os chefes da cidade desesperam-se da ajuda de Deus e declaram que se a libertação não vier dentro de cinco dias, eles se renderão.

Ao ouvir a decisão dos anciãos, uma bela viúva – judia observante – repreende-os por sua falta de fé. Reza, colocando-se nas mãos de Deus. Finalmente, prepara sua arma – a beleza. Como Deus age por meio da beleza dela, ela degola Holofernes e liberta seu povo.

A mensagem do livro é que a vitória vem não do poder humano, mas pelo poder de Deus. Deus liberta o povo fiel quando e do modo que deseja.

Embora o modo de libertação possa parecer insensatez do ponto de vista humano, a história de Judite demonstra que os verdadeiros insensatos são os que colocam sua confiança no poder e nas armas dos homens. Todo o exército de Holofernes fica indefeso contra a arma divina – a beleza de uma mulher fiel.

#### **c) O Deus de Judite**

O Deus em que Judite crê é: "Deus dos humildes, socorrista dos pequenos, defensor dos fracos, defensor dos desanimados" (Judite 9,11), e que "acolhe seu clamor e lhe ajuda em sua tribulação" (Judite 4,13).

#### **d) É Deus quem atua e salva**

No capítulo final de Judite aparece um hino de júbilo pela proeza desta mulher corajosa, símbolo da resistência às pretensões de qualquer dominador. Ela é a glória de Jerusalém, a alegria de Israel, o orgulho do seu povo (Judite 15,9). Mas eles sabem que é Deus quem salva. Ele escolheu os meios mais fracos: a mão de uma mulher.

### **8.4- Livro de Ester**

Embora o relato tenha muitos elementos de uma ficção literária, o ponto de partida pode ser historicamente correto: uma perseguição religiosa desencadeada contra o povo judeu.

O autor nos leva, por meio de Ester, ao Império Persa, onde uma minoria de judeus, na diáspora, vive a angústia de uma perseguição. Esta é a situação de Israel durante a dominação helênica e governo tirânico de Antíoco IV.

#### **a) Líder da libertação**

Ester aparece no início do livro unicamente sob a perspectiva de sua beleza, mas vive um processo de identificação progressiva com os seus que estão em perigo. Torna-se o símbolo de resistência ativa à injustiça e encarna a solidariedade de uma mulher crente com o destino de seu povo. Uma órfã fraca se torna a líder que conduz à libertação.

#### **b) O Deus de Ester**

Quando Ester ora, se dirige ao "Deus, que está acima de qualquer homem" e afirma: "Eu não me prostro diante de ninguém senão ante ti, meu Senhor. Proteja-me, que estou sozinha, e não tenho outro defensor fora de ti". Será Ele quem colocará "palavras oportunas" para interceder pelo povo, a quem tirará o medo e fará dela um instrumento para salvar aqueles que foram ameaçados de morte.

#### **c) A festa de Purim**

O final do livro de Ester nos faz ver que a festa de Purim vai sempre comemorar o acontecimento em que os judeus se tornaram livres de seus inimigos, e o mês em que se trocou a tristeza pela alegria e o luto em festa (Est 9,22).

A festa de Purim é caracterizada pela recitação pública do Livro de Ester por duas vezes, distribuição de comida e dinheiro aos pobres, presentes e consumo de vinho durante a refeição de celebração (Est 9,22); outros costumes incluem o uso de máscaras e fantasias e comemoração pública.

### **8.5- Livros I e II Macabeus**

Os livros dos Macabeus contam a história do povo Judeu no tempo da opressão dos sírios, especialmente pelo rei Antíoco IV Epífanes (175-163 a. C.), que queria obrigar o povo a praticar as leis pagãs e rejeitar a lei de Deus.

Levantou-se Matatias, sacerdote, como chefe de guerrilha, e guerreia contra os sírios, com os seus filhos João, Simão, Judas, Eleazar e Jônatas. A revolta dos Macabeus surgiu por esta causa e vai aproximadamente de 175 a 163 a. C., já no limiar da chegada de Jesus.

### **a) 1 Macabeus**

O autor, que escreve por volta dos anos de 100 a. C., é um judeu, nacionalista fervoroso, favorável à dinastia dos Macabeus. Conta a história dos três primeiros: Judas (3-9), Jonatan (9-12) e Simão (13-16). Quer fazer uma história sagrada na linha dos juízes e dos primeiros reis. Mostra Deus libertando o seu povo e salvando-o da desgraça em que se achavam.

Judas Macabeu se destaca como um novo Josué: busca recuperar a independência, a terra e o culto. O medo não o detém. Ele está convencido de que a força vem de Deus. Sua fé é nítida e decisiva: "Deus está do nosso lado".

### **b) 2 Macabeus**

Este livro não é uma continuação de 1 Macabeus; inclusive, ele foi escrito anteriormente a este. O autor escreve para os judeus de Alexandria e sua intenção é despertar o sentimento que formava uma comunidade com os seus irmãos da Palestina.

Ao narrar as proezas de Judas Macabeu, o autor salienta este fato: É Deus quem dá a vitória; daí as orações antes de cada batalha e as intervenções milagrosas. O apego total à sua fé pode levar a render a Deus o testemunho decisivo: o martírio. São celebres o do ancião Eleazar (2M 6,18-31) e, especialmente, o dos sete irmãos (2M 7).

A fé na ressurreição dos corpos é afirmada pela primeira vez aqui (2M 7,9 e 23-29) e na passagem de Dn 12,2-3; também, relacionado com a perseguição de Antíoco Epifânio. Os mártires ressuscitaram para a vida pelo poder do Criador e como retribuição por sua fidelidade.

O livro destaca o mérito de mártires (2M 6,18-20; 7,41) e a intercessão dos santos (2M 15,12-16).

## **8.6- Livro de Baruc**

Discípulo de Jeremias, Baruc é tradicionalmente reconhecido como o autor do livro Deuterocanônico, que leva o seu nome.

No livro de Jeremias, Baruc é apresentado como "escriba" ou "secretário" do profeta (Jr 36,4-32) e estreitamente ligado a algumas etapas da sua vida (Jr 32,12-16), chegando, mesmo, a refugiar-se com ele no Egito (Jr 43,1-7).

Este escrito recebe o nome de Livro de Baruc a partir de 1,1-3, onde o seu autor se apresenta e nos descreve um pouco da história dos desterrados da Babilônia, após a tomada de Jerusalém por Nabucodonosor.

Mas, o nome dado ao autor deste escrito é certamente um pseudônimo, técnica muito comum no campo literário em todos os tempos, e também no mundo bíblico.

Isto é tanto mais provável quanto este livro não remonta ao período do exílio da Babilônia, embora algumas das suas fontes e os episódios narrados se situem nesse contexto. Recolhendo estes elementos, um autor anônimo, que se esconde por trás do nome de Baruc, compôs esta obra a partir de diversas fontes e com gêneros literários diferentes.

O autor denota influências dos profetas da época do Exílio, especialmente de Jeremias, Ezequiel e Segundo Isaías, quer nos temas abordados, quer na forma literária. Também é de salientar a linguagem de tipo sapiencial e mesmo apocalíptico, a que recorre com frequência.

#### **a) Organização do livro**

A obra possui seis capítulos, sendo que a autoria dos cinco primeiros é tradicionalmente atribuída a Baruc, enquanto que a autoria do sexto é atribuída a Jeremias. Podemos destacar:

- Introdução histórica (1,1-14): além de apresentar o livro e o seu autor, relata o efeito que a sua leitura produziu sobre o rei, os nobres e todo o povo.
- Confissão dos pecados, em prosa (1,15 e 3,8): não é mais do que uma espécie de "celebração penitencial" dos exilados da Babilônia.
- Exortação sobre a sabedoria, em poesia (3,9 e 4,4): é composta por uma exortação de tipo sapiencial e um oráculo sobre a restauração de Jerusalém e o regresso do povo (4,5 e 5,9).
- Carta de Jeremias (6,1-72): sob a forma de mensagem dirigida aos exilados da Babilônia, o profeta critica a idolatria, exortando-os a não seguirem os ídolos da cidade para onde tinham sido deportados.

b) Deus não abandona o seu povo.

A obra tem por objetivo mostrar como era a vida religiosa do povo, seus cultos, e tem o mérito de conservar o sentimento religioso dos israelitas dispersos pelo mundo todo após a ruína de Jerusalém e a perda de quase todas as suas instituições.

Mostra como eles conservaram viva a consciência de ser um povo adorador do verdadeiro Deus. Ao mesmo tempo, mostra a consciência que tinham do desastre nacional: não atribuem tudo isso à infidelidade de Javé; ao contrário, reconhecem que os males se originaram por culpa deles próprios: estão assim porque desprezaram a palavra dos profetas, rejeitaram a justiça e a verdadeira sabedoria.

Mas, ao lado dessa consciência de seus pecados, conservam uma viva esperança, pois acreditam que Deus não abandona o seu povo e continua fiel às promessas. Se houver arrependimento e conversão, poderão confiar no perdão divino: serão reunidos de novo em Jerusalém, que é para sempre a cidade de Deus.

### **c) Falsos deuses**

A carta do capítulo sexto é uma carta que nos leva aos templos pagãos, cujos ídolos estão empoeirados e carcomidos de cupim. Esses ídolos, apresentados de forma atraente e grandiosa, não têm vida, nem são capazes de produzir vida: "Não podem salvar ninguém da morte e nem podem livrar o fraco da mão do poderoso. Não são capazes de devolver a vista ao cego, nem de livrar um homem do perigo; não têm compaixão pela viúva nem prestam qualquer ajuda ao órfão. Esses deuses de madeira prateada ou dourada parecem pedras tiradas do morro: quem se ocupa deles só vai passar vergonha. Como, então, pensar ou dizer que são deuses?" (Br 6,35-39).

## **8.7- Livro de Daniel**

O profeta Daniel (nome que significa Deus é meu juiz), é o principal personagem do Livro. Foi escrito por volta do ano 164 a. C., durante a perseguição de Antíoco.

Pela singularidade de seu estilo e conteúdo, o livro é alvo de críticas e especulações diversas a respeito de sua origem. De maneira semelhante, aquilo que se vê em relação a escritos antigos, não há consenso quanto à origem do texto.

Para alguns, trata-se de um escrito apocalíptico, que surgiu no século II a. C., na época em que o rei Antíoco IV queria acabar com a cultura, costumes e religião dos

judeus, e por isso perseguia quem não se sujeitava aos padrões e costumes da cultura grega.

Para uma correta compreensão deste livro, é importante lê-lo junto com os livros dos Macabeus. É uma obra de um mestre da lei, que dá unidade a vários relatos que estavam dispersos.

As datas indicadas no livro não concordam entre si, e nem com a história tal como a conhecemos. Parece ser que algumas tradições antigas, cujo conteúdo é difícil de precisar, tenham servido para uma composição mais tardia.

#### **a) Propósito**

A finalidade do livro é manter e fortalecer a fé e a esperança dos judeus perseguidos por Antíoco Epifânio. Daniel e seus companheiros se encontravam submetidos às mesmas provas: o abandono das exigências da Lei, as tentações de idolatria. Mas, saíram vitoriosos, com a ajuda de Deus. O mesmo vai acontecer ao povo se ele confiar em Deus.

#### **b) Primeira parte (capítulos 1 a 6)**

O livro de Daniel é composto por duas partes distintas. A primeira é uma seção narrativa. Vem para ensinar que os homens que permanecem fiéis a Deus sempre triunfam sobre o orgulho e a maldade humanas.

Deus nunca abandona os seus em meio às dificuldades (como a perseguição, a pobreza, a opressão, a qualquer forma de escravidão, quando os direitos humanos são atropelados, etc.).

#### **c) Segunda parte (capítulos 7-12)**

Descreve várias visões. Ela pertence ao gênero "apocalíptico". Traz uma mensagem que completa a anterior. Vem para ensinar que, se há homens fiéis que morrem em terríveis tormentos, a recompensa tem que ser para uma vida para além da morte.

Afirma claramente a ressurreição dos mortos, em que cada um receberá segundo as suas obras. Faz referência ao Filho do Homem (7,13) e ao seu reino definitivo sobre as nações.

**Para refletir:**

- 1) O que são e quais são os livros Deuterocanônicos?
- 2) Como os livros Deuterocanônicos mostram a ação de Deus em quem Nele confia?
- 3) Quais são as virtudes destacadas no livro de Tobias? Como elas se aplicam à nossa vida?
- 4) Qual é a principal mensagem destacada no livro de Judite? Por que essa mensagem é importante nos dias de hoje?
- 5) Você consegue ter as mesmas atitudes de Ester em sua vida?
- 6) O que pode ser destacado de mais importante no livro dos Macabeus?
- 7) O que pode ser destacado de mais importante no livro de Baruc?
- 8) O que pode ser destacado de mais importante no livro de Daniel?



## BIBLIOGRAFIA

### **Autores Consultados**

ANDERSON, Ana Flora; GORGULHO, Gilberto; SILVA, Rafael Rodrigues da; VASCONCELLOS, Pedro Lima. **História da Palavra I: a primeira aliança**. São Paulo: Paulinas; Valencia, ESP: Siquem, 2003. (Col. Livros Básicos de Teologia, 2).

ASSOCIAÇÃO LAICAL DE CULTURA BÍBLICA. **Vademecum para o estudo da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2000.

BRIGHT, John; BROWN, William. **História de Israel**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2003.

CAZELLES, Henri. **História política de Israel desde as origens até Alexandre Magno**. São Paulo: Paulinas, 1986.

LAMADRID, Antonio G. **As tradições históricas de Israel: introdução à história do Antigo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 1999.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1994.

RODRIGUES, Maria Paula (org.). **Palavra de Deus, palavra da gente: as formas literárias na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2004.

SCARDELAI, Donizete; VILLAC, Sylvia. **Introdução ao Primeiro Testamento: Deus e Israel constroem a história**. São Paulo: Paulus, 2007.

SICRE DIAZ, José Luis. **Profetismo em Israel**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Airton José da. "A história de Israel na pesquisa atual". In: FARIA, Jacir de Freitas (org.). **História de Israel e as pesquisas mais recentes**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 43-87.

TREBOLLE BARRERA, Júlio. **A Bíblia judaica e a Bíblia cristã**. Petrópolis: Vozes, 1996.

### **Bibliografia Complementar**

ANDIÑACH, Pablo. **Cântico dos Cânticos: o fogo e a ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998. (Col. Comentário Bíblico AT).

ARTOLA, A. Maria. **A Bíblia e a palavra de Deus**. São Paulo: Ave Maria, 1996.

BRIEND, Jacques. **Uma leitura do Pentateuco**. 3ª ed., São Paulo: Paulinas, 1986. (Col. Cadernos Bíblicos, 3).

BROWN, Raymond E., FITZMYER, Joseph A., MURPHY, Roland E. (Editors). **The New Jerome biblical commentary**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1990.

**Colección Cuadernos Bíblicos**, Editorial Verbo Divino.

ECHEGARAY, Joaquim. González; ASURMENDI, Jesús M.; MARTINÉZ, F. García. **A Bíblia e seu contexto**. 2ª ed., São Paulo: Ave Maria, 2000. (Col. Introdução ao Estudo da Bíblia, 1).

GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. **A Bíblia como literatura**. São Paulo: Loyola, 1993.

GIBERT, Pierre. **Como a Bíblia foi escrita: introdução ao Antigo e ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1999. (Col. Estudos Bíblicos).

GRENZER, Matthias. **O projeto do Êxodo**. São Paulo: Paulinas, 2004. (Col. Bíblia e História).

MAZAR, Amihai. **Arqueologia na terra da Bíblia: 10000-586 a.C.** São Paulo: Paulinas, 2003. (Col. Bíblia e Arqueologia).

MESTERS, Carlos. **Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

MONLOUBOU, Louis; LÊVÊQUE, Jean; GRELOT, Pierre; SAULNIER, Christiane. **Os salmos e os outros escritos**. Paulus, 1996.

SCHMIDT, Werner H. **Introducción al Antiguo Testamento**. Salamanca: Sígueme, 1983. (Biblioteca de Estudios Bíblicos, 36).

SICRE, José Luis. **Breve história de Israel**. In: Introdução ao Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 308-318.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 1999. (Col. Bíblia e História).

TERNAY, Henry de. **O livro de Jó: da provação à conversão, um longo processo**. Petrópolis: Vozes, 2001. (Col. Comentário Bíblico AT).

VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. **Sabedoria e sábios em Israel**. São Paulo: Loyola, 1999. (Col. Bíblica Loyola, 25).

VASCONCELLOS, Pedro Lima; SILVA, Valmor da. **Caminhos da Bíblia: uma história do povo de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2003.